

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS POLONESES NO MEMORIAL DA
IMIGRAÇÃO POLONESA EM CURITIBA-PR**

GINA ESTHER ISSBERNER

Joinville - SC
2016

GINA ESTHER ISSBERNER

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS POLONESE NO MEMORIAL DA
IMIGRAÇÃO POLONESA EM CURITIBA-PR**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dra.Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes.

Joinville – SC

2016

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Issberner, Gina Esther

186rAs representações sociais dos poloneses no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba-PR/Gina Esther Issberner; orientadora Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. – Joinville: UNIVILLE, 2016.

143 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade
–Universidade da Região de Joinville)

1.Imigrantes poloneses–Paraná. 2. Patrimônio cultural.3. Museus.
4. Memorial.I.Guedes, Sandra Paschoal Leite de Camargo (orient.).II. Título.

CDD 325.2438098162

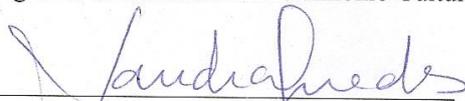
Termo de Aprovação

“Representações Sociais dos Poloneses no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba/PR”

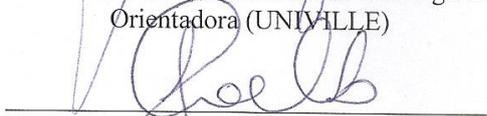
por

Gina Esther Issberner

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

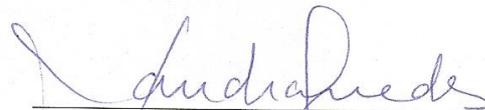


Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)

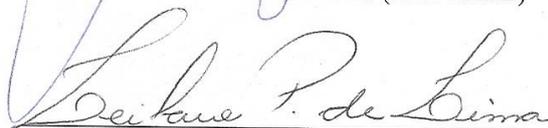


Profa. Dra. Ilanil Coelho
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

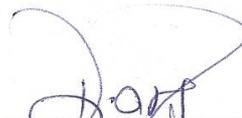
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Leilane Patricia de Lima
(MAE/USP)



Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Maria Luiza Schwarz
(UNIVILLE)

Joinville, 31 de agosto de 2016.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo refletir sobre a importância das representações sociais criadas a partir do Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba. Objetivou, ainda, analisar o processo de implantação do Memorial da Imigração Polonesa na década de 1980; o conceito de memorial e seus diferentes usos; as representações sociais dos imigrantes poloneses percebidos pelos visitantes, gestores e idealizador do Memorial e os conceitos de patrimônio cultural e consumo aplicado na dinâmica sociocultural do Memorial. Constatamos que, o Memorial é visto como equipamento urbanístico inserido em uma proposta de *city marketing*, constatação essa que pode ser reforçada pela ausência de um projeto museológico para o memorial em estudo. A reflexão a respeito das representações sociais na ótica dos visitantes, gestores e idealizador ocorreu em consonância aos conteúdos desenvolvidos a partir de pesquisa qualitativa que envolveu revisão bibliográfica, levantamento documental, 03 entrevistas semiestruturadas gravadas com os responsáveis pela implantação e gestão do Memorial, como também a aplicação de 50 questionários junto a visitantes do memorial, maiores de 21 anos, de ambos os sexos. A partir do entendimento sobre os memoriais enquanto espaço de memória, inseridos nos estudos relativos aos museus, patrimônio cultural e representações sociais - na sua vertente teórica de Serge Moscovici -, fundamentamos o conteúdo das entrevistas e questionários de campo com a metodologia da análise crítica do discurso. O resultado da análise das representações sociais dos poloneses no Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba, além de revelar que a imagem do imigrante polonês no Memorial está correlacionada com a imagem do polonês de hoje, apontou uma necessidade maior de procurar compreender como as representações e as narrativas dos discursos se relacionam com o processo de interpretação do sujeito polonês no Memorial.

Palavras-chave: Memorial, Representações Sociais; Museus; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to discuss the importance of the social representations created by the Polish Immigration Memorial in Curitiba, and to analyze the process of setting up the Polish Immigration Memorial in the 1980s; the memorial's concept and its different uses; the social representations of Polish immigrants perceived by visitors, managers and the memorial's designer, as well as the concepts of cultural heritage and consumption applied to the memorial's socio-cultural dynamics. We find that the memorial is seen as an urban tool inserted in a proposal of *city marketing*. This finding can be strengthened by the absence of a museum-based project for the memorial under consideration in this study. The consideration regarding social representations from the viewpoints of visitors, managers and the memorial's designer occurs in line with the contents developed from qualitative research, which encompasses bibliographical review, documental survey, three semi-structural interviews recorded with the people responsible for the memorial's implementation and management, as well as the application of 50 questionnaires to both male and female visitors to the memorial, who were over 21 years of age. With the view that memorials are places to evoke memories, which are part of studies on museums, cultural heritage and social representations – true to the Serge Moscovici theoretical model, we based the contents of the interviews and field questionnaires on the Critical Discourse Analysis methodology. The result of the analysis of social representations of Polish people within the Polish Immigration Memorial in Curitiba, besides revealing that the image of the Polish immigrant is correlated to the image of the Polish people nowadays, demonstrates a greater need to understand how the representations and questionnaire interview narratives are related to the process of interpretation of Poles within the memorial.

Keywords: Memorials, Social Representations; Museums; Cultural Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica de Curitiba	15
Figura 2 - Imigrantes no centro de Curitiba. Década de 1920	16
Figura 3 - Moradora de uma das casas inundadas da Colônia Tomás Coelho, 1987	24
Figura 4 - Localização em relação ao entorno do Memorial.....	31
Figura 5- Antigos proprietários da área onde foi construído o Bosque Estadual João Paulo II, 1915.....	32
Figura 6 - Localização e acesso do memorial em relação ao entorno	33
Figura 7-Portal Polonês próximo à entrada do Memorial	34
Figura 8 - Entrada do Memorial, ponte do rio Belém.....	35
Figura 9 - Capela dedicada à N ^a Sr. ^a de Czestochowa situada no MIP	37
Figura 10- Interior da capela ornamentada para dia de Nossa Senhora de Czestochowa, Padroeira da Polônia.	38
Figura 11 - Inscrição na viga central da capela. MIP.....	38
Figura 12 - Loja de artesanato e espaço administrativo.MIP	40
Figura 13- Interior da loja de artesanato.MIP	41
Figura 14- Edificação utilizada como posto da guarda municipal e como local de armazenamento de acervo.MIP.....	42
Figura 15 - Museu da habitação, antes da pintura branca (2011). MIP.....	43
Figura 16 - Imagem recente do interior do museu da habitação. MIP.....	44
Figura 17 - Local de armazenamento de acervo do Memorial. MIP	44
Figura 18 - Casa com exposição de objetos agrícolas. MIP	45
Figura 19 - Exposição agrícola vista da entrada da edificação. MIP	46
Figura 20 - Casa de Eventos e exposição temporária. À direita, escultura de Nicolau Copérnico de costas para o Memorial	47
Figura 21 - No palco do Memorial, grupo folclórico em celebração à páscoa. Em primeiro plano, cestas de alimentos preparadas para a benção	48
Figura 22 - A divisão do Opłatek, uma espécie de hóstia, constitui um momento solene na mesa dos imigrantes poloneses, nas comemorações natalinas.....	49
Figura 23 - Exposição “Arte em Ovos – Pisanki”. Casa de Eventos do Memorial. Páscoa/2016.....	49

Figura 24 - Escultura do Papa João Paulo II em meio à trilha do Bosque	50
Figura 25 - Escultura de Nicolau Copérnico.....	51
Figura 26- Memorial da Paz em Hiroshima (JP).....	57
Figura 27- Museu Memorial 9/11 em NYC (US).....	59
Figura 28- Memorial Juscelino Kubitscheck em Brasília (DF)	64
Figura 29- Memorial da Resistência em S. Paulo (SP)	65
Figura 30- Projeto Urbanístico do MIP. 1994.....	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária e gênero dos entrevistados do MIP.....	93
Gráfico 2 – Procedência dos entrevistados do MIP.....	94
Gráfico 3 - Grau de escolaridade dos entrevistados do MIP	94
Gráfico 4 - Perfil ocupacional dos visitantes de Curitiba – 42% do total.....	95
Gráfico 5 - Perfil ocupacional dos turistas- 58% do total	96
Gráfico 6 - Qual o motivo da visita? Já visitou antes o Memorial?	96
Gráfico 7 - Se conhece algum polonês, identificou com o Memorial?	101
Gráfico 8 - Principais imagens apuradas nos formulários dos visitantes	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeira pergunta: Como vê o imigrante polonês no cenário do Memorial?	97
Quadro 2-Segunda pergunta: Qual o objeto que mais chamou sua atenção?	98
Quadro 3 - Terceira pergunta: Qual o objeto que mais simboliza o imigrante polonês?	99

LISTA DE SIGLAS

ADC	Análise Crítica do Discurso
COSEM	Coordenação do Sistema Estadual de Museus
FACIAP	Federação das Associações Comerciais e Empresariais
FECOMÉRCIO	Federação do Comércio do Estado do Paraná
FIEP - PR	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM	International Committe for Museology
ICOM	International Conciul of Museums
IHGEP	Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Paraná
IMC	Instituto de Museus e Conservação
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbanístico de Curitiba
MINOM	International Movement for a New Museology
MIP	Memorial de Imigração Polonesa
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCL	Université Catholique de Louvain
UIP	Unidade de Interesse de Preservação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO POLONESA DE CURITIBA	21
1.1 Processo de Criação do Memorial.....	22
1.2 O Bosque João Paulo II e o Memorial	30
1.3 A Trajetória do Imigrante Polonês	51
2 MEMORIAIS E MUSEUS	57
2.1 Os Memoriais	57
2.2 Os Museus e a Trajetória para a Nova Museologia	67
2.3 Patrimônio Cultural, Memória e Identidade.....	72
3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	77
3.1 A Teoria das Representações Sociais e os Museus.....	77
3.2 Abordagem Metodológica da Pesquisa	87
3.3 Bases Teóricas da Análise Crítica do Discurso - ADC	89
3.4 Procedimentos de Pesquisa	91
3.5 As Representações sobre os Imigrantes Poloneses.....	102
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	133
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido por meio de formulário.....	134
APÊNDICE B - Questionário apresentado aos visitantes do Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba.....	135
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido por meio de gravação de voz.....	137

APÊNDICE D - Roteiro das entrevistas com os profissionais envolvidos no processo de implantação do memorial da imigração polonesa em Curitiba.....138

ANEXOS141

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP.....142

ANEXO B - Carta do Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, aos proprietários de imóveis identificados como Unidade de Interesse de Preservação - UIP..143

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como problema de pesquisa compreender quais são as representações sociais, sobre os poloneses, criadas a partir do Memorial de Imigração Polonesa – MIP, em Curitiba, capital do estado do Paraná. A escolha desse Memorial se deu em virtude de seu potencial educativo e cultural junto à sociedade e particularmente, no trabalho de preservação de testemunhos materiais, das memórias e tradições culturais da comunidade polonesa ali desenvolvido.

O Parque Estadual João Paulo II, onde se localiza o Memorial, foi concebido por meio de decreto estadual nº 8299/1986 como uma área de lazer, de manifestações culturais e etnológicas e de preservação da flora e fauna.

A cidade, a princípio denominada Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, data de 1693. “A mudança do nome da vila e da rotina do povoado veio em 1721, com a visita do ouvidor Raphael Pires Pardino” (IBGE, 2016). Até o século XVIII, o perfil dos habitantes era composto por índios, portugueses, espanhóis e brasileiros. “Com a emancipação política do Paraná (1854) e o incentivo governamental à colonização na segunda metade do século XIX, Curitiba foi transformada pela intensa imigração de europeus” (IBGE, 2016)¹. A Figura 1 oferece, por meio de aproximação territorial, a localização da cidade de Curitiba.

¹<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=410690&search=parana|curitiba|infograficos:-historico>

Figura 1 - Localização geográfica de Curitiba



Fonte: Curitiba (2010).

Ao tecermos alguns comentários a respeito do Bosque João Paulo II, popularmente conhecido como Bosque do Papa, mencionamos que sua criação reporta a uma homenagem ao Papa polonês em sua viagem à Curitiba em junho de 1980. Inaugurado em dezembro do mesmo ano, esse Bosque representa um marco da passagem do Papa da Igreja Católica por Curitiba, já que ali foi remontada uma casa típica polonesa, que foi visitada pelo Papa, durante a solenidade, em sua homenagem, ocorrida no Estádio Major Antônio Couto Pereira. Conforme texto no Boletim Informativo da Casa Romário Martins,

[...] o projeto do Parque João Paulo II, Memorial da Imigração Polonesa, além da preservação- a ser intentada a partir de julho de 1981 [...] as velhas casas polonesas se transformaram em merecidas [e] significativa homenagem a todos os imigrantes que aqui realizaram seu projeto de vida (WACHOWICZ, 1981, p.7).

Esta corrente migratória na formação da cidade de Curitiba representou “[...] nada menos do que 40 mil poloneses [...] entre 1870 e 1914, fazendo do Paraná o estado que mais recebeu imigrantes desse grupo” (OLIVEIRA, 2009, p. 230). Portanto, entendemos como significativa a influência polonesa no contexto cultural da cidade.

A Figura 2 apresenta um registro da movimentação urbana de Curitiba na década de 1920, com mulheres imigrantes, com lenços na cabeça, portando cestos com produtos ao lado das carroças que trafegavam pela estrada do Açungui (onde está o Portal Polonês como veremos adiante) até o centro de Curitiba, para a comercialização de hortifrutigranjeiros. A imigração polonesa no Brasil caracterizou-se por ser formada por agricultores, provenientes de condições semi-feudais de vida, “o cheiro do mato, o panorama da criação doméstica e os celeiros abarrotados, faziam-lhe bem à alma” (WACHOWICZ, 1981, p.1). A mata existente no bosque traduz a ambientação natural em que os imigrantes poloneses viviam na maioria das antigas colônias no final do século XIX no Paraná.

Figura 2–Imigrantes no Centro de Curitiba. Década de 1920.



Fonte: Acervo da Casa da Memória de Curitiba/PR (2015).

Por configurar um lugar carregado de histórias e memórias e por abranger a criação e o uso de um equipamento cultural urbano em Curitiba num espaço de excelência da cidade, acreditamos que esta pesquisa apresenta um tema de relevância para a cidade de Curitiba e para a pesquisadora que, como curitibana e museóloga, sente a necessidade de maiores estudos sobre esse Memorial. Acredita-se que a aplicação da análise das representações sociais permitirá conhecer a percepção do público, gestores e idealizador a respeito do imigrante polonês, fornecendo uma janela de observação para o reconhecimento das relações entre museu, memória e identidade.

Neste trabalho, de cunho interdisciplinar, cujo ferramental teórico pauta-se, principalmente, na Museologia, na História e na Teoria das Representações Sociais, disponibilizamos a oportunidade para o entendimento da realidade, oferecendo novas perspectivas. Pela práxis, o cientista social tem a possibilidade de identificar com profundidade algumas questões da sociedade contemporânea, propondo alternativas possíveis. Uma dessas questões que reivindicam respostas é a representação social do imigrante polonês no Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba sob a ótica dos visitantes, gestores e idealizador daquele espaço cultural.

Ao escolhermos para estudo a abordagem das representações que os visitantes do Memorial possuem sobre os poloneses, intuitivamente sabíamos da importância do tema, considerando a quantidade daquele contingente populacional, o impacto cultural na cidade e como nos referíamos no cotidiano às histórias e imagens construídas em relação àquela etnia. Sendo assim, resolvemos transformar algumas indagações e esta curiosidade em projeto de pesquisa, a fim de compreender a trajetória daquele povo, o significado da construção do Memorial de Imigração Polonesa para a comunidade polonesa como também para a cidade de Curitiba.

Entendemos que o conhecimento sobre as representações que os visitantes do Memorial adquirem a respeito dos imigrantes poloneses, poderá trazer aos gestores novas informações para agir e fazer refletir acerca dos trabalhos ali realizados.

Na análise das representações sobre os poloneses no Memorial da Imigração Polonesa de Curitiba a intenção, prioritariamente, foi conhecer mais profundamente quais as representações presentes na construção do discurso dos visitantes, gestores e idealizador daquele Memorial, sobre os poloneses. Propomos, ainda, perceber a influência da participação da Missão Católica Polonesa do Brasil, em parceria com a

Fundação Cultural de Curitiba projeto de implantação do Memorial, assim como a delimitação da linha historiográfica e a proposta museológica implantada.

A metodologia utilizada para tanto se deu através do levantamento e análise de documentação disponível em arquivos públicos, pelo recurso da história oral com entrevistas aos gestores e idealizador do Memorial além da aplicação de questionários de campo aos visitantes. Nesta análise, se fez necessário considerar que esses procedimentos não acontecem de forma isolada, mas em contextos sócio-histórico-culturais. Assim, como estudo investigativo, nos dedicamos a analisar as representações sociais e as imagens construídas em torno da cultura polonesa. Para chegar aos resultados esperados, procuramos desenvolver nossa argumentação em três capítulos:

Iniciamos apresentando o Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba, localizado no Bosque João Paulo II, enquanto equipamento cultural urbano, discorrendo sobre o processo de criação do Memorial de Imigração Polonesa de Curitiba e refletindo sobre a estetização da cidade, o uso do discurso de *city marketing* e suas representações. Para isso utilizaremos os trabalhos de Chauí (2009), Pesavento (2007), Geertz (2011), Burke (2000), Ribeiro (2006), Albuquerque (2002), Gonçalves (2005), Freitas (2014), Oliveira (2000), Meneses (1985) e Jeudy(1990), (2013). Outros autores foram consultados no sentido de enriquecer o contexto de Curitiba nos anos de 1980, período de criação do parque e estetização da cidade, como os arquitetos e urbanistas Garcia Sánchez (1997,1999, 2001), Garcia e Moura (1999)Valentini (1982), Larocca (2008), Turbanski (1978), Pedrón (2013) e Geissler(2004).

Ainda no primeiro capítulo, abordaremos o processo migratório polonês para o território meridional do Brasil, especificamente para Curitiba. Este assunto nos ajudou a compreender a construção do conceito de identidade polonesa, revelando assim, a importância desse deslocamento. Nesta etapa, contaremos com o apoio bibliográfico dos historiadores Martins (1989), Almeida e Zanini (2013), Wachowicz (1981, 2002), Bueno (1996), Kersten (1983), Wachowicz (1981), Obrzut (2006), Kawka (2011), Sikora (2014), Doustdar (1990), Wolny (2012) e Oliveira (2009) (2006) como também nos apoiaremos em Hobsbawn (1990), Pollak (1992), Ricoeur (1990) e Jovchelovich (2008).

No segundo capítulo abordaremos o entendimento sobre os memoriais e suas especificidades, exploraremos os estudos relacionados aos museus e a trajetória da

Nova Museologia. Dada a riqueza do tema proposto, apresentaremos a problemática a respeito do patrimônio cultural, memória e identidade. Como fonte, na área de memoriais, utilizou os trabalhos de Paul Williams (2007), Barcellos (1999) e Vieira (2013) interagindo com os conceitos do Conselho Internacional de Museus - ICOM e Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Na apresentação do conteúdo da Nova Museologia, utilizaremos as contribuições de Candido (2003), Freire (1983), Cury (2005, 2010), Cerávolo (2004), Cabral (2012), Varine-Bohan (2000), Guarnieri (1990), Desvalleés (1989). Para os estudos relacionados ao campo do patrimônio cultural, memória e identidade, nos apoiamos nos conceitos de Geertz (2011), Hall (2000), Halbwachs (1990), Nora (1993) e Michael Pollak (1992) e nos aportes de Coelho (2004), Carvalho (1987), Leal (2005) e Diehl (2002).

No terceiro capítulo, nas discussões a respeito da teoria das representações sociais, temos a fundamentação teórica de Durkheim (1974), Moscovici (1981), (2003), Jodelet (2001, 2005), Jovchelovitch e Guareschi (1998), Alexandre (2004), Lopes (1998), Chagas (2001), (2002), Alves-Mazzotti (1994), Castoriadis (1995), Bourdieu (1996, 1998), Chartier (1990, 1991), Moutinho (2014) e Sá (1996). Com o propósito de conhecermos a produção internacional e brasileira sobre representações sociais em museus, consideramos a produção de Abreu e Silva (2014), Conceição (2014), Maranhão (2008), Gonçalves (2005), Guedes e Baptista (2013), Sambati, Guedes e Polakovick (2014), Davallon e Le Marek (1995), Timbart e Girauld (2006), Ornella e Girauld (1997), Rechená (2011), Cavaca (2011), Guedes e Moutinho (2015) e suas especificidades.

Ainda no capítulo terceiro, expomos a abordagem metodológica da pesquisa com o intuito de verificarmos as representações sociais sobre os poloneses no Memorial sob a ótica dos visitantes, gestores e idealizador com o apoio teórico de Marconi e Lakatos (2010), Freitas, Janissek-Muniz, Moscarola (2005), Minayo e Sanches (1993), Spink (1995), Hall (2006), (2000), (1998), Van Dijk (2008), D'olivo (2001) Resende e Ramalho (2006) e Roth (1989). Para a aplicação das bases teóricas do discurso - ADC, utilizaremos o aporte teórico de Fairclough (2001) complementados pela produção de Durhan (1984), Bondía (2002), Heidegger (2003) e Choay (2001).

Entendemos que os textos de Serge Moscovici, Denise Jodelet, Stuart Hall e Pierre Nora foram imprescindíveis para a compreensão da dinâmica das representações sociais sobre o imigrante polonês e foram reflexões constantes nos

conteúdos desenvolvidos desta dissertação ao longo dos três capítulos apresentados. Esta característica do texto procurou convergir em direção aos propósitos deste Mestrado, considerando o diálogo interdisciplinar na produção de conhecimento sobre patrimônio cultural.

1 MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO POLONESA DE CURITIBA

Neste capítulo, abordaremos o processo de criação do Memorial de Imigração Polonesa na perspectiva da utilização do *city marketing* por parte do poder público que cria a “imagem da cidade que, mesmo sendo pensada para as camadas médias da população, é tomada como sendo para todos” (ALBUQUERQUE, 2002, p.3), e quais os custos sociais sofridos pela população polonesa da colônia Tomás Coelho, local de procedência das primeiras casas de troncos alocadas no Memorial com a desapropriação de seu território e a espetacularização da cidade de Curitiba, como produto de consumo cultural.

No período em que o MIP foi criado, o então diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, - Aloísio Magalhães propõe a criação da Fundação Nacional Pró-Memória na sessão plenária do Conselho Federal de Cultura em 1979visando,

[...] um conjunto de ações integradas e organicamente estruturadas que objetivam identificar, documentar, proteger, classificar, restaurar e revitalizar bens do patrimônio cultural brasileiro, proporcionando à comunidade nacional melhor conhecimento, maior participação e o uso adequado desses bens (MAGALHÃES, 1997, p. 109).

Com a preocupação voltada à preservação do patrimônio cultural, surge no Paraná, em 1979 a Secretaria de Estado da Cultura, tendo como uma de suas coordenadorias, a de Patrimônio Cultural, em substituição à antiga Diretoria de Assuntos Culturais. Anos depois, em 1987, o governo do Estado cria dentro da Coordenadoria do Patrimônio as curadorias do patrimônio natural e do patrimônio cultural. A Coordenadoria do Patrimônio delineava-se “pelas propostas de preservação dos bens de interesse histórico e/ou artístico, bem como pela assessoria técnica e fiscalização aos bens e áreas de interesse de preservação” (SEEC, 2016, p.1).

Cabe salientar que o contexto do surgimento do Memorial de Imigração Polonesa no panorama nacional de museus, configura como anterior à primeira criação do Sistema Nacional de Museus (1986 -1990), cuja coordenadora era Priscila Euler Freire de Carvalho do Ministério da Cultura, e da Coordenadoria de Museus (1987) da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, atual Coordenação do Sistema Estadual de Museus – COSEM, implantado em 1990 (Lei nº 4375/1990) e vinculado à Secretaria de Estado da Cultura.

Portanto, a concepção do Memorial abrange um período de construção da política cultural em termos museológicos e no trato com o patrimônio cultural, nos reportando a uma fase de transição marcada pela abertura política do governo brasileiro. Mas, é na compreensão do panorama local que nos ateremos a seguir.

1.1 O Processo de Criação do Memorial

Em termos urbanísticos, a área onde se situa o Bosque João Paulo II foi desapropriada em 1977, por questões de controle de enchente do Rio Belém que atravessa o local, “as áreas verdes de Curitiba foram criadas mediante uso de fundos de vale para evitar e controlar as enchentes do rio Belém [...] sanear e recuperar áreas” (GEISLLER, 2004, p. 248). No mesmo local, em 1981, foi criado o Memorial de Imigração Polonesa. De forma gradativa, as casas de tronco, provenientes da colônia polonesa, e os demais equipamentos, foram implantados até obter a configuração atual.

Interessante notar série de parques e memoriais implantados na cidade que faziam referência ao imigrante europeu, valorizando este perfil na formação da cidade.

O aspecto curioso em toda essa política era sua faceta étnica. Não é preciso muito esforço para se perceber que o essencial da política de patrimônio histórico e de promoção das atividades culturais se remetia recorrentemente a uma parte específica da memória e da cultura imigrante. Essa parte era aquela de origem européia (OLIVEIRA, 2000, p.56).

Embora houvesse uma política de valorização do patrimônio cultural, notamos que houve, logicamente, um conflito com a comunidade polonesa na ocasião da desapropriação das terras dos colonos. “A iniciativa de transplantar essas casas foi a solução encontrada pela prefeitura diante do risco de desaparecimento que corriam” (PARANÁ, 2006, p.170) por ocasião do enchimento do reservatório do Passaúna, na centenária colônia polonesa de Tomás Coelho em Araucária, região metropolitana de Curitiba. Segundo a pesquisadora Neida Doustdar (1990, p. 1), “dentro do programa de construção de barragens para o aproveitamento dos rios e mananciais da região metropolitana, estipulou-se a construção da Barragem do Passaúna” e, conseqüentemente, a desapropriação de 10 km² de terras. Sendo assim, grande parte da colônia foi desapropriada e as propriedades inundadas com a represa. Para Obrzut

(2006) quanto à preservação da cultura polonesa a contradição fica clara com a seguinte colocação:

A iniciativa da Secretaria da Cultura em “preservar, para fins de registros históricos, a arquitetura, a tradição e os hábitos da população da colônia”, soou irônica aos ouvidos dos colonos, que até os dias de hoje não conseguem compreender a lógica dessa forma de pensamento, onde a destruição de uma colônia centenária poderia trazer a sua preservação. (OBRZUT, 2006 p. 58).

“Com a pressão do alagamento, muitas dessas casas acabaram sendo vendidas ou doadas, como é o caso das sete casas que compõem o Bosque João Paulo II” (OBRZUT, 2006, p. 57). Na figura 3, a imagem de uma polonesa residente na Colônia Tomaz Coelho, local de proveniência de parte das casas de tronco que se encontram no Memorial, na ocasião da formação da barragem. “Para surpresa dos moradores, o desvio do rio foi antecipado [...] a situação no local é crítica, pois muitas famílias continuam morando ali e a água já está entrando nas residências” (JORNAL DO ESTADO, p.12, 01/02/87).

Ao analisarmos a imagem da Figura 3, percebemos um modo de vida diverso e distante daqueles que usufruem do parque, visto que a localização do Memorial corresponde a uma “região de poder aquisitivo alto e se encontra próximo a um atrativo cultural relevante, o Museu Oscar Niemeyer” (PEDRÓN, 2013, p.64-65).

Figura 3 - Moradora de uma das casas inundadas da Colônia Tomás Coelho, 1987.



Fonte: *Jornal do Estado*, p.1, 1 de fev. de 1987.

Sendo assim, percebemos um processo de seleção de qual memória poderia ser preservada nas práticas do poder público da cultura. Partindo do princípio de que a memória individual, como a social é seletiva, houve determinados requisitos de seleção por parte dos dirigentes municipais, o que nos leva a refletir sobre a fala do historiador Peter Burke quando afirma que “as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (BURKE, 2000, p.73). De fato, assinalamos o descarte das memórias dos antigos proprietários pelo poder público.

Como exemplo disso, podemos citar que um ano após a desapropriação da área ocorrida em 1974, “iniciaram as obras de demolição da casa, matadouro, moinho e remoção do parreiral” (GEISSLER, 2004, p.214), pertencentes aos antigos proprietários.

A implantação do Bosque do Papa procurava responder, por meio da criação de uma área ambiental e de um parque étnico, a base de *city marketing* que estava sendo estabelecida na cidade e que utilizava, naquele período, a temática étnica com

o slogan “Curitiba de todas as gentes”. De acordo com a arquiteta e urbanista Fernanda Sánchez Garcia a política de city marketing tem como foco a promoção da cidade “no sentido de atração de atividades comerciais, de serviços e investimentos, além da promoção crescente de um turismo nitidamente urbanístico”. A autora esclarece ainda, que “esta política tem como estratégia a construção da imagem da cidade, mesmo que isso tenha forte impacto social em suas ações” (1994, p.2).

A respeito da administração da cidade, cabe salientar a importância da sucessão de mandatos exercidos por Jaime Lerner, fator fundamental para a remodelação da cidade. De fato, houve a gestão que “corresponde às administrações dos prefeitos da ARENA ²– Jaime Lerner (1971-1975 e 1979-1983) e Saul Raiz (1975 -1979)” (OLIVEIRA, 2000, p. 52). A gestão de Saul Raiz ofereceu suporte à continuidade dos projetos da gestão anterior. Oliveira afirma que a terceira administração de Jaime Lerner (1988-1992)

[...] optou por uma substancial mudança de enfoque que, relegando ao segundo plano os discursos e as práticas afetas ao planejamento urbano, enfatizou as realizações de ordem estética e uma política de caráter setorial: aquela voltada para o meio ambiente. Difícilmente se poderia exagerar o impacto que ambas causaram nacional e internacionalmente. (OLIVEIRA, 2000, p. 57)

Na administração subsequente, do prefeito Rafael Greca (1993 - 1996) foi intensificada a implantação de outros memoriais étnicos além do Memorial de Imigração Polonesa, como o Memorial da Cultura Japonesa (1993 - Praça do Japão), o Memorial Ucrainiano (1994 - Parque Tingui), o Bosque de Portugal (1994), o Bosque Alemão (1996), o Memorial da Imigração Árabe (1996 - Praça Gibran Khalil Gibran) e o memorial italiano (1996 - Bosque São Cristóvão). Estes locais serviam ou ainda servem como locais de festas folclóricas e religiosas e pontos de encontro para essas etnias. Embora esses parques não fossem planejados exclusivamente para as etnias, serviam para uso da população em geral.

Administrativamente no Município, o MIP é vinculado à Fundação Cultural de Curitiba – FCC através da Diretoria do Patrimônio Cultural. Esta, por sua vez, possui a coordenação dos dois únicos Memoriais geridos pelo poder municipal: O Memorial de Imigração Polonesa – localizado no Bosque João Paulo II, objeto desta dissertação, e o Memorial de Imigração Ucrainiana – localizado no Parque Tingui.

² Aliança Renovadora Nacional. Partido político do governo militar criado em 1965.

Estes dois Memoriais possuem em comum o fato de estarem localizados em Parques, possuírem uma capela e sua gestão estar vinculada a associações étnicas.

Os demais Memoriais, apesar de criados pela prefeitura, por conterem bibliotecas, foram repassados administrativamente para a Secretaria Municipal de Educação a qual se encarrega das ações culturais junto às associações étnicas para a dinamização destes espaços de leitura mediante manifestações culturais.

Na gestão municipal, as unidades museológicas estão voltadas para artes visuais, como o Museu Municipal de Arte, Museu da Fotografia, Museu da Gravura e Museu de Arte Sacra e, por este motivo, estão vinculadas à Diretoria de Artes Visuais e não a de Patrimônio Cultural. Efetivamente, o poder municipal, não possui uma coordenação de museus ou mesmo um Sistema Municipal de Museus ao qual poderia estar vinculado o Memorial como pressupõe estar uma instituição museal.

A condição de Museu-Memorial do MIP pode ser afirmada, a princípio, pelo Termo de Cooperação efetuado entre a Fundação Cultural de Curitiba e a Missão Católica Polonesa no Brasil, de 1987, em vigência até os dias de hoje. Este documento visa a animação e manutenção do Bosque, com cláusulas que nos remetem para as funções características de um museu, como “c) estabelecer critérios para a obtenção de acervo de bens móveis ou imóveis [...]; d) conservar e restaurar os bens culturais móveis e imóveis; k) manter serviço, com o apoio da Missão Católica, de atendimento ao público”, demonstrando neste Termo, a preocupação com a coleta, conservação e divulgação do acervo do Memorial.

Avançando no delineamento do Memorial de Imigração Polonesa, na compreensão dos critérios de gestão museal sugeridos para aquele espaço, nos reportamos a um trecho da entrevista com o idealizador do Memorial do Imigrante Polonês, arquiteto e idealizador do Memorial, Sérgio Pires (2015) com a seguinte fala: “mas lá não é museu, isso talvez seja um erro. [...] você tem um museu ao ar livre, mas eu acho que você pensar numa estrutura administrativa de museus não”.

Com isso, o idealizador também percebe ou constata a condição de museu ao ar livre, o que pressupõe a possibilidade de atividades museais naquele espaço. No entanto, a proposta inicial por parte do Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, segundo o entrevistado, tivera um contorno urbanístico, com a instalação de um equipamento com fins de lazer de temática étnica (PIRES, 2015).

Recuperando a discussão a respeito da proposta de implantação de Memoriais, esta reforçava a imagem de Curitiba como uma cidade de primeiro mundo, com uma população de origem européia,

A política cultural oficial dos anos 90 em Curitiba recompõe as várias culturas que participaram do movimento de colonização da região, através de memoriais étnicos na arquitetura urbana associados a novos parques como o Tingui, dos ucranianos, o “Bosque Alemão”, ou o “Bosque do Papa”, dos poloneses. Esses espaços de celebração das etnias e da natureza exaltam, ao mesmo tempo, o próprio projeto de cidade. (GARCIA; MOURA, 1999, p.108)

Embora os legados da cultura negra, que soma 23% da população de Curitiba segundo o censo de 2010 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística da cultura indígena sejam imensos e muito mais antigos do que a população contemplada pelos memoriais,

A invisibilização da população negra na cidade se constitui numa marca histórica do Estado e do seu relato histórico, como também da Capital. Isto se dá tanto através de documentos oficiais como das homenagens étnicas representadas por parques, bosques, portais e outras formas arquitetônicas que homenageiam imigrantes europeus, considerando-os os principais ou únicos responsáveis pela construção e formação econômica e cultural da cidade (ALBUQUERQUE, 2002, p.5).

De acordo com a historiadora Sandra Pesavento (2007), a cidade não deve ser referência privilegiada da ação de alguns atores sociais, “mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais” (PESAVENTO, 2007, p. 3).

Neste permanente sistema de construção de imagens, a cidade define sua identidade, “um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade” (PESAVENTO, 2007, p. 5-6).

A representação de Curitiba como cidade de população de origem européia criada pela gestão municipal decorreu de uma operacionalização de *city marketing* a fim de implantar uma imagem, como citado anteriormente. Geertz (2011) nos fala sobre a multiplicidade do poder simbólico “como as formas sociais, as formas simbólicas podem servir a múltiplos propósitos” (GEERTZ, 2011, p.83).

O *city marketing*, com o intuito de aumentar a atratividade do turismo na cidade e atrair investidores internacionais, conjugado aos interesses do mercado imobiliário fez com que o poder público intensificasse novos investimentos em áreas nobres de Curitiba.

No jogo do campo simbólico não é apenas o poder do dinheiro, “mas o poder que a riqueza exerce sobre os espíritos, sobre as mentes, é o poder propriamente político” (GARCIA, 2001, p.40). O sentido dessas colocações no campo simbólico, manifestadas através das ações de *city marketing*, com a imposição das imagens urbanas dominantes “contribui para o exercício da violência, especialmente em sua forma simbólica, pelas vias da comunicação e do conhecimento, violência nem sempre percebida por suas próprias vítimas” (GARCIA, 2001, p.38).

Essa violência simbólica também é apresentada por Henry Pierre Jeudy quando discute o conceito de espetacularização das cidades que, segundo ele,

[...] é indissociável das novas estratégias e *marketing*, ou mesmo *branding* urbano, ditas de revitalização, que buscam construir uma nova imagem para as cidades contemporâneas que lhe garantam um lugar na nova geopolítica das redes internacionais (JEUDY, 2013, p. 9).

A cidade se faz como um “espetáculo”, em constante renovação. É concebida dia-a-dia, reduzida a *slogan* e bordões superficiais de uma imagem de cidade. Essa estratégia de *city marketing* pelos gestores da cidade enraíza novos hábitos na população, como também provoca um custo social, como a discriminação das parcelas da população não representadas pelos memoriais, tais quais a negra, a indígena e a migrante, como no caso da cidade de Curitiba. “Deste modo, o espaço toma forma também através de representações e imagens adequadas, o que explica a importância que vem adquirindo o *city marketing* como instrumento das políticas urbanas” (GARCIA, 2001, p.32).

No estudo equiparativo entre as cidades de Curitiba e Barcelona na Espanha, a mesma autora, na publicação realizada em conjunto com a pesquisadora e geógrafa Núria Rovira (1999) analisa que as políticas de desenvolvimento urbano e a produção das imagens pelo poder público, pode ser caracterizada pelo uso freqüente dos meios de comunicação, como ações de apoio aos governos na construção do modelo de *city marketing*,

Los medios de comunicación e información que, en los casos analizados, han sido intensamente utilizados como vehículos constructores de determinadas lecturas de la ciudad, intervienen decisivamente en la creación de valores culturales y de representaciones sociales que, a su vez, promueven determinados comportamientos y formas de utilización de los espacios públicos (ROVIRA; GÁRCIA, 1999, p. 42).³

Na análise das autoras, o uso de *city marketing* pode ser considerado como uma ferramenta para a construção da imagem da cidade, criando representações sociais da cidade pela população de maneira geral, influenciando comportamentos e as formas de viver o espaço público.

Em contraponto às iniciativas da cidade espetáculo, que nos fala Jeudy como também Garcia, lembramos que Ulpiano Bezerra de Meneses (1985) propõe a possibilidade de pensar a cidade como artefato, produto e vetor das relações sociais,

A cidade é um artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado [...] todo o artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor das relações sociais. Assim, a cidade é também um lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais etc. (MENESES, 1985, p.199).

Tendo como base esta discussão, segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (1985) a cidade-artefato, pode ser vista como algo feito e fabricado pelo homem, em ação e desconstrução, pensada pelos seus habitantes. A cidade-artefato possui um sentimento de pertencimento,

Cidade-Artefato é a cidade entendida como patrimônio, que não corresponde mais à imagem estática, "pasteurizada", "asséptica" e "chapada" da fotografia postal, ou seja, da imagem produzida para o consumo, como cidade que prescinde da experiência. A essa representação quase abstrata se contrapõe a imagem dinâmica do seu viver cotidiano (FREITAS, 2014, p.4).

Dentro da discussão entre cidade-espetáculo e cidade-artefato, podemos entender que o MIP representa parte de cada processo. Tanto inserido na construção

³Tradução da autora: Os meios de comunicação e informação que, nos casos analisados, tem sido intensamente utilizado como veículos construtores de determinadas leituras na cidade, interveem decisivamente na criação de valores culturais e de representações sociais que, por sua vez, promovem determinados comportamentos e formas de utilização dos espaços públicos.

da imagem urbana na estratégia de *city marketing* do poder público, como também inserido no processo de apropriação de uso de um patrimônio cultural.

Na abordagem de cidade-artefato, a participação da gestão do Memorial vinculada à Missão Católica Polonesa do Brasil, passa a ser significativa, considerando que "o sentido fundamental dos 'patrimônios' consiste talvez em sua natureza total e em sua função eminentemente mediadora" (GONÇALVES, 2005, p. 227).

Segundo o autor, o patrimônio é fator de mediação e comunicação de determinado grupo, e estes compartilham e se apropriam deste significado, inclusive gerando outras identidades.

Para o nosso tema de pesquisa, as representações feitas sobre os poloneses no Memorial, não poderíamos deixar de lado a assertiva de Meneses (1985) sobre as representações sociais e o imaginário urbano. Para o autor,

Identificar imagens urbanas é identificá-las na estrutura social: os habitantes da cidade não são puras abstrações produtoras de imagens, mas indivíduos socialmente categorizados. Por isso, numa sociedade como a nossa, as tônicas terão que ser a pluralidade dessas representações e as relações de hierarquia e dependência entre elas (MENESES, 1985, p.200).

Assim, nesta pesquisa, o Memorial no contexto urbano pode ser percebido como um campo de forças, cenário e produto das representações sociais de seus habitantes.

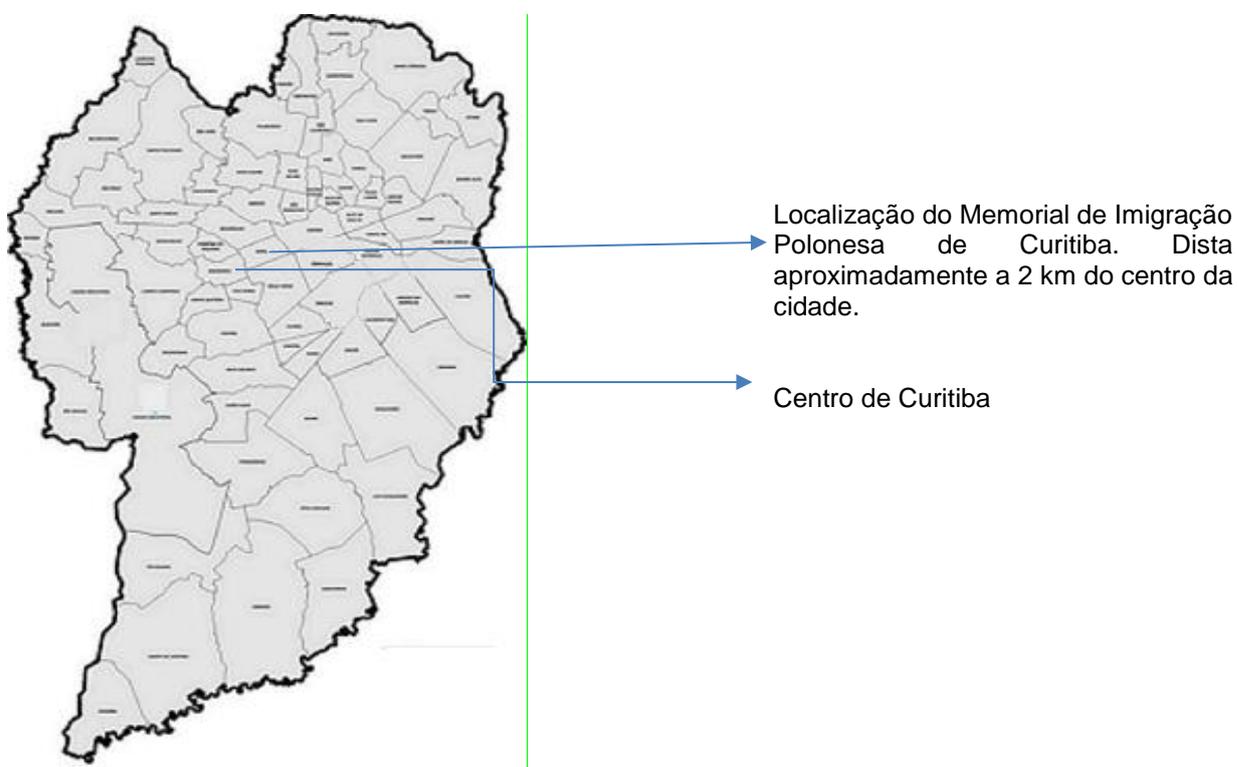
Entendemos que o conjunto de edificações polonesas integradas na paisagem do parque há mais de 35 anos, o acervo de objetos, as comemorações da comunidade polonesa naquele espaço, se constitui como um importante patrimônio cultural da cidade de Curitiba. E é este patrimônio, com a descrição dos equipamentos e as particularidades da cultura dos imigrantes poloneses que acompanharemos no próximo item.

1.2 O Bosque João Paulo II e o Memorial

O Bosque João Paulo II, onde está localizado o Memorial da Imigração Polonesa – MIP foi instituído com a “função de estabelecer o local como área de lazer, de manifestações culturais e etnológicas e de preservação da fauna e flora” conforme

o texto do decreto-lei nº 8.299 de 1986 do governo estadual, numa área de 48 mil m². Já o MIP, instalado no bosque, foi inaugurado em 13 de dezembro de 1980 (sem decreto municipal). Como podemos perceber na figura 4, Memorial está localizado num bairro central de Curitiba.

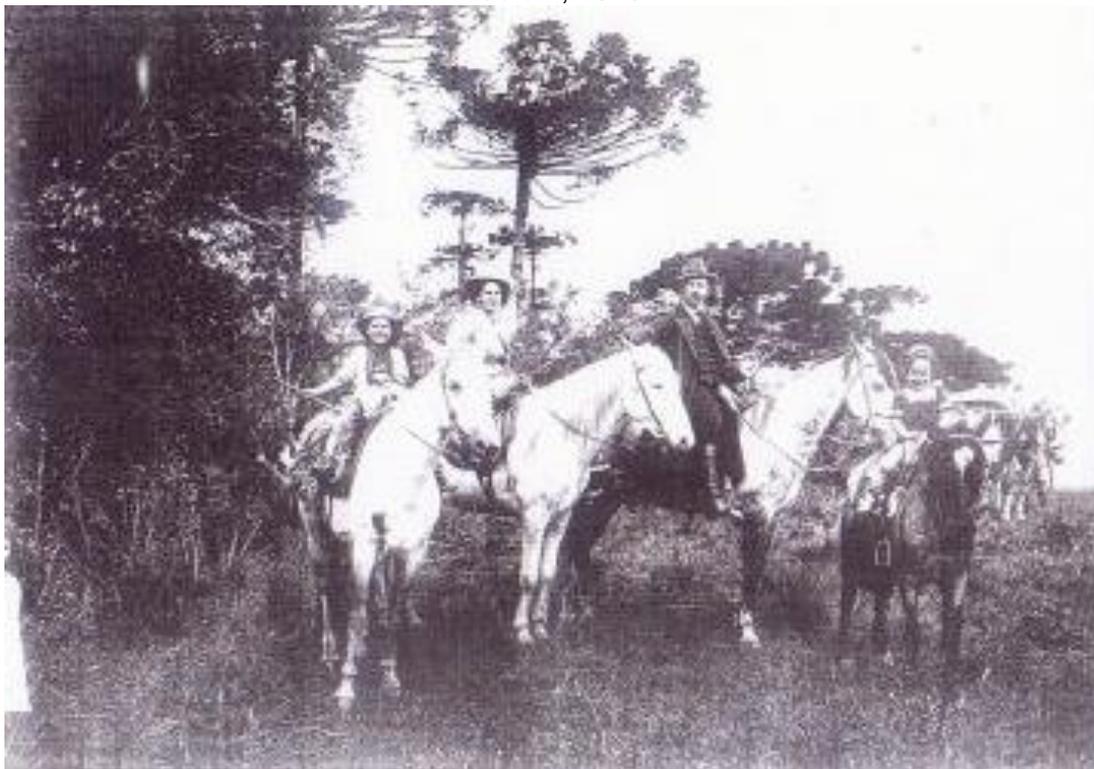
Figura 4-Localização do Memorial de Imigração Polonesa de Curitiba, em relação ao centro da cidade



Fonte: Curitiba (2010).

O Bosque Estadual João Paulo II, onde está localizado o Memorial, foi estabelecido numa antiga chácara em meio a uma floresta de Araucária, o pinheiro símbolo do Paraná (Figura 5).

Figura 5 – Antigos proprietários da área onde foi construído o Bosque Estadual João Paulo II, 1915.



Fonte: GEISSLER (2004).

Este local também era conhecido como Chácara do *Opa* (avô, em alemão) e utilizado para o lazer, em finais de semana, da família de Júlio Garmatter. “Além da casa situada no topo do morro para moradia de caseiros havia instalações e piquetes para criação de animais, pomar e videiras” (GEISSLER, 2004, p.213), numa área de 56 mil m² aproximadamente. A chácara foi desapropriada em 1977 e, na parte Leste da antiga propriedade “foi implantado o Museu Oscar Niemeyer, Palácio Castelo Branco e [ao] Sul, [...] foram construídos os prédios das Secretarias Estaduais” (GEISSLER, 2004, p.224).

Podemos observar na Figura 6 a localização do Memorial em relação ao rio Belém, cujas obras de drenagem deram origem ao Bosque como área de preservação. A maioria dos parques de Curitiba teve sua implantação como solução de problemas de saneamento e de drenagem de áreas alagadiças. Estas iniciativas apresentaram como mote as “preocupações ambientais (preservação de nascentes e matas nativas), políticas (homenagens a homens públicos) e socioculturais (homenagem às diversas colônias de imigrantes)” (OLIVEIRA, 2006, p.16). Ainda na figura 6, a localização do Portal Polonês, à esquerda, e a entrada secundária pelos jardins do Museu Oscar Niemeyer, à direita.

Figura 6 – Localização e acessos do Memorial em relação ao entorno.



Fonte: Centro_Cívico.PDF (2015).

O Portal Polonês (Figura 7) está situado próximo à entrada do Bosque do Papa. Inaugurado em 1991, onze anos após a inauguração do MIP, portanto, foi instalado por comemoração aos 120 anos da imigração polonesa na cidade. Sua decoração com lambrequins e apliques de madeira, como é possível notar na Figura 7, pretendia representar aspectos da arquitetura polonesa, “a casa de tábuas verticais já aparecia na paisagem paranaense desde os anos noventa do século XIX” (LAROCCA, 2008, p.97).

Figura 7 - Portal Polonês próximo à entrada do Memorial

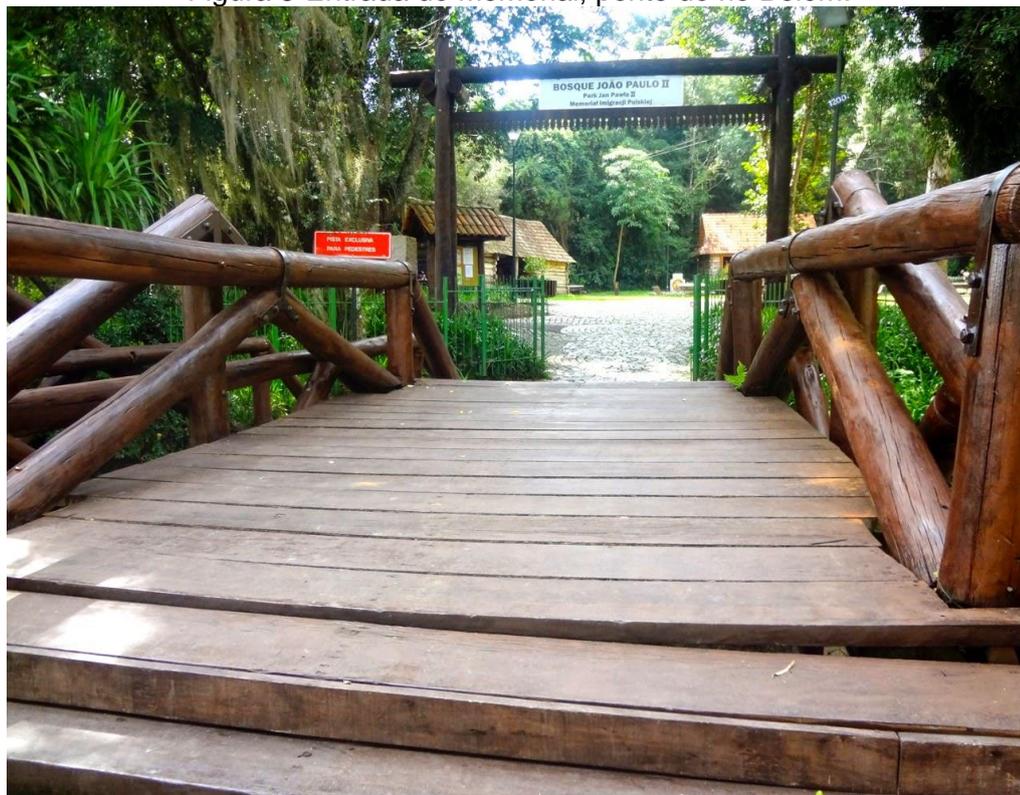


Fonte: Google maps (2016).

Situado na Rua Mateus Leme, o Portal está no antigo traçado da estrada do Açungui, ligando a região central de Curitiba às antigas colônias polonesas, e “que se transformaram em diversos bairros da cidade como Taboão, Abranches, Barreirinha e Pilarzinho” (CURITIBA, 2015).

A Figura 8 apresenta o acesso principal para o Memorial, pela ponte de madeira sobre o Rio Belém.

Figura 8-Entrada do Memorial, ponte do rio Belém.



Fonte: Áreas Verdes das Cidades (2015).

Além da preservação do meio ambiente e do notável aspecto paisagístico o Bosque possui como atrativo cultural o Memorial de Imigração Polonesa, um circuito de visitação composto por sete casas de troncos encaixados, sem o uso de pregos de metal, originárias das antigas colônias polonesas da região de Curitiba.

Esta técnica construtiva de troncos mediante o encaixe nos ângulos da edificação pode ser encontrada em diversas partes do mundo. Winberry, pesquisador da *University of South Carolina* em Columbia nos Estados Unidos, esclarece que,

*Notched-log construction in Europe occurs in a band from the subarctic forests of Sweden and Finland through Poland and Czechoslovakia to the highlands of southern Germany and southwestern France. Eastward it extends through Russia to Manchuria and Japan*⁴(WINBERRY, 1974, p.59).

⁴“Este entalhe construtivo ocorre na Europa em uma parte das florestas sub-ártica da Suécia e na Finlândia, através da Polônia e da Checoslováquia para as terras altas do sul da Alemanha e sudoeste da França. Para o leste se estende através da Rússia para a Manchúria e no Japão”

Este tipo de arquitetura constitui objeto de estudo no âmbito internacional como na *University of Tsukuba*, no Japão, mediante o tema “*A study on the construction and production technology of traditional log cabin of Jinjiang Village in the area of Changbai Mountain, Jilin, China*” dos pesquisadores Songhua Gao, Sadashi Hama, Hisataka Kobayashi e Kunihiro Ando (2012).

Assinalamos também os estudos deste tipo de edificação pertinente à colonização em território americano datadas do início do século XVII denominadas “log”. Na pesquisa “*Finnish-American Architecture and Architects in Northern and Eastern Parts of the United States of America 1850-1950*” da pesquisadora finlandesa Saija Sílen (2008), são mostradas as semelhanças nas técnicas de construção finlandesa e norte americana, salientando que “*in many small villages in Finland there are houses that are still known among local residents as the ‘American house’*” (SILÉN,2008, p.11)

Em Curitiba, o cuidado com que as casas dos imigrantes poloneses foram desmontadas no local de origem e remontadas no espaço do bosque e a preservação da paisagem natural fez com que este bem cultural fosse “tombado pela Curadoria do Patrimônio Natural do Estado do Paraná, conforme tomo 21-I, processo 012/90” (PARANÁ, 2006, p.169), no livro de patrimônio etnográfico e paisagístico. A seguir detalharemos as principais características do espaço do MIP, com sua paisagem, acervo e edificações.

Ao entrar no Parque a partir da ponte sobre o Rio Belém, a primeira casa avistada é a que abriga uma capela em homenagem à padroeira da Polônia, Nossa Senhora de Czestochowa. Essa casa, mostrada nas Figuras 9 e 10, foi construída em 1883 por Silvestre e Genoveva Pianowski, na Colônia Tomás Coelho, no município de Araucária – PR e foi montada no estádio Couto Pereira onde o Papa João Paulo II rezou uma missa campal em 5 de julho de 1980, na ocasião de sua passagem por Curitiba. A presença do Papa em seu interior deu a ela um caráter sagrado que é preservado pela capela.

⁵ Tradução livre: “em muitas pequenas aldeias na Finlândia existem casas que ainda são conhecidas entre os moradores locais como a ‘casa americana’”

Figura 9 - Capela dedicada à N^a Sr^a de Czestochowa situada no MIP.



Fonte: Figundio (2012).

Ornamentada para dia de Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polônia, o altar da Capela (Figura 10), apresenta as cores da Polônia. As comemorações acontecem em 26 de agosto. Sua imagem original encontra-se atualmente na Polônia, em um santuário na montanha chamada Jasna Góra (Monte Claro), na região de Czestochowa. Segundo a tradição, a imagem foi pintada pelo Evangelista São Lucas, em Nazaré, sobre a mesa do refeitório da Sagrada Família.

Figura 10 - Interior da capela, ornamentada para dia de N.Sr^a de Czestochowa, Padroeira da Polônia. MIP.



Fonte: Cequinel (2016).

Na figura 11, a inscrição com a data de construção, a sigla “JHS” além de dois outros símbolos não identificados no meio da viga central da edificação mostram o costume da etnia polonesa de marcar a data da inauguração da casa com “o entalhe da cruz e das iniciais da eucaristia católica romana ‘JHS’ - Jesus Hóstia Santa” como sinal de religiosidade. (VALENTINI, 1982, p.11).

Figura11 - Inscrição na viga central da Capela. MIP.



Fonte: Da Autora (2015).

Na viga central da Capela (Figura 11), é possível perceber a presença de cupins na madeira. É preocupante o estado de conservação deste conjunto arquitetônico, devido à infestação de xilófagos em grande parte dos troncos, causando a degradação e a perda irreparável deste acervo em curto espaço de tempo. Como não nos foi permitido ter contato com os objetos de acervo, não podemos afirmar sobre o grau de contaminação e extensão deste ataque biológico. No entanto, observamos a necessidade de implantação de um plano de conservação preventiva no MIP. Estas práticas estão relacionadas a “caracterizar o edifício, o acervo, os recursos existentes, as atividades desenvolvidas, bem como o seu público” como também as “estratégias, que levem a uma maior estabilidade das condições e consequentemente a uma diminuição na degradação dos bens culturais” (IMC, 2007, P.13).

Ao lado da Capela encontra-se a edificação que serviu de moradia e paiol a Alberto e Bronoslawa Greboge, em 1877 (Figura 12). No local, funciona uma venda de produtos típicos poloneses e a administração local do parque. A figura 12 mostra, ainda, que, em frente a essa edificação, existe uma pracinha com bancos para descanso.

Figura 12-Loja de artesanato e espaço administrativo- MIP



Fonte: Partiu pelo Mundo (2015). WEB

No interior da loja (Figura 13), existe uma variedade de produtos de diversas procedências, formas e técnicas como pisanki, bonecas de palha de milho, mamuskas ou matrioskas, mobiles de MDF, bordados, objetos de marqueteria, bolachas e doces. Em visita ao local, entendemos que não existe uma preocupação de delimitação do perfil dos objetos à venda como de procedência da comunidade polonesa, como forma de incentivo e desenvolvimento ao artesanato.

Figura 13 – Interior da loja de artesanato.MIP.



Fonte:WpolarityceForum.2014

Quanto ao uso dessas casas de tronco, originalmente foram habitações, no decorrer do tempo, foram transformadas em “celeiros, estábulos, oficinas, complementos de novas casas de alvenaria de pedra ou de tijolos, de varandas recortadas de lambrequins” (TEMPSKI, 1982, p.13). Como também salienta Kuretzki (2014), posteriormente, as edificações de tronco, “seriam abandonadas como moradias, passando a servir como depósitos” (KURETZKI, 2014, p.4).

A figura 14 mostra a edificação datada de 1876. Proveniente da Colônia Tomás Coelho (Araucária - PR), foi doada pelo casal Pedro e Sofia Pathecki. Atualmente é utilizada como posto da Guarda Municipal e como ambiente de armazenamento de acervo.

Figura 14 – Edificação utilizada como posto da guarda municipal e como local de armazenamento de acervo.MIP.



Fonte: Papodeviajante(2008).

O Museu da Habitação (Figura 15), situado à direita de quem entra no Bosque pelo rio Belém, local que abriga móveis e utensílios domésticos dos imigrantes. Essa edificação foi construída, no final do século XIX, pela família Krizanowski, da Colônia Muricy, município de S. José dos Pinhais-PR e, posteriormente também transportada para o MIP. Interessante notar que esta edificação anteriormente ao ano de 2011, não possuía pintura branca. Nos parece que esta iniciativa se contrapõe a necessidade de autenticidade do ambiente original relativo ao século XIX.

Figura 15: Museu da Habitação, antes da pintura branca (2011).



Fonte: Savicki em 29/08/2011

Esta exposição (Figura 16) conjuga objetos de diferentes períodos como a cristaleira ao fundo, as porcelanas ou o lenço sobre a cadeira, de procedência mais recente em relação à construção, prescindindo de uma leitura mais aprofundada em relação ao acervo e ao período se quer referenciar.

Figura 16—Imagem recente do interior do Museu da Habitação. MIP.



Fonte: Da autora (2015).

Compõe o conjunto de edificações, antigo paiol do século XIX (Figura 16) que pertenceu ao colono Pedro Przepyura e originalmente foi construído na localidade de Roça Velha, na Colônia Tomás Coelho- Araucária-PR, hoje funciona como local de armazenamento de acervo do Memorial e é fechado ao público.

Figura 17-Local de armazenamento de acervo do Memorial.MIP



Fonte: feriasnowblog.wordpress.com (2014).

Utilizada para exposição de objetos agrícolas (Figura 18), a edificação procedente da Colônia Tomás Coelho, construída em 1852, por Estanilau Zawilinski, utilizada para exposição de objetos agrícolas.

Figura 18 – Casa com exposição de objetos agrícolas. MIP.



Fonte: Da autora (2015).

Na Figura 19, podemos observar instrumentos agrícolas em exposição relativos a materiais de trabalho dos colonos poloneses, como o arado, a mó para cereais, a tina de lavar roupas entre tantos outros. Esta exposição pode ser vista apenas da porta, o que dificulta sua visualização. Não foram aplicados recursos museográficos para facilitar o entendimento do acervo de objetos, como iluminação, tablados ou etiquetas, para que o público compreenda a mensagem que se quer passar para este local, que seriam as tecnologias disponíveis para o colono imigrante polonês da colônia Tomás Coelho no século XIX.

Figura 19-Exposição agrícola vista da entrada da edificação.



Fonte: Da autora (2015)

Na figura 20, outra edificação transplantada das margens do rio Passaúna, na colônia Tomás Coelho e que pertenceu a José Malzuck. Foi adquirida pela Companhia de Saneamento do Paraná-SANEPAR que a cedeu para o município em 1985. É utilizada como Casa de Eventos do Memorial. As exposições temporárias ocorrem nesta edificação. Os temas abordados costumam acompanhar o calendário comemorativo da comunidade Polonesa como Natal, Páscoa, data da padroeira da Polônia ou o aniversário da beatificação do papa João Paulo II, de modo a divulgar e valorizar os aspectos culturais dos imigrantes poloneses.

Figura 20 - Casa de Eventos e exposição temporária. À direita, a escultura de Nicolau Copérnico, de costas para o Memorial.



Fonte: Da autora (2015).

A Figura 21 mostra a comemoração da Swieconka, páscoa polonesa, com um grupo de dança polonês e as cestas em primeiro plano. Uma das mais tradicionais festas dos descendentes e imigrantes poloneses de Curitiba, que ocorre no Memorial, com a bênção das cestas de alimentos, simbolizando a fartura e vida nova para a família. As cestas são levadas pelas famílias de descendentes de poloneses e os alimentos são consumidos no Domingo de Páscoa. Os ritos e as comemorações religiosas, como o Natal e a Páscoa, são aqui reproduzidos à semelhança da Polônia:

[...] O Natal e a Páscoa eram festejados com muita devoção. Na véspera do Natal, cada família celebrava o nascimento de Jesus com a tradicional ceia com Oplatek [...] e na Páscoa consumia-se a chamada swieconka (manjares) benzidos pelo padre no sábado de aleluia, entre os quais ocupava lugar de destaque o ovo com símbolo da vida e ressurreição. (TURBANSKI, 1978, p. 28).

Figura 21 - No palco do Memorial, grupo folclórico em celebração à páscoa. Em primeiro plano, cestas de alimentos preparadas para a benção.



Fonte: Curitiba (2016)

O Oplátek (pronuncia-se opúaték) (Figura 22) é também chamado de “pão dos anjos”, feito de uma massa finíssima, como uma hóstia, com as imagens de Jesus menino, Maria e José, distribuído pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Na véspera do Natal, ao surgir a primeira estrela, o chefe da casa pega um pedaço de Oplátek para si e reparte com todos o outro pedaço, simbolizando a eucaristia, para depois dar início a ceia.

Figura 22– A divisão do Oplatek, uma espécie de hóstia, constitui um momento solene na mesa dos imigrantes poloneses, nas comemorações natalinas.



Fonte: Vacanzepolonia.com

As Pêssankas (Figura 23), ovos pintados à mão em filigranas, símbolo da Páscoa e da vida para os poloneses. Também presente nas mitologias de muitas civilizações antigas, ligado aos rituais de fertilidade da primavera, no hemisfério norte.

Figura 23 - Exposição “Arte em Ovos –Pisanki”. Casa de Eventos do Memorial. Páscoa/2016.



Fonte: Facebook. Memorial Estadual de Imigração Polonesa Papa João Paulo II

No meio do Bosque há uma escultura do Papa (Figura 24), homenagem ao Papa João Paulo II por ocasião de sua visita à Curitiba em 1981. A escultura foi concebida pela artista Maria Helena Chaturni com corpo em bronze, olhos de acrílico e mãos de resina de poliéster, inaugurada em 2013.

Figura 24 - Escultura do Papa João Paulo II em meio a trilha do Bosque



Fonte: feriasnowblog(2014).

De costas para o Memorial, um pouco deslocado do contexto temático do parque, encontramos a escultura do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) autor da teoria heliocêntrica (Figura 25). Esta obra em bronze foi criada pelo artista polonês Brac Dekoracyjny.

Figura 25 - Escultura de Nicolau Copérnico



Fonte: Curitiba Space (2016).

O Memorial de Imigração Polonesa oferece outros atrativos como ciclovia, parque infantil, sanitários e estacionamento, apresentando uma infraestrutura de parque público de acordo com as demandas de modernização urbana de Curitiba.

A seguir, no próximo item, para compreendermos melhor o processo histórico do imigrante polonês em terras europeias e brasileiras, nos ateremos a um breve relato sobre esta trajetória.

1.3 A Trajetória do Imigrante Polonês

Ao analisar o processo migratório polonês para o território meridional do Brasil, abordando o Paraná e especificamente Curitiba, revela-se a importância deste deslocamento.

Não por acaso, é bastante razoável o número de autores que, ao tentar explicar o processo migratório em questão, lembram que o estado polonês inexistia e que os Impérios Russo, Prussiano e Austríaco dominavam terras futuramente polonesas. Decol (2002, p.2) considera que, além dos motivos econômicos, a emigração em tela precisa ser compreendida também como motivada por questões de ordem política, referindo-se a estas ocupações. (ALMEIDA; ZANINI, 2013, p.164).

Observamos que o estado-nação polonês somente se organiza com o fim da Primeira Guerra Mundial (ALMEIDA; ZANINI, 2013, p. 158). Hobsbawn (1990), também discute a respeito do estado nacional com a assertiva a respeito do conceito de nação,

[...]é uma entidade social apenas quando relacionada à certa forma de Estado territorial moderno, o “Estado-nação”; e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação. [...] As nações não formam os estados e o nacionalismo, e sim o oposto. (HOBSEBAWN, 1990, p. 19).

Então, no processo emigratório em questão, o território que viria a ser polonês, era ocupado pelo império prussiano, russo e austro-húngaro. E o mais interessante, de acordo com Almeida e Zanini (2013, p. 158) “Esses sujeitos imigrantes, portanto, somente são reconhecidos como poloneses quando desembarcam em solo brasileiro”.

No entanto, de acordo com o historiador paranaense Wilson Martins (1989, p.6), “O imigrante num espaço de tempo extraordinariamente curto, deixou de se sentir imigrante para se amoldar por completo à nova terra, da mesma forma por que a moldava aos seus próprios hábitos, experiências e tradições”. Desta maneira, o estudo da imigração polonesa nos apoia na compreensão da história do povo polonês no Paraná em seus diversos aspectos.

No decorrer desta pesquisa, identifiquei como poloneses, os indivíduos que se reconhecessem ou fossem reconhecidos como imigrantes ou descendentes de poloneses, considerando a importância do vínculo de uma memória em comum desse grupo social.

Pollak (1992) nos esclarece que a questão da memória pode estar circunscrita à identidade individual ou de um grupo, o que nos permite entender o repertório cultural polonês de forma integral como grupo identitário.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204).

De acordo com o autor, a memória social é um fenômeno coletivo suscetível a constantes transformações. Ao afirmar a respeito da seleção de memória, considera que nem todos os fatos permanecem registrados e os sujeitos só possuem recordações dos momentos a que dão importância e que, por alguma razão, ficaram marcados subjetivamente.

Paul Ricoeur (1990) ao mencionar a respeito do tempo e da narrativa histórica, ressalta que a narrativa é uma forma de reconfigurarmos nossa experiência temporal e que, portanto, interpretamos o passado a partir da construção das representações, “o sujeito é fortemente mediatizado por todos os sistemas de signos, de símbolos e de escritura” (RICOEUR, 1990, p. 21).

Ao abordarmos o contexto sócio-histórico do imigrante polonês nesta investigação, temos a possibilidade de estabelecermos uma interessante reflexão da pesquisadora Sandra Jovchelovitch (2008) ao mencionar a necessidade de “compreender a comunidade para compreender a identidade, as afiliações sociais, a rebelião” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 130) possibilitando assim, algumas chaves de interpretações para a compreensão do nosso objeto de pesquisa, as representações sociais do imigrante polonês sob a ótica dos visitantes, gestores e idealizador do Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba.

Para entendermos a imigração no Brasil, de maneira geral, é necessária uma viagem ao tempo, em 1889, quando o avanço do sentimento antiescravagista, estimulava o governo brasileiro e as províncias a promoverem uma política de imigração para atrair agricultores europeus. Os estados do Sul iniciavam uma política de atração e apoio aos imigrantes europeus, como veremos adiante. Em relação aos imigrantes poloneses em Curitiba, Wilma de Lara Bueno (1996) nos esclarece a respeito da vinda dos primeiros colonos à Curitiba,

Os primeiros poloneses que chegaram ao Brasil vieram da Silésia e se fixaram inicialmente em Brusque, Santa Catarina (1869), junto às famílias alemãs lá instaladas. Eram 16 famílias. Mais tarde, essas famílias foram transferidas por intermédio de Edmundo Saporski para Curitiba e junto com outras 16 famílias, que chegaram ainda em 1871, foram instaladas nas proximidades da capital, fundando-se dessa maneira a Colônia do Pilarzinho (BUENO, 1996, p.19)

Acrescentamos que segundo a historiadora Marcia Kersten (1983, p. 49), “Já se encontravam instalados na região imigrantes italianos, franceses, suíços, ingleses e outros”.

Também fica claro que o episódio de transmigração de Santa Catarina para o Paraná, na transcrição do relatório do presidente da Província do Paraná de 1872, aconteceu com a ajuda oficial,

O polaco Sebastião Saporoki (sic) apresentou-se como encarregado por diversos compatriotas estabelecidos na província de Santa Catarina pedindo para facilitar-lhes passagem, para virem se estabelecer nos subúrbios desta Capital. Declarei a este indivíduo que os mandaria transportar até Paranaguá, e que dali para aqui correriam as despesas por conta delle ou de seus compatriotas, com o que concordou, e nesse sentido dei as ordens necessárias (PARANÁ, 1872, p.64).

Estes “subúrbios da capital”, aos quais se refere o presidente da província José Venâncio de Oliveira, constituem-se como as primeiras colônias fundadas nas cercanias de Curitiba e que hoje, são bairros quase centrais da capital.

Os novos núcleos povoadores na então província do Paraná cumpriam a função de abastecimento de gêneros alimentícios para a cidade de Curitiba, conforme o texto da historiadora Neda M. Doustdar (1990, p. 92):

No século XIX, a província do Paraná, com a economia direcionada para o comércio de gado e o extrativismo, vive sérios problemas de abastecimento, chegando mesmo a importar de outras províncias toda sorte de produtos. Nesse contexto, a imigração européia teria o papel fundamental tanto de ocupação do território como do desenvolvimento de atividades agrícolas.

Um dos incentivadores da colonização, Adolpho Lamenha Lins, presidente da província entre 1875 e 1877, estabelece em seu governo “o incremento da colonização do território através de política imigratória e desenvolvimento rural” (OLIVEIRA, 2009, p. 1). De acordo com o historiador Wachowicz (2002, p. 150) “Lins criou o primeiro cinturão verde organizado por imigrantes no Brasil”.

Desta maneira, as primeiras colônias surgiram nas adjacências de Curitiba, sendo que a partir das últimas décadas do século XIX até 1920, os poloneses se fixaram em diversas localidades no interior do estado do Paraná, conforme citação da historiadora Mafalda Sikora,

A imigração polonesa alcança maiores índices entre o ano de 1890 e 1914 quando ocorre a eclosão da Primeira Guerra Mundial que começa a modificar radicalmente a situação política e econômica nas terras polonesas. No Paraná, os povos eslavos, em sua maioria polonesa, constituíram a maior corrente migratória, formando-se assim um dos maiores grupos étnicos do Estado. Entre 1869 e 1920, estima-se que dos 60.000 mil poloneses que entraram no Brasil, 95% estabeleceram-se no Paraná, nas várias colônias do interior e na região de Curitiba (SIKORA, 2014, p.39).

No entanto, os índices migratórios permanecem apenas em estimativas, considerando que,

Durante o período que a Polônia estava ocupada, muitos poloneses partiram munidos de passaporte alemão. Por isso, Wachowicz (1999) estima que 25% do total de alemães que imigraram para o Brasil possam ser poloneses (OLIVEIRA, 2009, p.2).

Durante a II Guerra Mundial e após esse conflito entraram no Brasil mais alguns milhares de imigrantes poloneses, como podemos verificar em Kawka (2011, p. 79),

Após a II Guerra Mundial, em consequência do deslocamento populacional provocado por esse conflito, vieram ao Paraná mais alguns milhares de imigrantes poloneses. Esses normalmente não eram agricultores e na sua maioria fixaram-se em centros urbanos maiores. [...] De acordo com pesquisas realizadas pelo historiador Ruy C. Wachowicz, entre 1869 e 1934 entraram no Brasil 105 mil imigrantes poloneses, a metade dos quais se estabeleceu no Paraná. Um censo promovido pela União Central dos Poloneses (Central NyZwiazek Polaków) de Curitiba em 1937 informava que naquele ano havia no Paraná 92 mil poloneses e seus descendentes.

Esta breve descrição da imigração polonesa no estado do Paraná demonstra apenas parte da complexidade deste processo migratório, por representar um contingente populacional significativo. Tratando-se do processo de integração do polonês no Brasil, observamos uma espécie de estigmatização dos poloneses, sendo que os termos comumente utilizados para designar esses imigrantes, “polaco” ou “polaca”, nada tem a ver com “polonês” ou “polonesa”, mas carregam uma conotação extremamente preconceituosa. A pesquisadora Anna Wolny (2012), da Universidade de Cracóvia na Polônia, aponta a existência de duas vertentes migratórias da Polônia para o Brasil,

[...] desde logo o pesquisador depara-se com um problema essencial que é a suposta ligação da polaca-prostituta com a imigração

polonesa, facilmente questionável, considerando que eram dois grupos de imigrantes de caráter e propósitos diferentes. Os primeiros habitantes da Polônia chegam ao Brasil em resposta ao incentivo do governo brasileiro que, depois da abolição da escravidão em 1888, encontra-se numa situação econômica carente. [...]Do outro lado, e cronologicamente em simultâneo, temos o termo “polaca”, que vem associado às mulheres trazidas para o Brasil pelos traficantes de escravas brancas reunidos em associações como Migdal Zwi (WOLNY,2012, p.240).

A autora ainda esclarece em nota, que a referida Migdal Zwi, constitui uma “organização judaica criada na Argentina que se ocupava do tráfico das escravas brancas na Argentina e no Brasil, sob as aparências de filantropia”. (WOLNY, 2012, p.240).

A questão a respeito do preconceito à etnia polonesa também é revista no texto abaixo,

Essa demonstração passa pela identificação das fontes do preconceito que diferencia os poloneses dos demais imigrantes. Nesse caso particular, sobressaem a discussão do germanismo antipolonês, de um lado, e a inserção do imigrante numa produção agrícola de subsistência subordinada a um complexo agroexportador. (DOUSTDAR, 1990, p. 26).

Desta maneira, os estudos da trajetória das comunidades polonesas no Paraná revelam a complexidade de suas formas de organização, assim como as diversas maneiras como estas representações foram sendo construídas até o presente.

O Memorial de Imigração Polonesa de Curitiba, na busca da preservação da cultura polonesa, possui um importante papel de valorização e conservação da memória daquela comunidade. A dinâmica da construção social dos Museus e Memoriais será o tema do capítulo a seguir complementado com as reflexões a respeito de patrimônio cultural, memória e identidade articulados com as representações sociais.

2 MEMORIAIS E MUSEUS

2.1 Os Memoriais

Em estudo abrangente sobre Museus Memoriais intitulado “*Memorial Museums: The Global Rush to Commemorate Atrocities*” professor da Universidade de Nova York, Dr. Paul Harvey Williams (2007), considera que os Memoriais revelam uma postura social, “have helped to engender and consolidate social practices of visitation” (WILLIAMS, 2007, p. 5)⁶, como também são lugares que “*will lead us beyond their own materiality and back in time to the personas and events they commemorate*”(WILLIAMS, 2007, p.6)⁷.

Os primeiros memoriais criados nos anos cinquenta estavam associados ao tema dos genocídios de vítimas de guerra: o Museu da Paz (Figura 26) inaugurado em 1955, na cidade de Hiroshima no Japão, local onde os Estados Unidos lançaram a bomba atômica na segunda guerra mundial, e o *Yad Vashem* do ano de 1953 em Jerusalém em Israel, principal centro para a guarda da memória sobre o Holocausto.

Figura 26: Memorial da Paz em Hiroshima (JP)



Fonte: último segundo (2010).

⁶ Tradução da Autora. Tem ajudado a gerar e consolidar práticas sociais de visitação.

⁷ Tradução da Autora. Nos levam para além da sua própria materialidade e voltam no tempo para as pessoas e eventos que comemoram.

Segundo Paul Williams (2007) “*while the Holocaust is tied to the second world war, its obvious antinomy to conventional warfare has meant that its memorialization has required considerable departures in form and meaning*”⁸ (WILLIAMS, 2007,p.6).

No seu livro, o autor esclarece que na Segunda Guerra Mundial, principalmente pensando em relação ao Holocausto e à bomba nuclear, houve tragédias humanas com proporções inéditas, cujas vítimas eram civis e não soldados em combate, o que caracterizou uma diferenciação em relação às guerras convencionais, e também à necessidade de uma nova forma de memorialização, daí a criação dos Memoriais.

O autor segue em sua tentativa de delimitar o campo de conhecimento a respeito de Memoriais, tema central de seu trabalho, apresentando em linhas gerais, as principais características distintivas a respeito de monumento, museu memorial e sítio memorial,

A monument is a sculpture, structure or physical marker designed to memorialize. A museum, as we know, is an institution devoted to the acquisition, conservation, study, exhibition, and educational interpretation of objects with scientific, historical or artistic value. I use the term memorial museum to identify a specific kind of museum dedicated to a historic event commemorating mass suffering of some kind. A final term, the memorial site, is used to describe physical locations that serve a commemorative function, but are not necessarily dominated by a built structure⁹ (WILLIAMS, 2007, p.8).

Williams ao definir um conjunto de significados referentes a monumentos, museus, museus memoriais e sítios memoriais busca delimitar o campo de trabalho quanto às especificidades de cada termo.

O autor acrescenta que os Memoriais existentes em todas as partes do mundo em que ocorreram conflitos armados, foram construídos em vários períodos, com estruturas políticas e culturais diferenciadas em seus discursos como, por exemplo,

⁸Tradução da Autora. Embora o holocausto esteja ligado à segunda guerra mundial, a sua antinomia óbvia à “guerra convencional” significa que sua memorialização requer consideráveis desvios em forma e significado.

⁹ Tradução da Autora: Um monumento é uma escultura, estrutura ou marca física projetado para memorializar. Um museu, como sabemos, é uma instituição dedicada à aquisição, conservação, estudo, exibição e interpretação educacional de objetos com valor científico, histórico ou artístico. Eu uso o termo Museu Memorial para identificar um tipo específico de museu dedicado a um evento histórico que comemora algum tipo de sofrimento em massa. Um termo final, o Memorial, é usado para descrever locais físicos que tem funções comemorativas, mas que não possuem necessariamente uma estrutura construída para tal.

In postwar Poland and Czechoslovakia, the communist regimes produced holocaust memorials that predictably had strong antifascist interpretations (that is, Nazis as oppressors of the working class) [...] By contrast, the YadVashen complex in Jerusalem (1953) has generally reflected (over several alterations and enlargements) a Zionist framework¹⁰ (WILLIAMS, 2007, p.6).

O Museu Memorial e o Memorial 11 de Setembro de Nova York, iniciativa da fundação americana *World Trade Center*, (Figura 27) que, talvez possam ser os mais conhecidos devido ao impacto midiático que a tragédia que os precedeu causou, foram instalados onde antes estavam as torres gêmeas do *World Trade Center* abertos ao público em 2014. O Memorial 11 de Setembro, também chamado de *Tribute Center*, possui a função de homenagear os cerca de três mil mortos no ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, diferentemente do Museu 11 de Setembro, cujo papel é de explorar as implicações dos eventos de 11 de setembro, documentando o impacto de forma continuada.

Figura 27: Museu Memorial 9/11 em NYC (US).



Fonte: Damon Winter. The New York Times

¹⁰ Tradução da Autora: Na Polônia do pós-guerra e na Tchecoslováquia os regimes comunistas produziram memoriais do Holocausto que previsivelmente tiveram fortes interpretações antifascistas (isto é, os nazistas como opressores da classe trabalhadora) [...]. Por outro lado, o complexo de Yad Vashen em Jerusalém (1953) tem geralmente refletido (ao longo de várias alterações e ampliações) um quadro sionista.

Os memoriais ao representarem uma nova forma de memorialização, possuem a proposta de sensibilização e diálogo com o público em contraponto aos museus de história e suas formas de memória: "*Between the ephemeral and the permanent, between dissolving personal memories and hardened official histories*"¹¹ (WILLIAMS, 2007, p. 1). Muito mais que mostrar as histórias traumáticas, os memoriais funcionam como lugares de sítio, construídos tanto por histórias oficiais como por histórias pessoais. Williams considera que em termos de interpretação de conteúdo, o memorial expressa algumas preocupações,

A memorial is seen to be, if not apolitical, at least safe in the refuge of history. This is largely because we recognize that honor will accrue to most people – no matter their actual worldly deeds – simply because honest evaluation of the dead is normally seen as disrespectful. A history museum, by contrast, is presumed to be concerned with interpretation, contextualization, and critique. The coalescing of the two suggest that there is an increasing desire to add both a moral framework to the narration of terrible historical events and more in-depth contextual explanations to commemorative acts (WILLIAMS, 2007, p. 8).¹²

O autor segue na sua análise pontuando que o aumento do número de museus memoriais após a Segunda Guerra Mundial está correlacionado ao direcionamento das grandes narrativas e experiências autoritárias em museus nacionais. Ao invés de ser imerso em narrativas históricas prontas, os visitantes dos memoriais são solicitados a *ter "experiences that are sensory and emotional rather than visual and impassive"*¹³ (Williams, 2007, p. 3). O autor considera que a experiência nestes espaços possa ser mais fluída, menos hierárquica e mais pessoal.

No seu trabalho, Williams destaca sobre as possibilidades de narrativa desses objetos em exposições de museus. Tanto podem ser respaldados pelas palavras e

¹¹ Tradução da autora. Entre o efêmero e o permanente, entre dissolver memórias pessoais e solidificar histórias oficiais.

¹² Tradução da autora. Um memorial é considerado, quando não apolítico, pelo menos seguro no refúgio da história. Isso se deve, em grande parte, por reconhecermos que a homenagem irá reverter em favor da maioria das pessoas – independente de suas verdadeiras ações mundanas – simplesmente por que uma avaliação honesta do morto é normalmente considerada desrespeitosa. Presume-se que um museu histórico, ao contrário, está voltado a questões de interpretação, contextualização e crítica. A fusão dos dois sugere que há um desejo crescente de acrescentar um enquadramento moral à narrativa de eventos históricos terríveis e explicações mais contextualmente aprofundadas de atos comemorativos.

¹³ Tradução da Autora. Experiências que são sensoriais e emocionais ao invés de visual e impassível.

pelos documentos que os acompanham, como também podem ter sua significação ampliada quando interpretados pelos curadores ou pelo público visitante. “*We understand that stories about the past are what gives life to objects, rather than vice versa*”¹⁴(WILLIAMS, 2007, p. 49).

No entanto, adverte quanto ao controle da narrativa de um museu e o congelamento do significado do *objeto* “*the language and themes used to construct what is a now sacred national memory has placed the event almost beyond dispute, allowing it to harden into myth*”¹⁵ (WILLIAMS, 2007, p. 167).

Desta maneira, os Memoriais articulam a delicada relação entre a história oficial e a história dos sujeitos, na perspectiva de promover a discussão das temáticas que envolvem a sociedade contemporânea.

Inevitavelmente, os museus sofreram uma série de mudanças ao assimilar a realidade em diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas que viabilizaram o aparecimento de novas instituições e processos de musealização específicos, como no caso dos Memoriais.

No entanto, existe a necessidade de aprofundamento das discussões a respeito dos memoriais, em razão das especificidades destas instituições. O historiador Jorge Barcellos (1999), ao procurar um conceito para os memoriais, analisa o perfil institucional de diversos memoriais com a intenção de delimitar “seu objeto e campo de atuação, distinguindo-o de seus congêneres centro cultural e museu” (BARCELLOS, 1999, p.3). Em sua análise, o autor propõe que os Memoriais, não possuem as mesmas atribuições de um museu,

O eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória do Estado ou da instituição a que se refere - o que os libera de se constituírem, como os demais museus [...] em função de determinados acervos, temas ou objetos. (BARCELLOS, 1999, p. 11).

Percebemos que nesta análise, o autor direciona os trabalhos do Memorial na organização das memórias do estado ou de instituições, sem a pretensão de possuírem as características institucionais de um museu.

¹⁴ Tradução da autora. É do conhecimento comum que as histórias dão vida a objetos, e não o contrário.

¹⁵ Tradução da Autora. A linguagem e os temas usados para construir o que agora é uma memória nacional sagrada torna o evento quase que incontestável, permitindo que o mesmo se transforme em mito.

No decorrer dos tempos os museus sofreram uma série de mudanças que viabilizaram o aparecimento de novas instituições e processos de musealização, como o caso dos memoriais, cuja pluralidade de temas e formatação museográfica ocorrem de maneiras diferenciadas como veremos mais adiante.

Na tentativa de categorizar os memoriais, o Conselho Internacional de Museus implantou em 2001 o Comitê Internacional de Museus Memoriais (IC MEMO) direcionado para as questões de preservação da memória de vítimas de crimes de estado. Os Museus Memoriais para a recordação das vítimas de crimes públicos podem ser definidos da seguinte forma:

These institutions function as museums with a stock of original historical objects, which generally includes buildings, and work in all the classical fields of museum work (collecting, preserving, exhibiting, doing research, providing education). Their purpose is to commemorate the victims of state and socially determined, ideologically motivated crimes. They are frequently located at the original historical sites, or at places chosen by the victims of such crimes for the purpose of commemoration. They are conceived as memorials admonishing visitors to safeguard basic human rights. As these institutions co-operate with the victims and other contemporary witnesses, their work also takes on a psychosocial character. Their endeavors to convey information about historical events are morally grounded and aim to establish a definite relationship to the present, without abandoning a historical perspective. (ICMEMO-ICOM, 2001, p.1).¹⁶

Conforme consulta no Guia de Museus Brasileiros (2011), do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM existem 203 unidades museológicas no Brasil denominadas como Memorial. Percebemos que os memoriais elencados na publicação, estão voltados para a preservação e difusão da memória, seja institucional, biográfica ou de uma

¹⁶Tradução livre: Estas instituições funcionam como museus com um estoque de objetos históricos originais que geralmente incluem prédios e obras em todos os campos clássicos de trabalhos de museus (coleccionar, preservar, exibir, fazer pesquisa, promover educação). O propósito dessas instituições é celebrar as vítimas do estado e os crimes socialmente determinados, e ideologicamente motivados. Elas são frequentemente localizadas nos locais históricos originais ou em locais escolhidos pelas vítimas de tais crimes com o propósito de celebração. Elas são idealizadas como memoriais que lembram visitantes a salvaguardar direitos humanos básicos. Como estas instituições cooperam com as vítimas e outras testemunhas contemporâneas, elas também exercem um trabalho de caráter psicossocial. Seus esforços para transmitir informação sobre eventos históricos estão moralmente fundamentados e objetivam estabelecer uma relação definitiva com o presente, sem abandonar uma perspectiva histórica.

cultura específica. Nesses locais acontecem atividades culturais, educativas e técnicas.

Desta maneira, sentimos a necessidade de avaliarmos a configuração do MIP dentro do conceito de Memorial, e percebemos que o Memorial da Imigração Polonesa de Curitiba não se configura na descrição do comitê do ICOM por não compreender vítimas de estado, embora tenha a preocupação de “divulgar informação sobre eventos históricos mantendo sua perspectiva histórica e também suas fortes ligações com o presente” (ICOM, 2001, p.1).

Paul Williams na sua discussão considera que o termo Museu Memorial deva ser utilizado para um tipo específico de museus, ou seja, aquele que se dedica à comemoração de eventos de tragédias coletivas¹⁷. No âmbito internacional estas instituições estão voltadas à questão dos crimes de guerra e genocídios, o que em termos nacionais são pouco explorados. Neste aspecto, o Memorial de Resistência em S. Paulo, como também, o Museu do Holocausto de Curitiba, configuram exemplos de Memoriais na ótica de Williams, apesar deste último não receber o nome de memorial, mas sim de museu.

Ampliando a discussão sobre memoriais, a museóloga Ana Maria Vieira (2013), analisa que os “Memoriais são monumentos à memória onde a cultura material seria, portanto, o meio e não o fim”, evidenciando desta maneira, que o foco de trabalho destas instituições estaria substancialmente voltado à identidade coletiva dos sujeitos. Nesta concepção, o memorial abrange as memórias de instituições, personalidades, cidades, fatos e acontecimentos.

No mesmo artigo, Vieira (2013) questiona sobre a existência de um conceito para memorial, e propõe e argumenta que “nem todos os museus criam espaços que favorecem a reflexão sobre todas essas questões” (VIEIRA, 2013, p.2) como os Memoriais e que são vários os questionamentos sobre a denominação Memorial. A autora reafirma as propostas de memoriais citadas por Williams,

Situados em sítios históricos originais, refletem políticas públicas estratégicas de direitos humanos no âmbito da Justiça e das Relações Internacionais. Envolvem principalmente as questões relacionadas à memória. No caso dos inúmeros memoriais de guerra, estes foram e

¹⁷“I use the term memorial museum to identify a specific kind of museum dedicated to a historic event commemorating mass suffering of some kind” (WILLIAMS, 2007,p.8)

são erigidos no sentido de reparações ou como espaços de reflexão objetivando a paz (VIEIRA, 2013, p.2).

Barcellos aponta que há “ausência de uma delimitação conceitual” a respeito dos Memoriais, pois estes “derivam dum entendimento sobre o papel que têm as instituições que trabalham com a memória na sociedade” (BARCELLOS, 1999, p.1).

Em termos nacionais, considerando as 203 memoriais, no Cadastro Nacional de Museus (2006) do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM no que se refere à apresentação ao público, edificação, estrutura de pessoal e estrutura física possuem grande diversidade, não apresentando uma uniformidade de perfil. Poderíamos dizer que a configuração dos memoriais, enquanto instituições museológicas apresentaram diversos formatos ao longo de sua história, do Museion da Grécia Antiga às diferentes formas de linguagem da hipermídia e digitalização atuais.

Figura 28 - Memorial Juscelino Kubitschek em Brasília (DF)



Fonte: Brasil.gov.br. 2016

Alguns memoriais além de acervo biográfico e temática voltada às atividades do homenageado possuem em suas instalações mausoléus para a guarda dos restos mortais de figuras notáveis, como no caso do Memorial Juscelino Kubitschek, com projeto arquitetônico de Oscar Niemayer em Brasília - DF (Figura 28), memorial Nereu Ramos, na cidade de Lages - SC, ou o Memorial Marechal Mallet, voltado para a história militar e localizado no Quartel do 3º Grupo de Artilharia em Santa Maria – RS.

Como exemplo de memorial voltado para a organização das memórias de estado ou de instituições identificamos o Memorial da Resistência de S. Paulo (Figura

29) que trata da resistência e repressão política do início do Brasil republicano à atualidade.

Figura 29– Memorial da Resistência. São Paulo-SP.



Fonte: tvbrasil. ebc.com.br 2016

Como podemos observar, os memoriais, tais como os museus, podem ser concebidos com diversos perfis, sejam arquitetônicos, museográficos, administrativos etc., mas que ao passarem por um processo de musealização oferecem a possibilidade de uma leitura mais ampla de seu patrimônio cultural desde que inseridos nas práticas sociais da comunidade. Jeudy (1990), ao focalizar o papel das instituições museológicas no mundo social, afirma que "se apresentam como espaços de organização e de evocação das referências culturais que servem ao desenvolvimento do conhecimento" (JEUDY, 1990, p.19).

Williams acredita que a criação de Memoriais como instituições de memória *"revolutionized the world of history museums because it reflected when new memory processes, including the historical interpretation and the museum's social function"*¹⁸(WILLIAMS, 2007, p. 8).

Devido à extensão do conceito de museus presente no Estatuto de Museus, (Lei nº 11.904/2009) que, no seu artigo primeiro, define como museus as "instituições

¹⁸Tradução da Autora: revolucionou o mundo dos museus de história porque eles refletiam novos processos de memória, incluindo a interpretação histórica e a função social do museu.

e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades” (Brasil, 2007), os memoriais podem ser contemplados como instituições museológicas.

As diversas possibilidades de atuação do MIP como instituição de memória e os delineamentos contemporâneos das instituições museais reportam às tentativas de delimitação de seu campo de trabalho como museu memorial. Neste sentido, ao retomar a análise de Williams (2007), quando define os memoriais como locais dedicados a um evento histórico que comemora um sofrimento de massa, não nos parece obviamente adequado, a menos que levemos em conta as dificuldades e sofrimento passados pelos imigrantes ao deixarem sua terra natal e de se adaptarem a um novo país, com cultura diversa da sua.

Considerando a análise de Williams (2007), percebe-se a possibilidade de caracterização do MIP como instituição museal na medida em que elege para suas funções a preservação do acervo de casas de tronco e uma coleção de objetos referentes à imigração polonesa em Curitiba.

Por outro lado, observamos que o Memorial da Imigração Polonesa de Curitiba não se configura na descrição do comitê do ICOM/ ICMEMO, por não compreender vítimas de estado. No entanto, o MIP possui em seu perfil de atuação a preocupação de “divulgar informação sobre eventos históricos mantendo sua perspectiva histórica e também suas fortes ligações com o presente” (ICOM/ICMEMO, 2001, p.1), ao desenvolver atividades com o intuito de congrega a comunidade polonesa na ocasião de comemorações.

Desta forma, acreditamos que o Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba enquanto espaço de preservação da memória dos imigrantes poloneses, comporta um perfil museológico, e é o entendimento, o da evolução do pensamento museal é que nos ateremos a seguir.

2.2 Os Museus e a Trajetória para a Nova Museologia

Para o entendimento da evolução do pensamento museológico, iniciamos com as discussões do Seminário Regional da UNESCO – *United Nations Educational Scientifics and Cultural Organization* - no Rio de Janeiro (1958), as Cartas de Santiago (ICOM, 1972), Quebec (ICOM, 1984) e Caracas (ICOM, 1999) o que nos leva ao

aporte para compreensão do tema. Estas cartas constituem “documentos fundamentais para o entendimento da renovação no cenário museológico internacional e, notadamente, na América Latina, onde a maior parte deles tomou corpo.” (CÂNDIDO, 2009, p. 17).

O primeiro evento transformador do campo museal, intitulado Seminário sobre a Função Educativa dos Museus, com o apoio do *International Council of Museum-ICOM* ocorreu no Rio de Janeiro em 1958, com a proposta de analisar as exposições museais como instâncias mediadoras entre os museus e a sociedade.

O Documento do Rio de Janeiro foi delineado considerando especial atenção à função didática dos museus e aos recursos expositivos. Nas definições fundamentais do documento, destacamos a preocupação com a função educativa do museu, “Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo outras finalidades [...]” (BRASIL, 2007, p. 92).

O início da tendência democratizante no meio museal, em direção à integração do museu com a comunidade, tornou-se efetivamente possível com a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile (ICOM, 1972), organizada pela UNESCO e com o apoio do ICOM.

Nesta ocasião, a temática versou em torno do papel dos museus na América Latina com ênfase nas questões de integração do museu à população local, patrimônio e meio ambiente, em substituição aos enfoques dos museus tradicionais em que público, coleção e edifício centravam as preocupações destas instituições.

A partir das discussões ali realizadas foi proposto um novo conceito de museu e de sua função social, através da edição da Declaração de Santiago, a qual considera que,

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (ICOM, 1972, p. 1).

Esta formação da consciência das comunidades que alude a Carta de Santiago do Chile sinalizou a importância do museu como instrumento de desenvolvimento com o olhar da responsabilidade social. Mas o aspecto mais significativo para o

delineamento da museologia apresenta-se na proposta do museu integral, o qual confere “a comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural” (ICOM, 1972). Essas novas discussões em âmbito internacional trouxeram outros desafios à museologia, com a necessidade de repensar os museus sob a perspectiva do museu integral.

A ênfase ao trabalho de uma museologia comunitária, implícita na proposta da Carta de Santiago do Chile, era uma resposta aos regimes ditatoriais vigentes na América Latina e, por essa razão, enfrentou dificuldades políticas para ser implantada.

O educador, pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire, com atuação e reconhecimento internacionais, aceitou o convite do presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM) à época da organização e realização do evento, o museólogo Hugues de Varine-Bohan, para presidir a Mesa-Redonda de Santiago e a manifestar suas ideias de educador. No entanto, sua participação foi vetada pela delegação brasileira da UNESCO, inviabilizando seu contributo à museologia. Esta questão foi motivada pelo exílio político de Freire iniciado pelo golpe de estado no Brasil em 1964.

O pensamento de Paulo Freire (1983) considera a importância dos sujeitos enquanto protagonistas nos processos educacionais. Esta preocupação perpassa a problemática dos museus enquanto instituição mediática. “Conhecer, que é sempre um processo, supõe uma situação dialógica” (FREIRE, 1983, p. 71). O autor enfatiza que o “objeto do conhecimento não é o termo dos sujeitos cognoscentes, mas a sua mediação” (FREIRE, 1983, p. 71), de maneira que o ato de conhecer pressupõe uma situação interativa, de comunicação. Percebemos os museus como instituições de educação não formal, que intermediam o conhecimento através de sua política cultural, contribuindo dessa forma, no processo de valorização das comunidades.

Com o propósito de fomentar as discussões em torno das relações da Museologia e seu objeto de estudo em 1977, foi criado o Comitê Internacional da Museologia (ICOFOM). Conforme Cury (2005), os objetivos do ICOFOM seriam [...] “o desenvolvimento de um programa de ensino universitário da museologia e a compreensão das interrelações da museologia com outros campos de conhecimento” (CURY, 2005, p. 46).

No Ateliê internacional de Ecomuseus – Nova Museologia ocorrido em 1984 em Quebec (ICOM, 1984), no Canadá, novos conceitos foram desenvolvidos “como os de ‘nova museologia’, ‘ecomuseologia’, ‘museologia comunitária’ e outras formas

que tinham em comum a interação com as comunidades” (CERÁVOLO, 2004, p. 261). Ainda de acordo com um dos itens da declaração, expõe-se a necessidade do museu estender suas ações ao meio ambiente e à comunidade:

A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico (ICOM, 1984, p. 1).

Observamos que os documentos produzidos em 1972, durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, assim como o de 1984, na realização do Ateliê Internacional de Ecomuseu de *Haute Beauce*, situado em Quebec, no Canadá, causaram um movimento diferenciado no campo teórico e metodológico no Brasil. Neste sentido, os museus rumaram em direção à museologia comunitária, concebida a partir do patrimônio como agente de mediação, reforçada pela função social dos museus. No âmbito nacional, houve um atraso na aplicabilidade destes princípios, já que “somente se teve acesso ao documento de Santiago, [...] dez anos depois” (CABRAL, 2012, p. 1). Conforme indica a autora,

Nunca é demais lembrar que, à época, os participantes latino-americanos talvez não tenham podido implementar as resoluções porque a América Latina se inscrevia num contexto de combates para a institucionalização da democracia e que essa luta política se constituía em condição prévia para a superação de sua profunda crise econômica e social (CABRAL, 2012, p.1).

Com o ambiente acadêmico da museologia ausente dos debates a respeito da função social dos museus, como presenciado por esta mestranda no decorrer do Curso de Museologia no início da década de 1980, houve um retardo para a aplicabilidade destes novos conceitos no âmbito museal, mesmo porque naquele período, chefes militares dirigiam grande parte das universidades brasileiras.

Com o desenvolvimento das discussões do Ateliê Internacional ocorrido em 1984, foi organizado, no ano seguinte, em Portugal, o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), tendo como “objeto de estudo, a formação e a divulgação da museologia social” (MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA, 1984, p. 16). Esta Nova Museologia baseava-se no estímulo e divulgação de novas experiências no campo museal, “O fundamento destas novas

experiências deveria ser o de uma Museologia de caráter social em oposição ao colecionismo” e abordava as “diversas formas de expressões museais” (CÂNDIDO, 2009, p. 25).

O impacto dos movimentos em direção à renovação teórica das práticas museais, ocasionou novas propostas conceituais como a do renomado museólogo francês Hugues de Varine-Bohan, em que propõe uma classificação entre as possibilidades de museus: os museus-instituição e os museus-processo,

O museu-instituição seria aquele composto por um acervo e um público, atendidos por profissionais que decidem os papéis e as ações de ambos sem se relacionar minimamente com seu contexto social. Já o museu-processo seria aquele cujo objetivo principal é servir de instrumento para a comunidade que integra, e como parte do tecido social, econômico e educativo, contribuir para seu desenvolvimento (VARINE-BOHAN, 2000, p.22).

Na década de 1980 no Brasil, destacou-se em termos teóricos o trabalho de Waldisa Russio Camargo Guarnieri, comprometida com as ações de transformação social dos museus. Para ela, o conceito do Fato Museal é identificado como uma “[...] relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre o qual tem o poder de agir, num cenário institucionalizado, o museu” (GUARNIERI, 1990, p. 204).

Esta referência nos revela a possibilidade de interpretação do objeto, como patrimônio cultural, inserido à dinâmica de vida da comunidade, não limitando o fazer museológico à preservação e a exposição do objeto.

Este entendimento do fato museal, “é replicado, em uma outra versão, para atender à nova museologia [...] neste sentido, o ternário é constituído pela SOCIEDADE, o PATRIMÔNIO e o TERRITÓRIO, ou S x P x T.” (CURY, 2010, p. 272).

A discussão da problemática em torno da agenda museal ocasionou novas propostas conceituais. No cenário atual os museus constituem importantes unidades de memória inseridas na vida e no consumo coletivo na tentativa de se popularizarem, no sentido de cumprirem uma nova tarefa de preservar as culturas periféricas, como nos casos dos museus comunitários e ecomuseus, por exemplo.

Com a noção cada vez mais alargada de patrimônio, Desvallées refere-se a uma museologia globalizante de maneira que a instituição museal “ultrapassa suas

paredes. Suas coleções estão em toda parte. Tudo lhe pertence. Todo patrimônio é museal – e não apenas museificável. Tudo é museu!" (DESVALLÉES, 1989, p. 14).

Quando o autor sugere que todo o patrimônio é museal, nos reportamos ao conceito de patrimônio, com conotações e dimensões diferenciadas, transferindo sua instância para além do patrimônio material, onde encontramos a inclusão do patrimônio imaterial ou intangível, abarcando as expressões cuja importância não estaria mais na dimensão física, mas como o inscrito na Convenção da Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (UNESCO, 2003):

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003).

O século XX registrou importantes mudanças na trajetória dos museus, incorporando estes novos conceitos de patrimônio como também reconsiderando a diversidade dos espaços museológicos. Na mais recente definição de museu estipulada pelo ICOM, percebe-se o reconhecimento de que os museus devem desenvolver mecanismos voltados para o patrimônio imaterial,

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007).

Nesta atualização, houve a substituição do termo “evidencia material” por “patrimônio material e imaterial”, expandindo significativamente a problemática de estudo dos museus, em conformidade aos desafios atuais.

Nas questões relativas ao patrimônio evidencia-se na Declaração de Caracas (ICOM, 1992) por ocasião do Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, quando o museu “começa a ser gerenciado para o interesse da sociedade e não exclusivamente para instituições como os museus tradicionais” (VIANA, 2009, p. 18). Assim, na Carta de Caracas, encontramos a definição de Patrimônio de uma forma abrangente, “Entende-se como patrimônio cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade aquelas expressões materiais e espirituais que as caracterizam.” (ICOM, 1999, p. 254).

Constatamos que na Nova Museologia, os museus se desvencilham da relação direcionada unicamente para a coleção para se voltarem a outras instâncias sociais, representadas pela heterogeneidade de determinados grupos num campo marcado por tensões e conflitos em suas diversas instâncias de representações.

Estas articulações do museu como instituição de diálogo com a comunidade visam ampliar as relações com seus atores sociais, além de favorecer o encontro e o reconhecimento do museu com o seu público, através de práticas sociais específicas, “os museus conquistaram notável centralidade no panorama político e cultural do mundo contemporâneo [...] Passaram a ser percebidos como práticas sociais complexas” (BRASIL/MINC, 2007, p.18).

No panorama museológico, compreende-se a importância dos museus reafirmarem suas políticas culturais voltadas para a comunidade. Como consequência, no próximo item, refletiremos a respeito das noções de patrimônio cultural, memória e identidade na contextualização do Memorial como também abordaremos os conteúdos relativos aos lugares de memória. Estes conceitos a serem apresentados, revelam sua importância no objeto da nossa investigação, na medida em que os correlacionamos aos conteúdos das representações sociais com o tema proposto.

2.3 Patrimônio cultural, memória e identidade

O Memorial de Imigração Polonesa de Curitiba constitui um patrimônio cultural tombado na esfera estadual, pelo seu conjunto arquitetônico e paisagístico. Configura um testemunho para a memória e a identidade dos primórdios da colonização polonesa da região de Curitiba.

Como patrimônio cultural, o Memorial possui características e valores ligados à comunidade polonesa. Na Declaração de Caracas (ICOM, 1992), como já citamos anteriormente, podemos compreender que o patrimônio cultural "de uma nação, de uma região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que lhe constituem, incluindo o meio ambiente natural" (ICOM, 1992).

Portanto, o patrimônio nesta perspectiva não é formado apenas de pedra e cal, mas constituído pelos usos e costumes e pelos modos de ser e fazer de determinada comunidade e considera, portanto, o homem como produtor de cultura.

No entendimento do antropólogo Clifford Geertz (2011), a cultura é compreendida como uma ação simbólica, interpretada como um conceito semiótico “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ,2011, p.15).

Segundo Geertz, a cultura não deve ser vista de forma individual, mas de maneira socializada. Assim, os elementos que constituem as teias indicadas por Weber, não possuem sujeitos ou fatos geradores definidos.

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2011, p.24).

O entendimento das manifestações culturais e seus mecanismos nos processos de análise das representações sociais apontam a importância do contexto cultural. Para Moscovici,

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. (MOSCOVICI, 1981, p.35)

As representações sociais importam para análise das manifestações culturais enquanto práticas sociais, pois auxiliam e atuam para a compreensão da própria realidade. Assim, a cultura e suas diversas formas de expressão, possuem um poder simbólico representadas no imaginário social.

Ao utilizamos o termo “imaginário”, partimos das proposições de Gilbert Durand, segundo o qual “imaginário é o conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano” (DURANT apud COELHO, 2004, p.212).

Segundo o cientista político e historiador José Murilo de Carvalho, a atuação social do imaginário é ampla e complexa, “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos.” (CARVALHO, 1987, p. 11).

Assim o imaginário, contribui com sua parcela para a definição das identidades. Stuart Hall (2000) nos dá uma noção da complexidade da percepção das identidades nas sociedades contemporâneas,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2002, p. 12)

As identidades possuem certa suscetibilidade, na medida em que estão em constante mutação e na multiplicação de seus sujeitos. Compreendemos que este sentido de identidade do indivíduo consolida-se numa memória compartilhada não só de um passado comum, mas, sobretudo no campo simbólico.

Halbwachs (1990) argumenta que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu passado coletivo mantendo uma identidade que permite a distinção dos grupos, criando o sentimento de pertencimento. O autor acrescenta a respeito da relação com a construção da memória ao dizer que,

[...]a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto (HALBWACHS, 1990, p.51).

Para Maurice Halbwachs (1990) as reflexões sobre a memória, possibilitam a problematização da reconstrução das lembranças no campo das relações sociais, o que nos reporta ao local de nossa pesquisa, o Memorial de Imigração Polonesa e seu conjunto de narrativas, que apontam para a construção de uma identidade no presente, a partir da legitimação de um passado, de uma história em comum.

Os conteúdos entre memória e história foram aprofundados pelo historiador francês Pierre Nora (1993). A história, segundo o autor, “é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado” (NORA, 1993, p.9).

Nesta perspectiva, o Memorial constitui-se como um espaço em que experiências são divididas, lugar de lembranças significativas dos sujeitos que por lá

passam, quer sejam representantes da comunidade polonesa, visitantes ou colaboradores. Segundo Nora (1993), os lugares de memória como Museus e Memoriais, são lugares feitos propositadamente para recordar e lembrar algo específico;

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p. 13).

Ao analisarmos a significação dos “lugares de memória” na perspectiva do Memorial de Imigração Polonesa, entendemos sua importância como local de preservação de identidades que possibilitem às pessoas o referencial de seu lugar e grupo de pertencimento.

Do ponto de vista da história, os estudos dos conteúdos da memória e da identidade cultural permitem o reconhecimento dos modos de pensar e agir de uma sociedade. De acordo com Diehl (2002), a memória deve ser entendida como “um processo dinâmico da própria memorização” (DIEHL, 2002, p.112).

No entanto, “Para a história, não são as memórias e identidades os pontos centrais, mas as suas respectivas representações nas experiências e expectativas de vida” (DIEHL, 2002, p. 113). É importante ressaltar que Polar (1992) aprofunda este posicionamento da seguinte forma,

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais. (POLLAK, 1992, p. 204-205)

Nesta abordagem, Polar nos dá a direção política da memória e da identidade, como elementos de disputa negociáveis. A historiadora Boris Leal complementa que a memória pode “servir de instrumento ideológico de dominação e de criação de uma visão e de uma identidade cultural” (LEAL, 2005, p.171). Sendo assim, as dinâmicas da memória e da identidade avançam em direção aos conteúdos das representações sociais,

[...] cada vez que exprimimos uma ideia, uma concepção, uma adesão, dizemos algo de nós mesmos. Aderir a uma representação é particular de um grupo, de uma ligação social, mas também expressa algo de sua identidade que pode ter um efeito sobre a construção do objeto (JODELET, 2005, p.315).

De fato, as representações sociais são manifestadas no contexto das instituições, nas relações dos sujeitos, nas práticas do cotidiano por um conjunto de opiniões, imagens e atitudes. Estão associadas à memória e à identidade. Para o pesquisador francês Jean-Claude Abricó, essas representações são determinadas “pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social” (ABRIC, 2001, p.156).

De acordo com o autor, as representações são fenômenos sociais compartilhados que contribuem para a construção de uma realidade comum. Observamos que as representações sociais podem exercer um papel determinante na conduta de visitantes, gestores e idealizadores do Memorial uma vez que consistem em formas de pensar exteriorizadas a partir de elementos cognitivos na forma de imagens e conceitos.

Assim sendo, no próximo capítulo, esta investigação irá focalizar as discussões em torno das representações sociais e os museus, acrescidas do quadro de organização metodológica desta pesquisa e das interpretações acerca das fontes coletadas.

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1 A Teoria das Representações Sociais e os Museus

A Teoria das Representações Sociais inicialmente foi desenvolvida pelas pesquisas do romeno Serge Moscovici, com a publicação *La psychanalyse, son image, son public*, em 1961, onde foram fundamentadas suas bases conceituais no domínio da psicologia social. O estudo da representação social possui sua origem nos campos de conhecimento da sociologia e da psicologia, caracterizado como “um dos mais produtivos no âmbito da psicologia social de origem europeia, tanto em termos de pesquisa empírica quanto de elaboração teórica” (SÁ, 1996, p. 13). Este conceito está presente em diversas áreas de conhecimento como, por exemplo, antropologia, história, sociologia, museologia além da psicologia social e da saúde.

As representações sociais tiveram início nos estudos de “representação coletiva”, realizados por Emile Durkheim. Para o sociólogo, a construção das representações coletivas se desenvolve através da “formação de conceitos que são repartidos pelos membros do grupo, com origem nas características da vida na coletividade” (ALEXANDRE, 2004, p. 131). Nesta perspectiva, Durkheim analisa as representações como o modo como o grupo se vê em relação ao mundo. Durkheim aponta que “o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza” (DURKHEIM, 1974, p. 25).

Desta forma, Emile Durkheim privilegia a natureza social do sujeito em relação às representações coletivas evidenciando a vinculação entre as representações e os fenômenos mentais como categorias de pensamento nos processos sociais em que estão inseridos:

Para compreender a maneira como a sociedade se vê a si mesma e ao mundo que a rodeia, é preciso considerar a natureza da sociedade, e não a dos indivíduos. Os símbolos através dos quais ela se encara, mudam conforme o que ela é (DURKHEIM, 1974, p. 26).

Na visão de Durkheim, os símbolos se reconstruem em função das características de determinada sociedade onde foram originados. As representações são socialmente geradas e compartilhadas através de uma dinâmica social. Neste sentido, “a consciência coletiva, aliás, é por Durkheim considerada como um ‘composto’, superiormente formado acima das mentes individuais” (LOPES, 1998, p. 9).

Estas enunciações sobre os primórdios dos estudos das representações foram posteriormente desenvolvidas por inúmeros autores no campo das ciências sociais, sobretudo na análise do “senso comum” que utilizamos cotidianamente nos posicionamentos e comportamentos sociais. “O senso comum é categorizado como um tipo anônimo de conhecimento, em oposição à ciência, ou à filosofia, que são consideradas não anônimas” (MOSCOVICI, 2003, p. 331).

Moscovici ao revelar a importância das comunicações interpessoais, aponta que as representações são produto das relações sociais de determinado grupo. Nas práticas do cotidiano, os sujeitos conversam e pensam sobre os mais variados assuntos e elaboram representações que passam a influenciar seus vínculos e comportamentos sociais. O autor entende as representações como originárias da vida cotidiana produzidas nas relações com o outro ou mesmo com o grupo. Desta maneira, consistem [...] “em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; [e] podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum” (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

O contexto das representações sociais nos indica uma articulação entre transformação e estabilidade. Moscovici aponta que estas possam ser analisadas como um fenômeno, na medida em que as representações sociais “se transformam continuamente, já que as pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos [...] elaboram as suas próprias soluções” (MOSCOVICI, 2003, p. 45). A volatilidade das representações sociais entre vários atores sociais, explica sua circulação.

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram se atraem e se repelem e dão oportunidade para o nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

As representações se modificam quando passam de um ambiente para outro, transformam-se a cada movimento. Nesta trajetória, outras são construídas e adquiridas, mas com novos significados. As representações sociais nos fazem compreender os sujeitos em sua ação, além de sua própria individualidade. Segundo os pesquisadores Sandra Jovchelovitch e Pedrinho Guareshi (1998), esta estratégia é desenvolvida por [...] “atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de

um mundo, que embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (JOVCHELOVITCH; GUARESCHI, 1998, p. 81).

As interações humanas sugerem uma relação social, entre sujeitos ou entre grupos, pressupondo que neste ambiente, se possa perceber e interpretar uma representação social. Para Moscovici (2003) “nós pensamos através de uma linguagem [...] de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura” (MOSCOVICI, 2003, p. 35). Constituem-se como aspectos da realidade, são linguagens articuladas nas possíveis leituras do mundo, delineadas nas relações entre sujeitos, objetos e acontecimentos do cotidiano.

As representações sociais conectam a instancia individual à social, permitindo o entendimento da vida social, incluindo as relações individuais destes atores. Segundo Jovchelovitch e Guareschi (1998), as representações sociais estão presentes no nosso cotidiano da seguinte maneira,

O modo mesmo de sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações são formadas (JOVCHELOVITCH; GUARESCHI, 1998, p. 20).

Assim sendo, as representações refletem uma forma de conhecimento reelaborado pelos atores sociais sobre a realidade cotidiana, considerando a realidade do contexto social, histórico, cultural em que o sujeito está inserido.

Percebe-se que as representações sociais atuam sobre o mundo e o outro, numa relação de poder específica. Mas, como salienta Cornélio Castoriadis (1995, p. 13), “toda configuração de uma realidade social passa pelo simbólico, mas não é o reflexo do real”, pois para o filósofo grego, o imaginário não é a imagem de algo, mas a “criação incessante, indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras, formas e imagens” (CASTORIADIS, 1995, p. 13). Com isso, é necessário reconhecer que estes significados não possuem determinada primazia, o que permite as ausências de outros discursos. Desta maneira, entendemos que os museus permeiam, em seus discursos, uma prática de presenças e ausências. A produção de narrativas em

termos de identidade e da memória produzem discursos que possibilitam a criação de representações sociais.

Na construção dos discursos dos museus estão os processos de formação das coleções. Os procedimentos de seleção de acervo decorrem de critérios seletivos estabelecidos pela instituição. Ao serem institucionalizados, passam da instância individual para a instância coletiva. Daquele momento em diante, tornam-se objeto de salvaguarda e entram no jogo do poder da memória, um campo repleto de conflito e arbitrariedade.

Mário Chagas aborda a questão dos discursos museológicos a seguir,

Interessa compreender que a exposição do acervo vincula-se a um determinado discurso, a um determinado saber dizer. Assim, ao dar maior visibilidade ao acervo o que se faz é afirmar ou confirmar um discurso. O que se expõe à visão do vigia não são os objetos, são falas, narrativas, histórias, memórias, personagens em cela, em cena e em cera, acontecimentos congelados. Neste caso, o que se quer aprisionar e ao mesmo tempo deixar à vista é a memória, a história, a verdade, o saber (CHAGAS, 2002, p. 56).

É nesta perspectiva que se dirige o nosso objeto de pesquisa, no sentido de investigar as narrativas dos discursos do Memorial de Imigração Polonesa de Curitiba. Os museus como instituições dialógicas, são percebidos mediante o pensamento de Moscovici, na dimensão cognitiva da representação e das interações sociais nas práticas sociais, no sentido que as representações se concretizam a partir da comunicação. Moscovici (2003) esclarece que, “desde que suponhamos que as palavras não falam sobre ‘nada’, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não verbais para elas” (MOSCOVICI, 2003, p. 72).

Coube a Denise Jodelet, a reafirmação do pensamento de Moscovici, alargando a definição de representações sociais com a seguinte contribuição: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 2001, p. 188).

Desta maneira, as representações são reproduzidas nos discursos, no falar, nas palavras, percebidas através da mídia por mensagens e imagens, cristalizadas em comportamentos e em organizações materiais e num determinado contexto social. Portanto, podemos reconhecê-las pelo senso comum e nas relações entre os indivíduos.

A importância destas mesmas relações entre os sujeitos ou entre grupos e seus discursos, podem ser percebidas pela linguagem, como parte do ferramental teórico necessário à construção de representações. Neste sentido, “as representações sociais estão, é claro, relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe linguagem” (MOSCOVICI, 2003, p. 307). Assim, Moscovici relaciona comunicação e representações sociais,

Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar, sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é partilhada e entra na nossa herança social, quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação (MOSCOVICI, 2003, p. 371).

O estudo das representações sociais procura compreender a forma pela qual as pessoas, de maneira geral, pensam a realidade e interagem nas práticas sociais. Apesar de contemplar comportamentos e expressões individuais estão condicionadas à linguagem, a um repertório de símbolos inerentes àquele meio social.

Nesse sentido, as representações sociais atuam como um “sistema de interação que regem nossa relação com o mundo e com o outro” (JODELET, 2001, p. 22). Assim, as representações são estabelecidas através de operações mentais que criam o sentido e a visão de mundo dos indivíduos e do grupo, fornecendo significado ao objeto de estudo. Denise Jodelet complementa o pensamento a respeito do conteúdo das condições da produção das representações sociais,

[...] são sociais tanto pela natureza de suas condições de produção, como pelos efeitos que engendram e pela dinâmica de seu funcionamento, sendo permanentemente influenciadas pelo conjunto de condições econômicas, sociais, históricas em uma determinada sociedade, pelos mecanismos de ancoragem e objetivação, e pelas diversas modalidades de comunicação social (JODELET, 2001, p. 182).

Os mecanismos de ancoragem e objetivação que cita Denise Jodelet foram estruturados por Serge Moscovici. Referimo-nos a objetivação quando conceitos abstratos são aplicados em realidades concretas. De acordo com Moscovici (2003, p. 71), “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade”.

Na questão da ancoragem, esta é determinada quando “transforma algo perturbador, que nos intriga, em nosso sistema de categorias e a compara com um

paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003, p. 61). Na análise de objetos não familiares, a ancoragem reconhece-as em categorias conhecidas. Para Alves-Mazzotti (1994), a ancoragem consiste em “destacar uma figura e, ao mesmo tempo, carregá-la de um sentido, inscrever o objeto em nosso universo” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 63).

Percebemos que os processos de ancoragem e objetivação, traduzem a estreita relação entre o social e as representações e como interagem reciprocamente. Operam como um processo de conhecimento com a intenção de familiarizar o grupo ou o sujeito social com o não familiar. De acordo com Sá (1996, p. 46):

A duplicação de um sentido por uma figura, pela qual se dá materialidade a um objeto abstrato, é cumprida pelo processo de objetivação. A duplicação de uma figura por um sentido, pela qual se fornece um contexto inteligível ao objeto, é cumprida pelo processo de ancoragem (SÁ, 1996, p.46).

Os aspectos midiáticos da comunicação social surgem como condição de determinação das representações sociais e do pensamento, e quando partilhados afirmam um vínculo social e uma identidade.

As representações sociais, enquanto fenômenos psicossociais estão necessariamente radicados no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade (JOVCHELOVITCH; GUARESHI, 1998, p. 54).

No contexto das representações sociais, uma exposição de museu-que tem como objetivo a comunicação-, seleciona e reproduz imagens e objetos, contextualiza certas relações e combinações que definem um sentido para determinado recorte da realidade, elaborando, assim, o direcionamento de suas práticas em relação à comunidade.

Moscovici (1981, p. 49) afirma que: “[...] as imagens, as opiniões são comumente apresentadas, estudadas e pensadas tão somente na medida em que traduzem a posição e a escala de valores de um indivíduo ou de uma sociedade”.

Os museus como mecanismos produtores de signos (imagens, textos, depoimentos) contribuem no processo de construção da memória, e a relevância que os grupos atribuem a determinados signos fornecem para a memória significações

diversas, inseridas nas escalas de valores de um indivíduo ou de uma sociedade como se refere Moscovici (1981).

A importância dos estudos das representações sociais sobre museus está na necessidade dessas instituições investigarem quais são as relações e os comportamentos sociais do público (e do não público) nos diferentes aspectos da experiência museal. Ao abarcarmos parte da produção sobre o assunto, buscamos agrupar as publicações específicas sobre representações sociais no âmbito museológico, ainda que seja uma breve amostragem.

No Brasil, trabalhos recentes têm sido publicados adotando novas preocupações sociais e assumindo perspectivas inovadoras com relação aos estudos de museus. Inicialmente, poderemos citar a contribuição do artigo, “O Contemporâneo como Representação Social: o caso dos museus” das historiadoras Abreu e Silva (2014) com a análise de conceitos sobre o contemporâneo, representação e leitura iconográfica. Igualmente relevante o artigo “museu da gente sergipana: Memórias, imaginários e representações”, da socióloga Mirtes R. M. da Conceição (2014). Também podemos citar o aporte da socióloga Helena P. Maranhão (2008) no artigo “Museu nas representações sociais ou quais são seus lugares no imaginário coletivo?” em que investiga o museu enquanto espaço institucional-simbólico. De notória importância no campo patrimonial, a produção de Gonçalves (2005) destaca-se no artigo “Os museus e a representação do Brasil”, em que articula os museus como “espaços materiais de representação social” (GONÇALVES, 2005, p.255).

Guedes e Baptista (2013), nos oferecem para análise o artigo “Que imigrante é esse? Representações do imigrante em um museu de Joinville/SC” visando entender quais as representações sobre imigração são formadas a partir das exposições do Museu Nacional de Imigração e Colonização. Nesta mesma linha, o artigo da Revista Confluências Culturais V.3, “O Museu dos Compatriotas Emigrantes no Brasil – República Tcheca: uma experiência social” de Sambati, Guedes e Polakovič (2014) traduz a oportunidade de integração social mediante práticas museológicas.

Em âmbito internacional, citamos a produção dos sociólogos Davallon e Le Marec (1995), do Doutorado Internacional de Museologia da Universidade Católica de Louvain (UCL), com o artigo “Exposição, representação e comunicação”, com ênfase nas representações sociais voltadas para exposições de museus como ferramenta de comunicação.

Abordando a questão da representação social e o público de museus, o artigo “Representações sociais e práticas declaradas de adolescentes franceses sobre os museus” dos pesquisadores Timbart e Girault (2006), contribui para o entendimento de aplicação das bases da representação social como prática social em museus. Igualmente relevante o artigo “Representações sociais e pluriculturalismo na concepção de exposições” de Ornella e Girault (1997) em que analisam o discurso dos museus de ciência e a adaptação deste ao público. Ambos os artigos foram gerados pelo curso de doutorado em museologia e mediação de ciências do Museu Nacional de História Natural de Paris.

Possui contribuição significativa a produção relativa aos Cadernos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, com artigos de importância como “Teoria das Representações Sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas”, de Aída Rechená (2011), cujo texto propõe uma visão dos museus como lugares de representação social, onde acontece a interação entre o indivíduo/sociedade; “Um Museu na Cidade: representações sociais de uma unidade museológica em transformação no centro de Lisboa” de Gabriela Cavaco (2011) com a perspectiva dos museus e instituições culturais como espaços de desenvolvimento urbano.

Igualmente relevante o recente artigo também publicado no Caderno de Sociomuseologia por Guedes e Moutinho (2015), “Representações do Brasil em Museus de Portugal”, em que analisa como as exposições dos museus portugueses constroem as representações sobre o Brasil, considerando a dinâmica das relações Brasil-Portugal na sociedade contemporânea.

De fato, o museu, como dispositivo de construção de espaço simbólico, isto é, como espaço dotado de representações, possui uma dinâmica que contraria os próprios limites entre os grupos num espaço de disputas pelo poder. Para Pierre Bourdieu (1996), o campo de poder se constitui em um “campo de lutas”, ou seja,

É o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico e cultural, especialmente). Ele é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os “burgueses” do século XIX, têm por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as

forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas (BOURDIEU, 1996, p. 244).

Pode-se, desta forma, entender a importância da memória e do jogo do poder como um perfil característico das instituições museológicas e destas como construtoras de representações sociais. Através da prática das presenças e ou ausências de determinados atores sociais dentro do âmbito dos espaços de memória pode-se consolidar um discurso que transforme o objeto em monumento.

Assim, a compreensão do museu como sendo também arena e campo de luta está bastante distante da ideia de espaço neutro e apolítico de celebração de memórias (ou ainda da memória dos poderosos). Entretanto, desde o nascedouro, os museus – mesmo estruturados sobre bases positivistas de celebração da memória de vultos vitoriosos e de culto à saudade de heróis consagrados por “tradição inventada” – estão indelevelmente marcados com os germes da contradição e do jogo dialético (CHAGAS, 2001, p. 20).

A importância das decisões sobre o que deve ou não ser museificado, bem como quais discursos construir no contexto dos museus ou memoriais, pode ser reforçada no pensamento de Roger Chartier (1990) sobre o conceito de representação,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990 p. 17).

Para o autor, assim como para Moscovici, as representações sociais se delineiam enquanto práticas de um discurso de determinado grupo. Os museus são instituições com significativo potencial de produções simbólicas na medida em que contribuem na construção das identidades e se configuram como campo de disputas.

A interpretação do patrimônio cultural num museu pressupõe um conjunto intercambiante de informações em diversos níveis, desde a arquitetura, iluminação, vitrines até os conteúdos expositivos mais tradicionais, voltados prioritariamente a textos e acervo. Como fenômeno cognitivo, o espaço museal pode ser interpretado segundo Rechená (2011) da seguinte forma,

São as representações sociais de cada indivíduo (partilhadas com o grupo, mas relacionadas com a esfera específica em que são originadas) que lhe permitem interpretar o discurso museológico e descodificar e apropriar-se do patrimônio cultural musealizado, integrando-o no seu quadro de pensamento ou estrutura mental preexistente (RECHENA, 2011, p.220).

Nesta perspectiva, a análise das representações sociais nos discursos institucionais dos museus, permitem a compreensão das relações do mundo social. Roger Chartier (1991), aponta que “[...] as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou individuais singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (CHARTIER, 1991, p. 21). Nesta reflexão, entendemos a prática museal inserida nas instâncias coletivas que se pretende envolver.

Após estas aproximações conceituais, gostaríamos de pontuar em que medida o estudo das representações sociais interessa à museologia e se transforma em objeto de pesquisa.

A museologia enquanto profissão inserida na área das ciências sociais tem uma natureza interventiva e de produção de conhecimento “como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assentada na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica” (MOUTINHO, 2014, p. 423).

No que se refere às temáticas das representações sociais, a museologia deve preocupar-se com as construções cognitivas dos próprios atores envolvidos com sua prática profissional, visto que o grau de intervenção nos processos comunicacionais do museu é decorrente do processo de ação museológica, em diferentes instâncias, como a da educação, da comunicação, da pesquisa e do gerenciamento de acervo.

No próximo item são apresentadas as análises dos dados, considerando as reflexões que pudemos elaborar a partir deles, bem como as resultantes das produções teóricas e empíricas pertinentes a que tivemos acesso.

3.2 Abordagem Metodológica da Pesquisa

A abordagem metodológica utilizada foi prioritariamente qualitativa, mas com o tratamento quantitativo de alguns dados, com o objetivo de verificar a percepção do visitante no que se refere às representações dos imigrantes poloneses presentes no circuito do Memorial. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a busca por informações válidas e consistentes não deve se limitar aos dados estruturados, quantitativos, na forma de números percentuais e gráficos. Percebemos que cruzamento de dados quantitativos e qualitativos é fundamental para engendrar ideias, verificar hipóteses e construir conclusões,

O uso de técnicas qualitativas e quantitativas, tanto para coleta quanto análise de dados permite quando combinadas, estabelecer conclusões mais significativas a partir dos dados coletados, conclusões estas que balizariam condutas e formas de atuação em diferentes contextos. (FREITAS; JANISSEK-MUNIZ; MOSCAROLA, 2005, p. 7).

Portanto, há necessidade de se tratar do quantitativo, enriquecendo-o com informações qualitativas, de forma a adquirir força de argumento e qualidade nas conclusões.

Para tanto, adotamos como procedimento para a coleta de dados um formulário padrão, composto de 10 (dez) perguntas (Apêndice B). Os fatores que norteiam as perguntas dos formulários se relacionam aos conteúdos desenvolvidos neste trabalho, no que diz respeito às representações dos imigrantes poloneses na ótica dos visitantes daquele espaço cultural.

A utilização do formulário padronizado objetiva, segundo Lodi (apud MARCONI, LAKATOS, 2010) obter dos entrevistados respostas às mesmas perguntas, permitindo que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas. Ressalta-se que os métodos quantitativos e qualitativos não se opõem muito menos se excluem. São complementares nas observações da pesquisa.

É o que Minayo e Sanches (1993) argumentam ao colocar que ambos têm sua importância. Assim, estes instrumentos foram utilizados objetivando coletar os dados para análise, da seguinte forma, a saber:

1. Reunião com os dirigentes da Fundação Cultural de Curitiba e do Memorial para autorização da pesquisa;

2. Pré-contato com os entrevistados para esclarecimentos sobre a pesquisa, os objetivos e solicitação das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e agendamento das entrevistas;
3. Entrevistas gravadas, através de um roteiro, obedecendo aos horários e disponibilidade dos participantes;
4. Aplicação dos questionários a 50 visitantes, em final de semana, nas dependências do Memorial, que se caracterizassem como maiores de 21 anos, para ambos os sexos e que estivessem dispostos a responder o formulário;
5. Tratamento dos dados obtidos: tabulação, análise, interpretação e discussão, buscando consolidá-los no aporte teórico sobre representação social que se consolida como foco determinante neste estudo.

No tratamento dos dados obtidos aplicamos a Análise de Conteúdo, visualizando os pontos principais de organização dos discursos, as variáveis como também a categorização dos sujeitos sociais.

Com a leitura da “Análise de Conteúdo” de Spink (1995) em “Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais”, tomamos a perspectiva das representações sociais como forma de conhecimento. Conforme a autora, “precisamos entendê-las a partir do contexto que as engendram e a partir de sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano” (SPINK, 1995, p. 55). De acordo com as reflexões de Spink (1995), existe uma convergência entre os pesquisadores da área de que as representações sociais, como produtos sociais, têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendraram, ou seja, ao contexto de sua produção.

Outro teórico importante utilizado nesta pesquisa, Norman Fairclough (2001), em “Discurso e Mudança Social”, nos apoia no embasamento teórico ao utilizarmos a Análise Crítica do Discurso, onde exploramos os resultados mais evidentes, elaborando conjuntos de respostas até chegarmos à compreensão do fenômeno das representações sociais. Esta técnica de codificação do discurso permite a análise por recorte, agregação e enumeração separadamente, isto é, os gráficos são diferenciados, mas se cruzam na análise final.

A parte empírica do trabalho foi realizada em dois momentos: junto a visitantes espontâneos do Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba no momento de

finalização da visita às casas históricas e com os gestores do memorial nas dependências de unidades administrativas da Fundação Cultural de Curitiba.

3.3 Bases Teóricas da Análise Crítica do Discurso - ADC

A Teoria Social do Discurso tem como base o pensamento do linguista britânico Norman Fairclough, em sua obra “*Discourse and Social Change*” em 1992, para em seguida gerar o aprofundamento com a Análise Crítica do Discurso – doravante denominado ADC, em que Fairclough (2001), propõe uma nova forma de análise quanto ao funcionamento do discurso e os seus significados como ação, representação e identificação.

A ADC estabeleceu-se como disciplina na década de 1990, “quando se reuniram, em um simpósio realizado em janeiro de 1991, em Amsterdã, Teun Van Dijk, Norman Fairlough, Gunter Kress, Theo Van Leeuwen e Ruth Wodak” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.20).

No uso da linguagem, o discurso é percebido por Fairclough (2001) essencialmente como forma de prática social e não apenas como atividade puramente individual, uma vez que para o autor “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros” (FAIRCLOUGH, 2001, p.90-91). O discurso não é analisado de forma independente, mas dentro de um contexto, “como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DIJK, 2008, p. 12).

Segundo Fairclough (2001), o discurso é “moldado por relações de poder e ideologias” (FAIRCLOUGH, 2001, p.31). Ao empregar o termo “discurso”, o autor sugere refletir sobre o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais.

Para ele, o discurso propõe um modo de ação, uma maneira das pessoas poderem agir sobre o mundo e sobre os outros, como também um modo de representação. Some-se a isto, a relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. De acordo com o autor:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem:

suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

Vale ressaltar, ainda seguindo o pensamento de Fairclough (2001), uma das preocupações da ADC é “desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). A ADC tem como objetivo pesquisar “as relações de poder, discriminação e controle que se manifestam através da linguagem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim, percebemos que a ADC coaduna com o pensamento de Moscovici quando afirma que “grupos e pessoas estão sempre e completamente sob o controle de uma ideologia dominante, que é produzida e imposta por sua classe social, pelo estado, igreja ou escola” (MOSCOVICI, 2003, p. 44).

Percebemos que ao utilizarmos a ADC,

Tanto as condições de produção quanto as formações imaginárias permitem ao analista a definição da (s) formação (ções) discursiva (s) estruturantes do discurso, que define (m) o que pode e deve ser dito e permite (m) ao analista chegar à configuração das formações ideológicas (D'OLIVO, 2001, p.110)

Portanto, compreendemos que tanto os teóricos como Moscovici (2003) ou Fairclough (2001), utilizados neste trabalho, fundamentam o processo de análise das representações sociais, sobre os poloneses, presentes no discurso dos dirigentes e dos visitantes do memorial a fim de que possamos desenvolver a análise dos conteúdos presentes sobre esta etnia polonesa em que parecem expressar.

3.4 Procedimentos de Pesquisa

Duas etapas distintas caracterizaram o roteiro percorrido para a coleta de dados: a primeira teve como propósito a obtenção da autorização para a execução da parte empírica deste trabalho e a segunda etapa consistiu na aplicação de entrevistas e formulário de campo para a análise das representações sociais.

Para a realização da primeira etapa, inicialmente, contatamos e expusemos o projeto de pesquisa a um gestor de Memoriais do município. Na oportunidade, marcamos a data para aplicação de uma entrevista oral sobre o memorial.

Contatamos a coordenadora local do Memorial de Imigração Polonesa e representante da Missão Católica Polonesa no Brasil para a realização de uma reunião expondo o projeto de pesquisa, a necessidade de aplicação de questionário aos visitantes, como também o agendamento de uma entrevista oral a respeito do Memorial, o que transcorreu na normalidade. Posteriormente, tivemos a oportunidade de contar com a colaboração do idealizador do Memorial, arquiteto e urbanista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbanístico de Curitiba – IPPUC, que nos forneceu esclarecimentos significativos para a pesquisa.

A coleta de dados, propriamente dita, ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2015 nas dependências do Memorial. Na abordagem, após breve apresentação da pesquisadora e do objetivo da pesquisa, entregamos a cada participante uma folha na qual constava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A), o qual apresenta de maneira sucinta os objetivos da pesquisa, com os termos de aceite. Esclarecemos que o mesmo termo foi entregue e assinado pelos entrevistados.

Cada um dos visitantes, após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE respondeu o formulário que foi preenchido pela pesquisadora, iniciando com os dados pessoais do visitante para em seguida realizarmos as perguntas relativas ao Memorial e aos poloneses. Todos os participantes responderam as nossas perguntas, e procuramos manter-nos acessível ao conteúdo das perguntas, porém sem interferirmos no repertório de entendimento a fim de dar voz ao discurso do visitante.

Os dados obtidos através do formulário direcionado aos visitantes (Apêndice B) foram organizados de acordo com algumas dimensões de análise, a saber: pessoal (nome, gênero, idade, procedência), profissional (tipo de profissão), conhecimento (escolaridade). Os dados que compõe o perfil dos visitantes nos permitiram interpretar algumas características que poderiam influenciar direta ou indiretamente na estruturação das representações sociais dos poloneses no Memorial.

O formulário, especialmente elaborado para este estudo, (Apêndice B) foi elaborado com 10 enunciados. As primeiras cinco questões são concernentes aos dados do visitante. As outras cinco perguntas tiveram como função identificar como os visitantes veem os poloneses representados no circuito do Memorial. Os sujeitos pesquisados identificaram a imagem do imigrante polonês naquele espaço como

pretendíamos e acrescentaram sua experiência e seu cotidiano em relação aos poloneses no decorrer das respostas.

As perguntas do formulário procuraram entender qual o grau de envolvimento do visitante com o sujeito polonês, e como percebia este sujeito dentro do espaço do Memorial. Lembramos, como citado anteriormente, que identificamos como poloneses, os indivíduos que se reconhecessem ou fossem reconhecidos como imigrantes ou descendentes de poloneses, considerando a importância do vínculo de uma memória em comum desse grupo social. Seguem as frases e as justificativas para as escolhas:

1.Você é ou conhece alguém de origem polonesa em Curitiba? Nesta questão procurou-se saber o grau de aproximação do visitante com a etnia polonesa, se existia um convívio ou um total desconhecimento do sujeito polonês e suas práticas culturais.

2.Como você vê o imigrante polonês no cenário do Memorial? Através desta questão, procuramos detectar como o visitante percebe o imigrante polonês no circuito expositivo do Memorial.

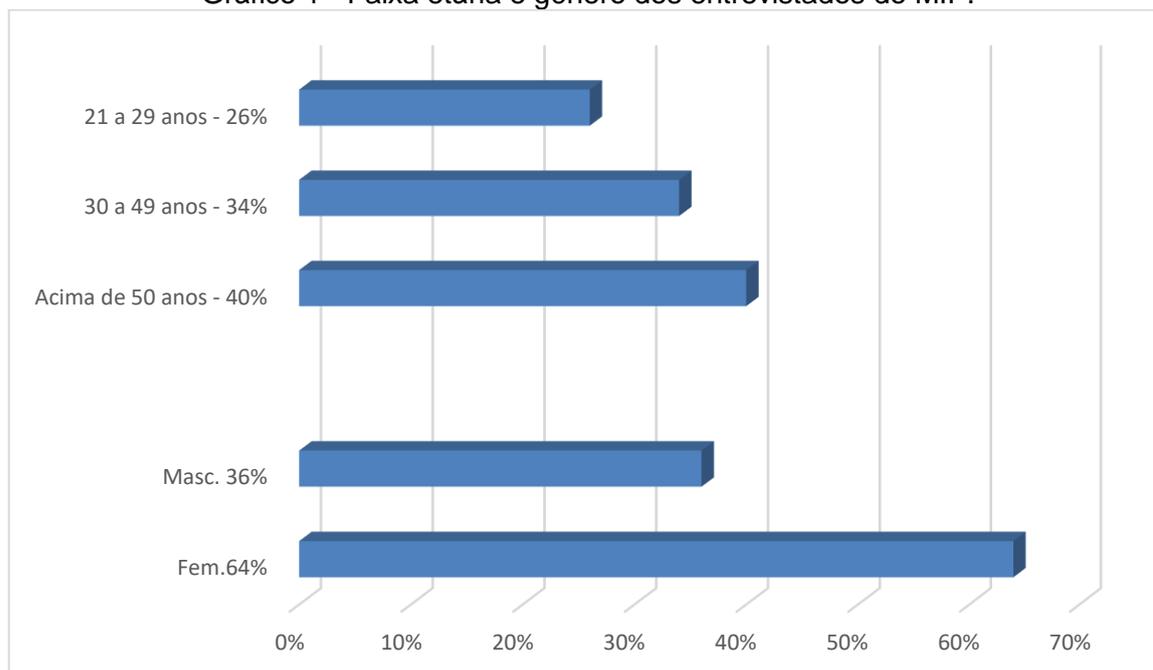
3.Qual o objeto que mais chamou sua atenção? Por quê? Neste ponto, embora tenham duas questões sobre o tema objeto nossa intenção foi direcionar a atenção do visitante para o circuito do Memorial.

4.Qual o objeto que mais simboliza o imigrante polonês? Nesta questão, lidamos efetivamente com a imagem que o visitante tem a respeito do polonês.

5.Se você é ou conhece alguém de origem polonesa, acha que identificou o polonês com o que viu? Através do circuito do memorial, procuramos entender quais as principais representações da etnia polonesa no circuito do Memorial que perduram atualmente na sociedade contemporânea.

Assim, a análise do perfil dos sujeitos da pesquisa nos cinco primeiros itens do formulário se constitui na forma de gráficos. Conforme observamos no primeiro gráfico, a maioria dos sujeitos entrevistados foi composta por mulheres, acima de 50 anos, seguida da faixa de 30 a 49 anos. Nesta amostragem, percebemos mais mulheres visitando o espaço. No local, a pesquisadora observou que os visitantes estão em grupo, em família, ou com o parceiro (a).

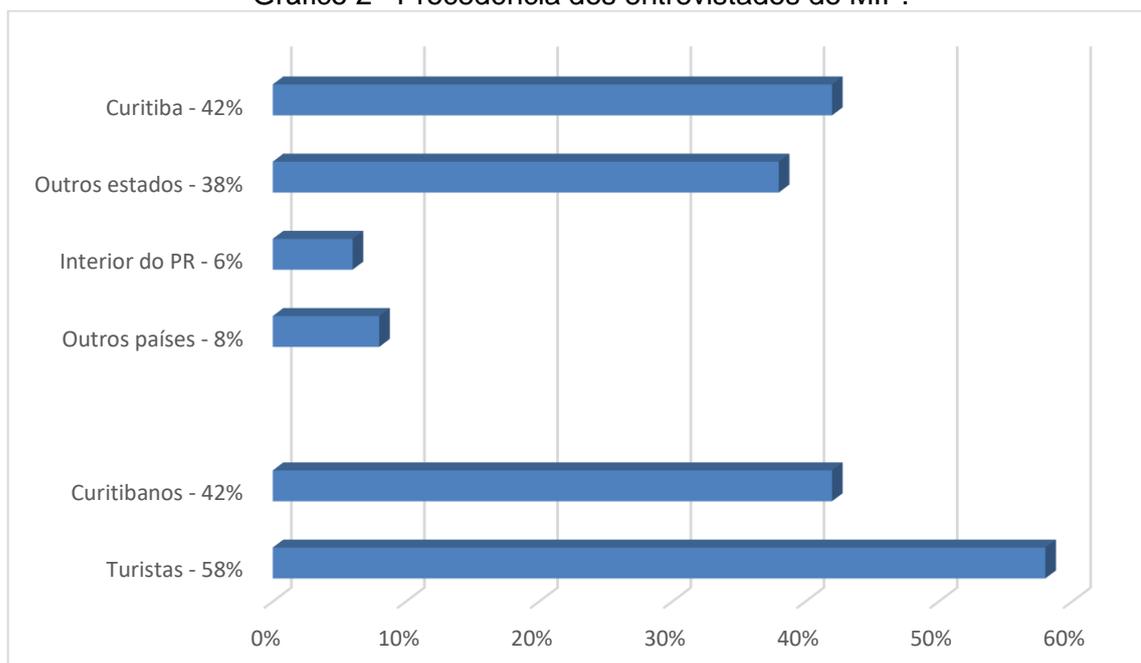
Gráfico 1 - Faixa etária e gênero dos entrevistados do MIP.



Fonte: Da autora (2015).

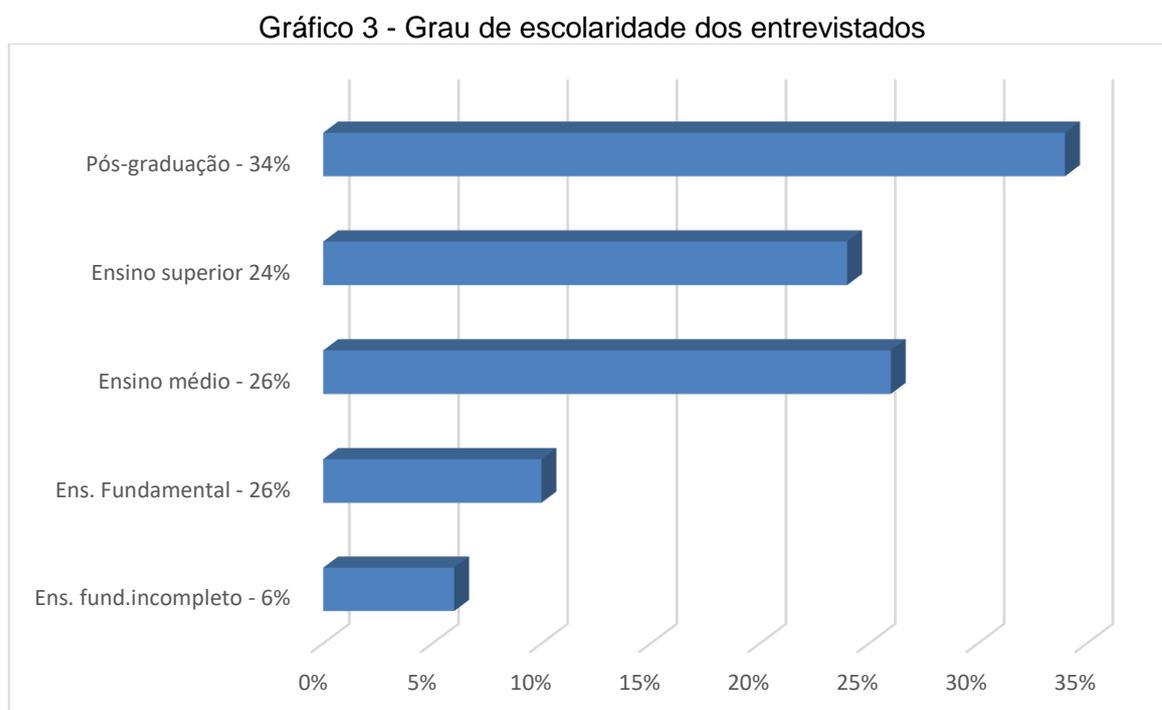
Resultados apresentados no Gráfico 2, mostram que o Memorial é visitado por turistas (58%) e Curitibanos (42%). Devemos considerar que a pesquisa foi realizada com tempo nublado e frio, num clima não muito convidativo para um passeio.

Gráfico 2 – Procedência dos entrevistados do MIP.



Fonte: Da autora (2015).

Observamos que somados os frequentadores que possuem escolaridade superior e com pós-graduação, perfazem um total de 58% dos entrevistados (Gráfico 3). No detalhamento do perfil da amostra, os indicativos de escolaridade, são compostos por 24% de pós-graduados e 16% com curso superior.

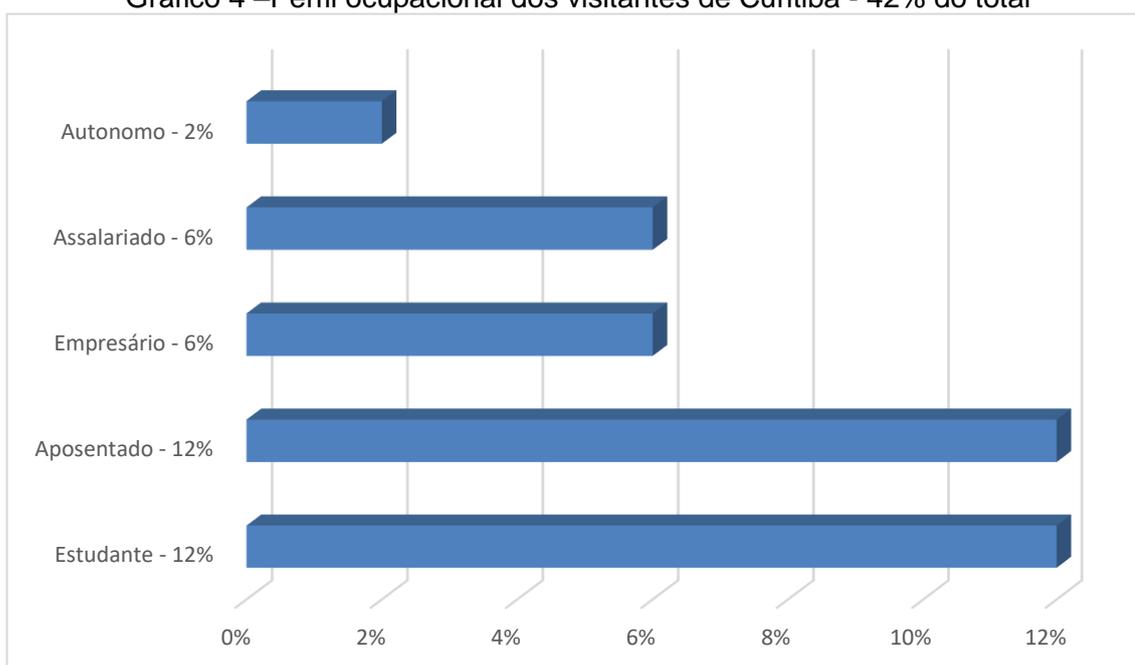


Fonte: Da autora (2015).

O perfil ocupacional dos visitantes foi dividido entre Curitibanos (Gráfico 4) e Turistas (Gráfico 5) com a intenção de analisarmos mais detalhadamente quem são os usuários daquele espaço.

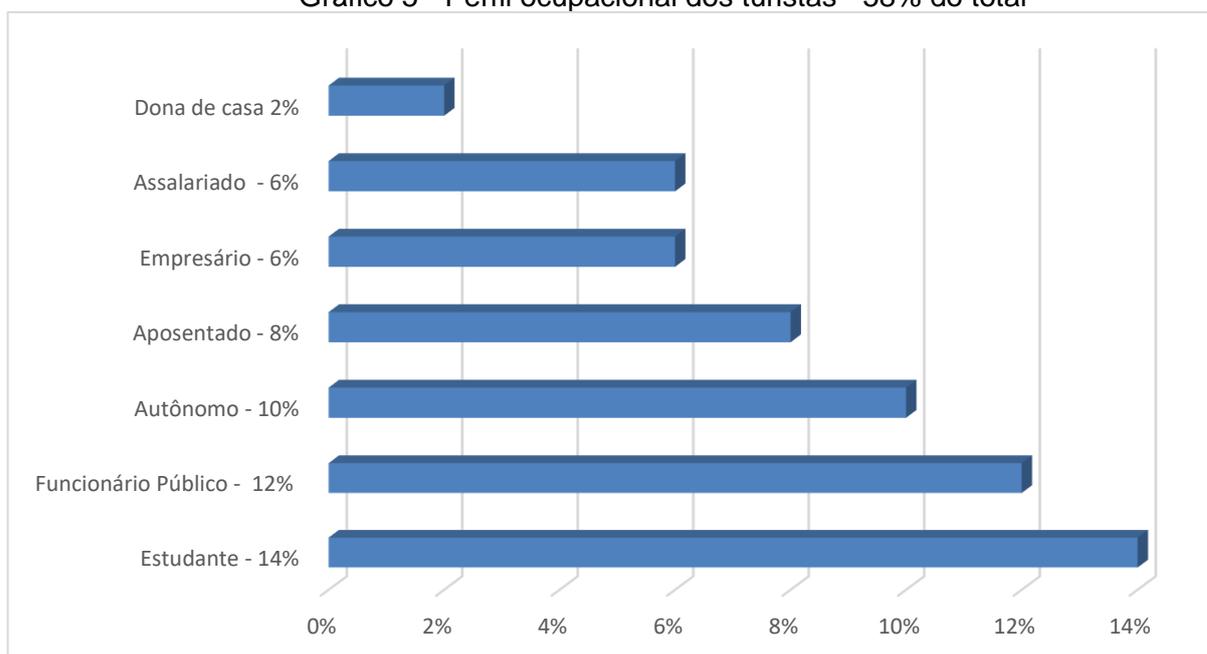
Em comum, os Gráficos 4 e 5 indicam um número significativo na categoria trabalhadores, indicando um público capaz de um senso crítico mais apurado, orientando a necessidade de uma abordagem que satisfaça este perfil.

Gráfico 4 –Perfil ocupacional dos visitantes de Curitiba - 42% do total



Fonte: Da autora (2015).

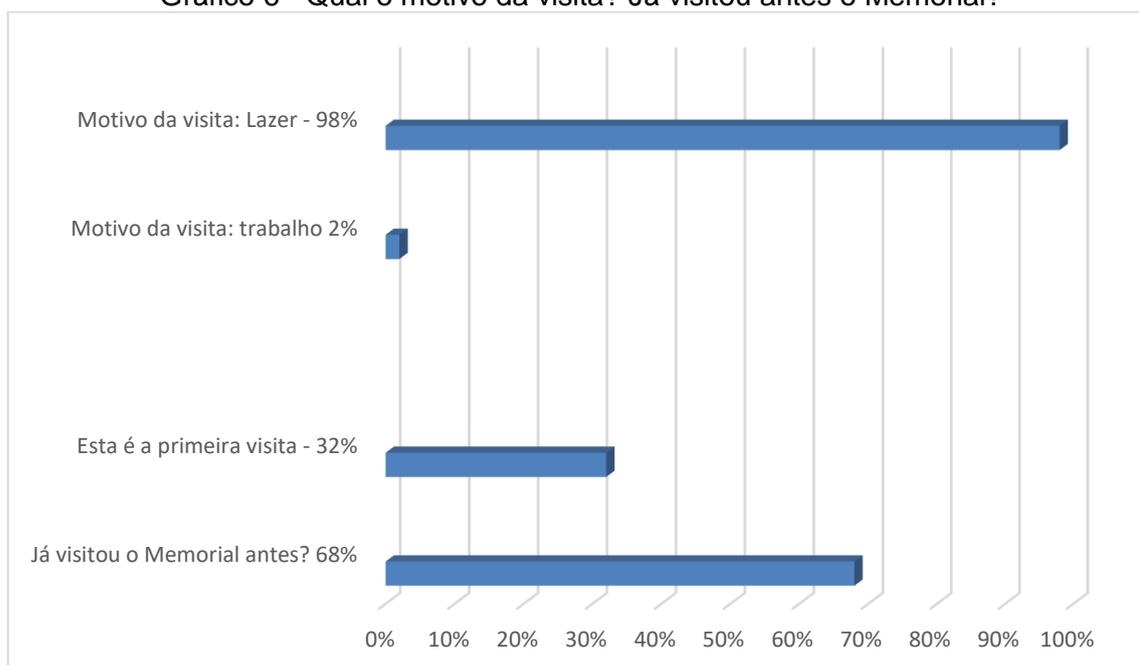
Gráfico 5 - Perfil ocupacional dos turistas - 58% do total



Fonte: Da Autora (2015)

O lazer é a grande motivação para a ida ao Memorial (Gráfico 6) sendo que a maioria que frequenta o parque já visitou o Memorial antes (68%), reforçando assua característica como local de lazer.

Gráfico 6 - Qual o motivo da visita? Já visitou antes o Memorial?



Fonte: Da autora (2015).

Para a análise das respostas fornecidas pelos 50 visitantes do Memorial, aplicamos os critérios de frequência das palavras utilizadas pelos participantes e as associações por temáticas como, por exemplo, campo-rural-agricultor, a fim de dar mais significado a imagem do polonês na voz dos visitantes.

Em algumas respostas aparecem mais de um termo designando qualidades, atributos solicitados nas perguntas do formulário. A frequência dos termos que caracterizam as representações sobre os poloneses de modo a distingui-los.

Na apreciação das respostas, ao questionarmos a respeito da imagem do imigrante polonês no cenário do memorial, destacamos 20 correspondências relativas ao aspecto religioso/ religião/ católicos/cultura/tradição (Quadro 1, tema 1). Neste quesito, confirma-se a relevância da tradição religiosa em relação aos descendentes de poloneses, no sentido de manutenção da identidade cultural. Segundo as pesquisadoras em filologia Românica, Dorotea Kersche Silvia Delong (2014) “a religiosidade foi um dos aspectos que, historicamente, ajudou a manter e constituir a identidade polonesa” (KERSCH e DELONG, 2014, p.74). As autoras acrescentam que a manutenção da língua polonesa está coligada aos “eventos de letramento litúrgico - rezas, terço, missa. Esses eventos estão correlacionados diretamente aos valores que, tradicionalmente, constituem esse grupo étnico, como, por exemplo, a religiosidade” (KERSCH e DELONG, 2014, p. 84).

Os entrevistados captaram a imagem do polonês como uma pessoa do campo (Quadro 1, tema 2). Este aspecto nos remete a condição histórica do imigrante polonês em que “a influência polonesa se faz sentir, sobretudo nos meios rurais” (VALENTINI, 1982, p.25)

Quadro 1 - Primeira pergunta: Como vê o imigrante polonês no cenário do memorial?

TEMA	ASPECTOS	CITAÇÃO
1- Religioso/ religião/ católicos/cultura/tradição	As correspondências que correlacionam fortemente a identidade polonesa com a religiosidade e ao catolicismo. O termo religião ou religiosidade vem acompanhado de cultura e tradição, como se fossem uma só característica cultural.	20
2- Camponês/campo-rural-jardim-agrícola/agricultor	Os entrevistados captaram a imagem do polonês como uma pessoa do campo ou camponês (6); de características rurais (4) associam os poloneses pelo gosto por jardins floridos (4) e como agricultor de família grande (1).	15
3- Associações/ vida na comunidade/ vilas/coletivo/convivência	Neste item da amostragem, é associado à imagem dos poloneses o fato de participarem de associações, da vida em comunidade, da convivência e união como característica da etnia.	8
4- Passado/história/antigo	Estes entrevistados fizeram menções ao passado, ao antigo e ao ancestral, frisando como um modo de vida que não existe mais.	5
5- Artesanato/acervo de objetos	Por duas vezes houve associação de objetos e o modo de vida com a identidade polonesa, mencionando objetos de acervo, artesanato à venda no quiosque com a identidade cultural do polonês.	2
TOTAL		50

Fonte: Da autora (2015).

Observamos na análise do discurso de alguns entrevistados que a identificação do espaço como da etnia polonesa é às vezes imprecisa na perspectiva do visitante. Entre dez entrevistados obtivemos as seguintes respostas:

- Um identificou o espaço como polonês apenas quando observou os retratos dos reis poloneses na casa com mobiliário;

- Dois visitantes identificaram como um espaço alemão;
- Quatro deles como um espaço europeu – referindo-se a qualquer cultura similar da Europa;
- Três dos entrevistados não encontraram uma distinção cultural que identificasse o local como polonês.

No quadro 2, quando indagamos sobre qual o objeto que mais chamou a atenção do visitante, destacou-se o aspecto arquitetônico do Memorial, seguido pelos objetos de acervo, particularmente pelos bercinhos em exposição na casa 4, no local chamado museu da habitação entre outros objetos em exposição no circuito.

Quadro 2 - Segunda pergunta: Qual o objeto que mais chamou sua atenção?

TEMA	ASPECTOS	CITAÇÕES
1- Arquitetura/casa /capela	Os aspectos arquitetônicos das casas e da capela foram destaque nas respostas dos visitantes.	21
2- Objetos do acervo	Foram mencionados os móveis (6), em especial o colchão de penas de ganso (2) e o bercinho (10), os bordados coloridos (2), a pipa de azedar repolho (1) e a carroça de polaco (4), o fole (1) e o martelo (1).	20
3- Flores/jardim/ Patrimônio natural/vegetação	Foram mencionados os aspectos ambientais do parque, visto estar cercado por extensa vegetação. Foram destaque o jardim (2) e as flores nas janelas (1), a vegetação (1), a integração do patrimônio natural com o cultural (1). Quanto ao ambiente, neste item surgiu por duas vezes a palavra aconchegante.	5
4- Quiosque/ Artesanato	Alguns objetos à venda no quiosque são mencionados como parte integrante do Memorial, confundindo os visitantes com o circuito histórico, como, por exemplo, uma referência a uma boneca típica no quiosque, as Pêssankas e os pratinhos à venda no local.	3
5- Escultura do Papa	Foi citada, por duas vezes, a escultura com a imagem do Papa.	2
TOTAL		50

Fonte: Da autora (2015).

No quadro 3, indagamos sobre qual o objeto que mais simbolizaria o imigrante polonês e não nos foi surpresa ao responderem sobre a arquitetura das casas de tronco. Entretanto, queremos destacar as referências a respeito do colorido presentes

nos bordados e objetos de artesanato mencionados, e que são lembrados como sinal de alegria dos poloneses. Esta informação é complementada com os próximos itens em destaque, a culinária e festas. Apesar de questionarmos sobre qual o “objeto” simbolizaria o imigrante polonês, as respostas referenciaram o patrimônio imaterial, reforçando a imagem presente no senso comum a respeito da alegria dos poloneses e o gosto por festas.

Quadro 3 - Terceira pergunta: Qual o objeto que mais simboliza o imigrante polonês?

TEMA	ASPECTOS	CITAÇÃO
Arquitetura/casas/capela	A grande maioria dos visitantes destacou a arquitetura de troncos como forte símbolo do parque.	20
Bordados/Babuska/ Pêssankas/ Quiosque/artesanato	Foram destacados pela cor em referência à alegria dos poloneses.	12
Culinária	Apesar de não haver referência ao tema no circuito, este item pode ser apreciado no quiosque.	6
Indumentária/festas	Embora não houvesse menção no circuito em relação a roupas típicas e festas estas características estão presentes nos grupos de dança folclórica e são inerentes aos dias comemorativos no Memorial.	6
Janelas com flores	É um detalhe decorativo que é muito fotografado.	4
Objetos/cama/carroça	O acervo (de objetos) parece simbolizar menos do que se esperava	2
TOTAL		50

Fonte: Da autora (2015).

Algumas observações foram feitas no sentido de que as casas de madeira poderiam ter características suecas ou alemãs. Também, segundo outro visitante, alguns objetos são comuns a outras etnias. No comentário de uma visitante, esta observou que “não imaginava que era só polonês, precisei parar para olhar. A placa não explica bem”.

Outras imagens dos visitantes foram destacadas, como o cuidado com a decoração e a limpeza dos objetos, o que nos reporta aos debates da pobreza romântica em museus e casas históricas, que costuma ser pouco comentada. Segundo o museólogo francês Martin Roth (1989), a pobreza romântica diz respeito a privilegiar o conteúdo estético da exposição em detrimento ao testemunho social sobre as condições de vida e trabalho de determinada população. Nas palavras de

Martin Roth (1989) o autor entende que “através do testemunho de objetos bem limpos e cuidadosamente restaurados” (ROTH, 1989, p.2) se deixa de lado a problemática de reprodução da pobreza, fome e miséria nos assépticos museus.

A este respeito, acompanhamos pela mídia a abertura do Museu da Pobreza na cidade de Copenhague, na Dinamarca. Os responsáveis pela instituição e as autoridades consideram erradicada a pobreza absoluta no país, surgindo a necessidade de mostrar as condições de vida da pobreza no mundo. Também acompanhamos a implantação do Museu da Maré no Rio de Janeiro como exemplo vigoroso de reflexão sobre as referências dessa comunidade reconhecidamente em área de risco social.

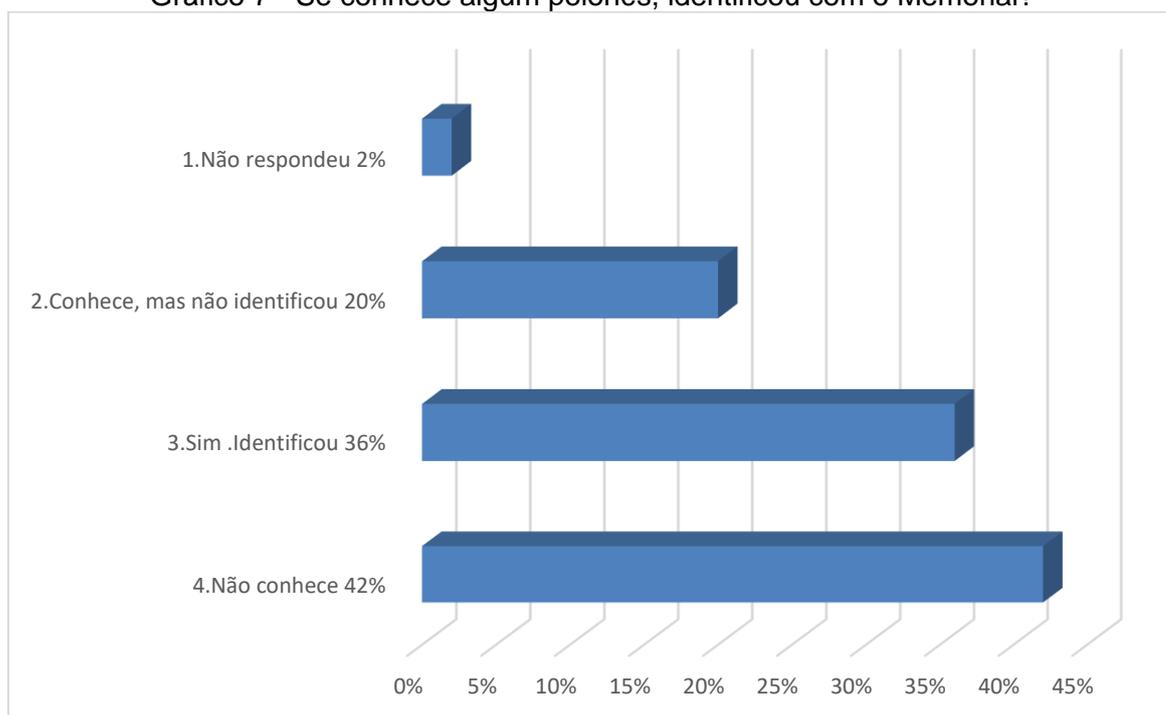
Quinta pergunta: Se você é ou conhece alguém de origem polonesa, acha que identificou o polonês com o que viu?

O gráfico 6 mostra o resultado da questão que foi solicitado aos participantes da pesquisa que estabelecessem a ligação do polonês representado no Memorial com algum descendente da etnia polonesa, visto que na nossa pesquisa identificamos como polonês os indivíduos que se reconhecessem ou fossem reconhecidos como imigrantes ou descendentes de poloneses.

No item 2 do gráfico 6, as respostas foram: “conhece, mas não identificou”, o grupo de 20% dos entrevistados não estabeleceu a identificação dos poloneses com o Memorial, achando que “é coisa do passado”, que estão “integrados no social” e principalmente, “não conhecem nenhum polonês assim”, com as características apresentadas no Memorial, o que nos leva a acreditar na necessidade de aplicação de técnicas expográficas¹⁹ mais eficazes. Elisa Guimarães Ennes (2003, p.7) ao destacar a importância das exposições, analisa que estas possuem “o enfoque na comunicação do conteúdo e nos mecanismos de informação para ampliação do espaço de troca e possível interação do visitante com o espetáculo museológico”.

¹⁹A Expografia é a área da Museografia que se ocupa da definição da linguagem e do design da exposição museológica, englobando a criação de circuitos, suportes expositivos, recursos multimeios e projeto gráfico, incluindo programação visual, diagramação de textos explicativos, imagens, legendas, além de outros recursos comunicacionais (FRANCO, 2008, p.61).

Gráfico 7 - Se conhece algum polonês, identificou com o Memorial?



Fonte: Da autora (2015).

Os visitantes que possuem contato com a etnia e que disseram ter identificado os poloneses no MIP, somaram 36% e são demonstrados no item 3 do mesmo gráfico. Estes dados, se cruzados com os resultados dos quadros de respostas apresentados anteriormente, mostram que os dois temas mais comentados relativos ao imigrante polonês são aqueles que o correlacionam à religiosidade e ao campo (quadro 1 – 70%); à arquitetura e objetos de acervo, (quadro 2 – 82%) e novamente à arquitetura, aos bordados e a alegria (quadro 3 – 64%) confirmando a identificação do imigrante polonês com aquele espaço, segundo a ótica do visitante.

O grupo que assinalou que não conhece nenhum polonês, imigrante ou descendente (item 4), soma um total de 42% e não se pronunciaram através de comentários.

Esses discursos serão comentados adiante.

3.5 As representações sobre os imigrantes poloneses

Na fala dos visitantes quanto a identidade polonesa no Memorial existe a preocupação com a preservação das casas de tronco, que é traduzida da seguinte maneira: “A humanidade não vai ver daqui alguns anos esta construção”. Em outra

fala o visitante não consegue associar o Memorial com o sujeito polonês “não, isto é coisa antiga, de três gerações”.

A busca pela identidade do sujeito social e as várias transformações sofridas na pós-modernidade, é apontada por Stuart Hall (2000), ao compreender que a identidade como “celebração móvel” é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p.12-13). O autor complementa a respeito do sujeito pós-moderno, sem identidade fixa,

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1998, p.7)

Segundo o pensamento do autor, na sociedade moderna, a identidade do sujeito é projetada de forma fragmentada, apresentando-se como portador de várias identidades dentro de um ambiente em contínua transformação, condicionado às formas dos sistemas culturais existentes.

No quesito de associação do que é mostrado no circuito do Memorial com algum descendente de polonês que o visitante conheça, existe certa distância dos conteúdos apresentados no Memorial. As respostas foram as seguintes:

1º Respondente:

- Não. Eles são iguais a qualquer um, não usam mais nada disso. Nem comem as comidas tipo pirogue. Só em festa e na rua;

2º Respondente:

-É uma pessoa integrada no social;

3º Respondente:

- Não consigo associar.

Interessante notar que os dois primeiros respondentes associam a imagem dos poloneses com os eventos e festas que ocorrem no Memorial, justamente em referência ao patrimônio imaterial da etnia, enquanto a terceira fala não consegue

associar ao sujeito polonês de hoje com o representado no circuito do Memorial. As falas seguintes remetem a um sujeito polonês que não conseguem determinar:

4º Respondente

- “Se eu viesse e não soubesse o nome [do Memorial] não poderia identificar”.

5º Respondente:

- “Falta um simbolismo, a praça, o conjunto arquitetônico poderia significar mais”. A voz deste visitante nos remete à necessidade da participação social, considerando que essencialmente, o homem gera e produz cultura, o que nos remete aos estudos da antropóloga Eunice Durhan sobre o conceito de cultura, “a cultura é, propriamente, esse movimento de criação, transmissão e reformulação desse ambiente artificial” (DURHAN, 1984, p.26) Considerando ou não significativa a proposta de intervenção do visitante, entendemos que a participação social na gestão democrática da cultura, cria o sentimento de responsabilidade pelo bem cultural, agregando valores e representatividade ao patrimônio preservado.

Em continuidade a nossa análise a respeito do Memorial, pudemos observar que apesar do Bosque estar inserido na Linha Turismo (linha de ônibus especial que circula nos principais pontos turísticos de Curitiba), de estar inserido no roteiro da cidade, e possuir sinalização, ainda percebemos que alguns visitantes apontam em suas falas, para uma determinada carência na disposição da sinalética naquele equipamento cultural.

De qualquer forma, o espaço do Memorial, com as casas centenárias em meio ao bosque, é um ambiente que não condiz com a cultura de massa, em que as informações estão para um fácil consumo, com um excesso de placas e sinalização com público numeroso. Aquele é um ambiente para se ter a experiência, em contraponto a uma sociedade que em termos de comunicação nos oferece a facilidade da vivência por meio digital. Jorge Larossa Bondía (2002), filósofo e professor da Universidade de Barcelona indica os resultados do enorme volume de informações na sociedade contemporânea: “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (BONDÍA, 2002, p.2). O pensador alemão Heidegger esclarece sobre a importância da experiência,

[...]fazer uma experiência com algo [...]significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e nos transforma. "Fazer" não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro (HEIDEGGER, 2003, p.121).

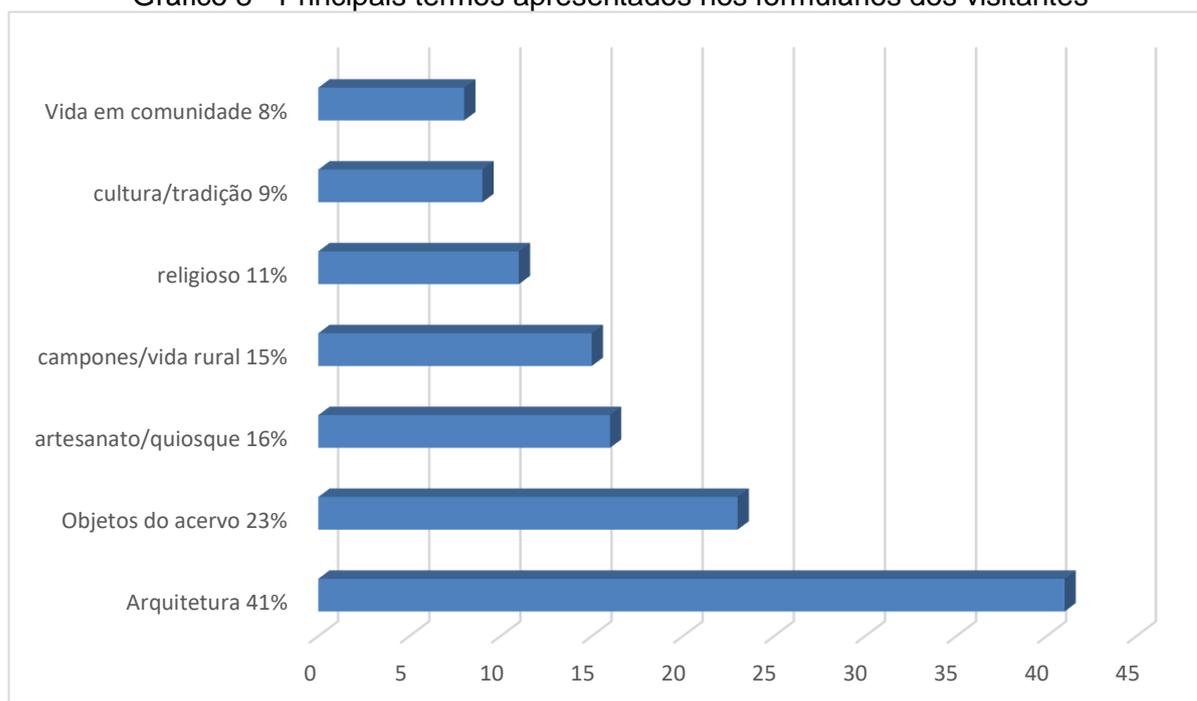
Heidegger (2003) ao interpretar a experiência como aquilo que nos comove, que nos emociona, nos faz perceber que o museu deve ser um local de provocação, algo transformador. Através das narrativas dos museus, muitas vezes, acabamos discordando ou não sobre a abordagem, e é justamente isto que tornará a visita significativa. Compreendemos que os museus possibilitam a compreensão de conhecimento, mas os seus conteúdos não são verdades absolutas. Novamente possibilitamos a inserção dos conhecimentos de Jodelet (2001), em que a representação social se constitui como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET, 2001, p. 22). Assim, as narrativas de uma exposição, nos seus textos, imagens ou cenários, não possibilitam a tradução de uma realidade objetiva, mas acabam por significar uma construção coletiva em que os profissionais se apropriam de determinado conhecimento.

A seguir, daremos continuidade à análise das representações dos poloneses no conjunto dos dados coletados, o que nos permitiu a compreensão a respeito dos sentidos e significados da representação dos poloneses no Memorial sob a ótica do visitante.

Considerando o conjunto dos dados dos formulários, é possível verificar no gráfico 7, que as três maiores incidências de respostas recaem na aproximação em relação a arquitetura das casas polonesas (41%), seguida pelos objetos de acervo (23%) e, por último, o artesanato do quiosque.

A possível sistematização que emerge desta análise demonstra a aproximação dos sujeitos com a categoria arquitetura e objetos de acervo deixando claro que o visitante valoriza e percebe a narrativa do Memorial. O fato de o artesanato ser valorado pelo visitante como parte da identidade cultural polonesa, independente de estar numa edificação histórica, demonstra a coerência que tem com o circuito do Memorial.

Gráfico 8 - Principais termos apresentados nos formulários dos visitantes



Fonte: Da autora (2015).

Quanto a análise das entrevistas com os gestores e idealizador do MIP, nos apoiamos nos conceitos enunciados por Peter McLaren (2000), no âmbito da diversidade cultural, de Stuart Hall (2000) sobre a construção da identidade, além de Moscovici (1981) e Jodelet (2001) sobre representações sociais.

Busca-se analisar o conteúdo das narrativas das entrevistas, não a título de informação específica sobre o Memorial ou de seus dirigentes, mas como forma de representações dos poloneses, a fim de promovermos as chaves de interpretação das representações sociais inscritas subjetivamente nos discursos e nas práticas relacionadas ao MIP.

Inicialmente iremos discutir o discurso da gestora dos Memoriais do município, a entrevistada, Maria Daici Gonçalves de Lara, que ocupa o cargo de coordenadora dos Memoriais da prefeitura de Curitiba desde 2012. No recorte inicial da entrevista, ao indagarmos sobre a importância do memorial polonês para a comunidade polonesa a dirigente colocou que “a importância dele é abrangente. Na verdade, eu não sei se ele é tão importante para a comunidade (polonesa) ou para nós”, o que nos leva a acreditar num certo distanciamento com a comunidade polonesa, marcado pelo discurso do “nós” e “eles” (os poloneses). Esta premissa é marcada pelo distanciamento do poder público em relação aos imigrantes poloneses ao terceirizar

parte da administração do Memorial em favor da Missão Católica Polonesa do Brasil. A entrevistada complementa,

Dentro desta cultura você tem todas as oportunidades ali, você conhece a culinária, você conhece a religiosidade deles que é muito forte, você conhece o artesanato que é maravilhoso, você conhece o folclore que é muito forte em Curitiba. Então é o folclore, culinária, religiosidade e artesanato. (LARA, 2015, p.1)

Na perspectiva da gestora, a cultura é traduzida como fator de conhecimento e “oportunidade” de conhecer, no sentido de consumir. Tratamos então da abordagem da filósofa Marilena Chauí (2009), em perceber que na indústria cultural, tudo se torna negócio.

[...] o Estado passa a operar no interior da cultura com os padrões de mercado. Se, no primeiro caso, oferecia-se como produtor e irradiador de uma cultura oficial, no segundo, oferece-se como um balcão para atendimento de demandas; e adota os padrões do consumo e dos mass media, particularmente, o padrão da consagração do consagrado.[...] Para compreendermos porque o Estado não pode ser produtor de cultura precisamos retomar a concepção filosófica e antropológica abrangente – a cultura como atividade social que institui um campo de símbolos e signos, de valores, comportamentos e práticas –, acrescentando, porém, que há campos culturais diferenciados no interior da sociedade, em decorrência da divisão social das classes e da pluralidade de grupos e movimentos sociais(CHAUÍ,2009, p. 43-44).

Para Chauí (2009), o fazer social da cultura institui as representações de um grupo ou indivíduos. Nesta condição, a gestora encarrega-se de mediar determinadas práticas sociais mediante a atuação do poder público. Ao mediar, legitima também um conjunto de signos e imagens que traduzem formas de “ser” e “estar” naquele espaço cultural. Numa perspectiva relacional, focaliza-se um discurso no sentido de “uma voz autorizada” pertencente a um “sistema de relações objetivas no qual as posições e as tomadas de posição se definem relacionalmente e que domina ainda as lutas que visam transformá-lo” (BOURDIEU, 1998 p. 175).

Em outra passagem a entrevistada nos fala da agenda da cidade,

Nós temos uma agenda anual da cidade, na qual fazem parte várias datas. Começa no início do ano com a benção dos alimentos e ao longo do ano a gente vai desenvolvendo várias atividades. Faz parte

da agenda anual da cidade mesmo. Na verdade, é uma troca (LARA, 2015).

O Memorial assim como outros centros históricos e monumentos são utilizados como recursos de governabilidade enquanto equipamentos culturais. Conforme nos releva Choay (2001),

[...] a cidade patrimonial é duplamente posta em cena. De um lado, ela é iluminada, maquiada, paramentada para fins de embelezamento e midiáticos; de outro lado, ela serve de palco para festivais, festas, comemorações, congressos, verdadeiros e falsos happenings que multiplicam o número dos visitantes em função da engenhosidade dos animadores culturais. O objetivo, destes últimos, é preparar os visitantes para a criação de uma atmosfera convivial (CHOAY, 2001, p.224).

A espetacularização dos centros históricos nas cidades contemporâneas, como produto cultural converge na fala da gestora quanto à importância da agenda anual da cidade, com a aplicação de uma política cultural voltada à valorização de eventos, com grande afluência de público ao Memorial de Imigração Polonesa como também um espaço significativo na mídia.

A cidade e suas possíveis intervenções são consideradas da perspectiva dos potenciais “cidadãos consumidores”. Ela mesma é um produto a ser vendido, com seus atributos e qualidades, serviços públicos e redes de serviços privados. O marketing urbanístico opera mediante a informação, a comunicação, o convite a fazer uso da cidade (GARCIA, 1994, p. 1134).

A estreita relação com uma política cultural voltada a eventos é reafirmada no seguinte recorte: “Acho bem interessante, porque eles participam, desde o pequenininho, a partir de 2, 3 anos de idade ele dança, como uma pessoa de 60, 70 anos. Então todas as faixas etárias participam. Acaba que todos se envolvem” (LARA, 2015, p.2). Sendo assim, a cidade se torna um “espetáculo” cotidiano, em constante renovação.

Cabe dizer que a cidade foi transformada de teatro ou “cenário de encontro”, elementos presentes na imagem dos anos 70, em espetáculo multimídia dos anos 90, cuja audiência privilegiada não se encontra mais apenas posta nos habitantes locais, mas, simultaneamente, no país e no mundo. (GARCIA, 2001, p.113)

Segundo a autora, a estratégia de marketing urbano presente na dinâmica cultural da cidade, possui um grau de visibilidade de alcance internacional. Estas estratégias de *city marketing* atualmente são viabilizadas com uma agência de fomento específica para fins de atração de capital para a cidade.

A Agência Curitiba criada em 2007, tem como propósito "fomentar a atividade econômica" e promover "eventos especiais que contribuam efetivamente para o fomento das atividades econômicas da cidade" (CURITIBA, 2016). Esta sociedade é de economia mista com 51% de capital municipal e a presidência do conselho administrativo da Agência é do próprio prefeito da cidade. Existe a possibilidade de funções sobrepostas, visto que a própria prefeitura possui setores aptos a exercer as mesmas funções da Agência, como por exemplo, o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC.

Na análise do discurso do entrevistado Sérgio Pires, arquiteto e urbanista, um dos idealizadores do projeto do MIP junto ao IPPUC na década de 1980, percebe-se que ele tem acompanhado o desenvolvimento do Memorial no aspecto de equipamento urbano. No recorte inicial, ao comentar a respeito da dificuldade da aquisição das casas de troncos para o Memorial, pertencentes aos poloneses da Colônia Tomaz Coelho, o entrevistado faz a seguinte colocação: "Porque os poloneses só tratavam com quem falava polonês. Não tinha essa história que tinha um forasteiro aqui, que ia querer as nossas casas" (PIRES, 2015).

O fato dos colonos manterem a língua polonesa como fator de resistência cultural revela a preocupação com a preservação identitária da comunidade. A linguagem para o pedagogo e multiculturalista Peter McLaren (2000) é vista como o meio básico no qual "as identidades sociais são construídas, os agentes sociais são formados, as hegemonias culturais asseguradas, e, designando e agindo sobre a prática social" (MCLAREN, 2000, p.30).

Esta construção da identidade cultural através da linguagem, que nos fala McLaren (2000), subjetivamente revela uma resistência cultural em relação à cultura nacional. Historicamente, esta atitude até se justifica devido à invasão territorial da Polônia pelas nações e reinos vizinhos e conseqüente opressão política, como o exposto no segundo capítulo desta dissertação.

Mais adiante, o entrevistado cita o uso do pão e sal na recepção ao Papa em Curitiba: "eles foram, levaram pão e sal [ao Papa]. Pois é assim que se recebem as

pessoas na tradição polonesa”. Para o polonês, servir o pão e o sal para os convidados é um ato de hospitalidade e possui um significado de ato eucarístico.

Esta prática cultural, como vimos em relação ao pão e sal dos poloneses, possui o papel de orientar e dar sentido aos sujeitos na sua vida cotidiana, situando-se entre o mundo real e às percepções do sujeito em pensar o mundo, gerando imagens mentais e concepções de mundo que lhe são próprias.

No terceiro recorte, o entrevistado possui a seguinte representação dos poloneses: “Muita festa. Os polacos são divertidos. Dançam muito”.

As festas dos poloneses, de modo geral, constituem práticas culturais que comunicam saberes e práticas coletivas associadas à cultura imaterial. Neste encontro do grupo, a tradição da cultura local favorece uma transmissão de valores para sua continuidade. Assim, as representações sociais passam a exercer a mediação simbólica produzida na associação dos sentidos, como fonte geradora do patrimônio imaterial e da intangibilidade da memória social.

Na concepção de Moscovici (2003), a linguagem e a cultura organizam os nossos pensamentos, uma vez que:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação da memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2003, p.23).

Desta maneira, a constituição de uma representação não tem sua origem apenas no social, mas na possibilidade de ser compartilhada por todos e fortalecida pela tradição a que se refere o entrevistado.

Mais adiante, o entrevistado reforça a ligação dos imigrantes com a lavoura ao realizar a seguinte citação: [...] “Ficaram [os poloneses] na parte periférica da cidade. Ficaram cuidando da terra. Tanto que o polonês aqui é chamado de batateiro. Sempre teve o cultivo da lavoura como seu ganha-pão”. (PIRES, 2015).

A imagem apresentada a respeito do polonês, na perspectiva das representações sociais, segundo Moscovici (1981), “[...] constituem uma organização psicológica, uma forma de conhecimento particular de nossa sociedade e irreduzível a qualquer outra” (MOSCOVICI, 1981, p. 46).

Para Stuart Hall (2000), a imagem construída através de discursos, de determinado grupo, como no caso dos poloneses, é parte de uma identidade coletiva, construída na linguagem dos sujeitos,

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 109).

No entanto, o estereótipo do polonês como batateiro, nas palavras do pesquisador inglês, Peter McLaren (2000) pode assumir um caráter de discriminação,

Preconceito é o prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação (MCLAREN, 2000, p. 212).

Ao abordarmos o preconceito na perspectiva das representações, percebemos inúmeras interpretações, mas que geralmente dependem da lógica social. Nas reflexões de Jovchelovitch e Guareschi (1998, p. 92) "a teoria das representações sociais se alimenta destas compreensões quando discute as origens sociais do saber e, em particular, quando estuda como os contextos sociais e as representações se constituem mutuamente".

Para a autora, o pensamento, as percepções de mundo dos indivíduos e o seu sistema cognitivo atuam em conjunto com o sistema social do indivíduo. As formas de representação são partes inerentes do processo de representação, relacionado ao contexto em que se configuram.

O preconceito como discurso de determinado meio social pode ser analisado na teoria das representações sociais considerando o sistema cognitivo do indivíduo como o sistema social em que é gerado.

Moscovici argumenta que o meio social controla e estabelece as regras do processamento das informações. Tanto o sistema cognitivo como o sistema social podem explicar a questão do conhecimento do indivíduo pelo senso comum. "No nível do indivíduo as transformações são executadas pelas regras de inferência, no nível coletivo elas são executadas pelas regras da comunicação" (MOSCOVICI, 1981, p.

167). Em relação ao projeto de criação do Memorial de Imigração Polonesa por parte do entrevistado, temos o seguinte depoimento,

Como eu já conhecia outros parques do mundo, eu me baseei no Skansen. O Skansen é um parque de casas na região de Estocolmo. Foi este que foi minha inspiração para fazer aquilo. Eu disse não. Vamos fazer o parque desse jeito, com mais casas e etc. e tal. Então eu dei a minha meta. Vocês têm os projetos aqui dentro da biblioteca. [...] O projeto é desenho meu. (PIRES, 2015).

Portanto, o projeto de concepção do Memorial apresenta-se como de cunho arquitetônico e urbanístico. Na planta baixa da Figura 30 estão delimitados os espaços das edificações, o palco, a praça e outros equipamentos urbanos existentes no MIP.

Figura 30 – Projeto urbanístico do MIP. 1994.



FONTE: IPPUC.2015.

Observamos que o Memorial foi concebido a partir de uma concepção urbanística, composto basicamente por uma praça com casas históricas no entorno, conforme alguns itens arrolados na plantada Figura 29. No projeto do Memorial, originalmente, havia a proposta do Museu do Utensílio e Mobiliário, denominado atualmente como Museu da Habitação, que acompanhou o mesmo perfil de apresentação e localização desde o início das atividades. A proposta do Museu do Vestuário não teve o desenvolvimento previsto. No entanto constatamos que não houve um projeto que evidenciasse uma linha de trabalho, ou mesmo um roteiro

básico do circuito expositivo. As duas exposições abertas ao público, do museu do mobiliário e a de objetos agrícolas em outra edificação, não possuem apoio de textos, fotos ou ilustrações, podendo ser contempladas sem acesso ao cômodo.

A ausência de um projeto museológico, a valorização do local como um equipamento urbanístico e a falta de um projeto de lei de criação daquela unidade, poderiam ajudar a explicar algumas carências do local, como a inexistência de um quadro de funcionários e a falta de desenvolvimento de serviços básicos de um museu. Portanto, a análise da documentação da instituição ficou comprometida, visto que não existe um conjunto de textos ou um roteiro expositivo que possibilitassem dados para análise.

Mais adiante, o entrevistado continua relatando a respeito da aquisição das primeiras casas do Memorial,

Daí o que aconteceu? Nós conseguimos aquela casa. Depois, o Waldir Simões, tinha aquela galeria Waldir Simões, comprou uma casa de polonês. Porque acontece o seguinte, tudo isso seguiu por que a gente tinha a Colônia Tomás Coelho em Araucária que ia ser alagada pelo Passaúna, e resolveram tirar. Ele era meu amigo, e ele me vendeu como madeira velha, e sempre foi assim (PIRES, 2015).

Desta maneira, podemos entender que o projeto do Memorial sob responsabilidade do IPPUC, restringe-se à esfera do urbanismo, sem enfoque na estrutura administrativa de museu conforme esta fala: “Mas lá não é museu, isso talvez seja um erro” (PIRES, 2015). Torna-se evidente que a falta de uma estrutura de museu e a preocupação com a aquisição das casas de troncos para a composição da paisagem daquela área, coaduna com a política de construção da paisagem daquele período administrativo dentro do processo de *city marketing* conforme observamos no decorrer do segundo capítulo.

Na concepção do entrevistado, o Memorial de Imigração Polonesa não deve ser visto como um museu, mas estar voltado para a promoção da cultura polonesa.

Gi²⁰: Mas, por exemplo, as escolas que visitam não dispõem de setor educativo. Então é um museu-memorial. Memorial pela sua monumentalidade que ele exerce, pelo símbolo que tem, mas ao mesmo tempo como museu, ele não tem aquela estrutura museológica.

²⁰ GI: Abreviatura Gina Issberner

SP²¹: Mas lá não é museu, isso talvez seja um erro. (Pausa)

SP: Aquilo ali, ao meu modo de ver, você tem um museu ao ar livre, mas eu acho que você pensar numa estrutura administrativa de museus não.

GI: Você não vê o Memorial dessa maneira?

SP: De jeito nenhum.

GI: Você vê o Memorial mais voltado para a cultura polonesa?

SP: Sim. Do mesmo jeito que os ucranianos, do mesmo jeito que o bosque alemão. Isso começou... eu trabalhei antes com o patrimônio cultural. Quem bolou as unidades de interesse de preservação fui eu. Quem bolou a lei de incentivo ao potencial construtivo fui eu. Então eu estudei muito estas coisas (PIRES, 2015)

O arquiteto ao mencionar sua experiência com o patrimônio cultural, se refere ao decreto municipal nº 1547/1979 que propõe inicialmente, o monitoramento de 586 imóveis de Curitiba. Na ocasião, o entrevistado compunha a equipe do IPPUC liderado pelo então futuro prefeito Rafael Greca (gestão 1993-1997),

Art. 1º - Fica criado o Setor Especial das Unidades de Interesse de Preservação, constituído por edificações que, de alguma forma, possam concorrer significativamente para marcar as tradições e a memória da cidade (CURITIBA, 1979).

O direcionamento das políticas de proteção ao patrimônio cultural voltado para as edificações pode ser evidenciado neste decreto, além de um documento em depósito na Casa da Memória. Uma carta de Jaime Lerner (em anexo), na época prefeito de Curitiba, aos proprietários de imóveis contemplados como Unidade de Interesse de Preservação – UIP, datada de 1980 em que destaca a preocupação com a paisagem, “o que se pretende, é a melhoria da paisagem da cidade, com a revitalização de muitos imóveis” (LERNER, 1980).

A política municipal de preservação do patrimônio arquitetônico de Curitiba se enquadrava na construção da imagem da cidade, com a criação de espaços urbanos que focassem a europeização com vistas a exportar para outras regiões uma imagem de primeiro mundo, destacando as tradições preservadas arquitetonicamente, evidenciando o compartilhamento dos ideais do *city marketing* do poder público.

Portanto, de acordo com o entrevistado, a intenção de implantação do Memorial seria uma estrutura de uso público de lazer, sem ater-se a possibilidade de

²¹ SP: Abreviatura de Sergio Pires.

implantação de um museu. Desta maneira, podemos sugerir na nossa análise, que o viés do IPPUC na tematização étnica dos parques e praças de Curitiba, converge na direção da proposta de *city marketing* que perdura até hoje.

Esta política de promoção da cidade foi fortalecida com a implantação da Agência Curitiba de Planejamento S.A. em 2007, criada pelo governador Carlos Alberto Richa – lei nº 7671, cujo capital é de 51% do município, e tem como sócias a Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP-PR, Federação do Comércio do Estado do Paraná -FECOMÉRCIO e Federação das Associações Comerciais e Empresariais- FACIAP.

O sujeito desta próxima entrevista Danuta Lisicki Abreu, se apresenta como coordenadora do Bosque do Papa e representante da Missão Católica Polonesa. Inicialmente, nesta entrevista, ao indagarmos da importância do Memorial para a comunidade de descendência polonesa, temos o seguinte discurso da entrevistada,

A responsabilidade de participar da experiência inovadora de organizar um “Skansen” (Museu ao Ar Livre), de ter um lugar, um parque para falar das tradições, do folclore, da religião, costumes da gente polonesa, era para mim trazer, para o solo da pátria brasileira as raízes deixadas na nunca esquecida Polônia (ABREU, 2015, p.1).

Nesta fala a coordenadora se coloca como capacitada na condição de organizadora de um museu como o de Skansen, inaugurado em 1891, na Suécia. A entrevistada equipara o Museu Etnográfico ao Ar Livre Skansen, localizado em Estocolmo. Trata-se, “na maioria dos casos, de um conjunto de edifícios que ilustram o modo de vida de uma dada comunidade” (SUANO, 1986, p. 66).

Na citação acima, a “responsabilidade de participar da experiência inovadora de organizar” percebemos o comprometimento para aquilo que a mobiliza, a realidade do seu trabalho, a socialização do sujeito pelo trabalho. Estas representações perpassam os conteúdos da seguinte reflexão: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com uma dimensão prática e que concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 53). Temos então uma imagem do sujeito participante e inovador.

Na sequência do discurso, é mencionado “*costumes da gente polonesa*” subentendido como pessoas da Polônia, que trazem um modelo de comportamento europeu, a ser admirado pelos que visitam o local. Nestes termos, temos então,

subjetivamente uma hierarquização de valores europeus que se espera, sejam absorvidos pelos nacionais.

Existe uma qualidade transnacional no discurso “para mim trazer, para o solo da pátria brasileira as raízes deixadas da nunca esquecida Polônia”. Neste recorte, observamos certa resistência à identidade brasileira mesmo considerando que tenha assumido o papel de coordenadora de uma unidade gerida pelo estado do Paraná e pelo município.

Neste mesmo recorte observamos uma personalização quando a dirigente coloca o discurso na primeira pessoa, “era para mim trazer, para o solo da pátria brasileira” enunciando um apoderamento e uma dramaticidade conjugados pelo fato de oficializar a fala quando a politiza, ao usar a palavra pátria.

Na continuidade da análise deste recorte, a entrevistada menciona “os costumes da gente polonesa, era para mim trazer, para o solo da pátria brasileira as raízes deixadas da nunca esquecida Polônia”, nos parece que primeiramente existe um sentimento de responsabilidade em relação à comunidade polonesa e à própria instituição na qual a profissional está inserida, pelo fato da entrevistada compartilhar de uma mesma história e memória.

A entrevistada nos deixa entrever a problemática dos processos de construção das identidades na contemporaneidade, o fato de ser brasileiro, e ao mesmo tempo ser imigrante polonês, nos revela que a identidade apresenta um processo em constante mudança e que acontece por meio das relações sociais.

Neste panorama, Hall apresenta o conceito de globalização e aponta como os sistemas políticos, econômicos e culturais se organizam nas negociações e construções de identidades,

Um complexo de processos e forças de mudança, [...] atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (HALL, 2000, p.67).

O autor analisa a concepção de uma identidade global e reforçada pelos fluxos culturais, “caracterizada por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2002, p.12). De acordo com Stuart Hall, nossa identidade reúne várias dimensões e características. Nesta perspectiva, nossa

personalidade manifesta uma identidade múltipla, e cada sujeito é capaz de carregar uma pluralidade em si.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação intitulada “As Representações dos Poloneses no Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba” é descrever e analisar as representações sociais dos poloneses no Memorial de Imigração, pela percepção de seus visitantes, gestores e idealizador.

Pode-se perceber que, na análise das representações sociais, além do disposto, do observável na superfície ou aparentemente, existem conteúdos e significados acerca da comunidade polonesa, que influenciam, de forma determinante, a percepção dos visitantes, gestores e idealizadores com relação aos poloneses representados no Memorial.

Na estruturação deste trabalho, iniciamos nossa reflexão apresentando o processo de criação do Memorial no ambiente de *city marketing* por parte do poder municipal, preocupado em construir uma imagem europeia da cidade. Nesta construção de imagem, percebemos as representações sociais criadas pela população de maneira geral, influenciando comportamentos e formas de viver o espaço público.

Na problemática de cidade-espetáculo que nos fala Jeudy, reduzida a *slogan* e bordões superficiais de uma imagem de cidade, tivemos a grata oportunidade de conhecer a fala de Ulpiano Bezerra de Meneses (1985) ao mencionar a cidade-artefato, entendida como patrimônio, que não corresponde mais à imagem da fotografia postal, ou seja, da imagem produzida para o consumo, como cidade que prescinde da experiência.

Dentro da discussão entre cidade-espetáculo e cidade-artefato, podemos entender que o MIP representa parte de cada processo. Tanto inserido na construção da imagem urbana na estratégia de *city marketing* do poder público, como também inserido no processo de apropriação de uso de um patrimônio cultural pela comunidade polonesa.

Em continuidade, ao mencionarmos as características dos equipamentos urbanos e culturais do Memorial, tivemos a oportunidade de conhecer alguns aspectos da cultura polonesa. Ao traçarmos a trajetória política e social dos imigrantes poloneses no seu país de origem e sua vinda para o Brasil pudemos compreender alguns aspectos que influenciaram na dinâmica social da comunidade na região de Curitiba.

A elaboração de uma proposta que permitisse atingir os objetivos desta pesquisa não foi uma tarefa fácil, uma vez que, ao buscar a interdisciplinaridade, mediante a aproximação dos estudos da história cultural e dos museus com a teoria das representações sociais, diversas áreas afins foram solicitadas – psicologia-social, antropologia e sociologia, de modo que um amplo referencial teórico precisou ser compreendido e estudado, para garantir as particularidades da pesquisa empírica.

A teoria das representações sociais, proposta por Moscovici, evidenciou, mais uma vez, tratar-se de uma ferramenta indispensável aos estudos de determinado grupo social, ao possibilitar o surgimento dos conteúdos subjetivos inerentes aos visitantes, gestores e conceptores do Memorial de Imigração Polonesa e que permeiam a vida de uma determinada comunidade, neste caso, os poloneses da região de Curitiba.

A discussão sobre a dimensão social das representações apontou, assim, que estas não se balizam por uma dinâmica de caráter individual, psicológica, mas que se desdobram, pela apropriação de determinada realidade, pela razão de organizarem um processo pertinente a um contexto social onde há a comunicação e o compartilhamento de experiências pessoais com outros indivíduos em suas práticas sociais.

Um dos objetivos desta investigação foi a de saber qual a influência da participação da Missão Católica Polonesa do Brasil, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, no projeto de implantação do Memorial. Observamos que não houve um projeto que contemplasse o Memorial como instituição museológica, em relação aos responsáveis pela implantação.

A ausência de um projeto museológico e museográfico e a valorização do local na forma de um equipamento urbanístico, conforme o idealizador do projeto, Sérgio Pires, explicaria algumas carências do local, como a ausência de um quadro de funcionários e a falta de desenvolvimento de serviços básicos de um museu como pesquisa, conservação e educação.

No decorrer da nossa pesquisa, mencionamos alguns trabalhos a respeito do preconceito em relação ao polonês. Este quesito só pode ser evidenciado na entrevista com o idealizador do Memorial. No caso dos formulários aplicados com os visitantes, não houve a detecção desta imagem, como também nenhuma pergunta direta a respeito desta temática por parte da pesquisadora.

Na nossa pesquisa, a aplicação de formulários de campo e de entrevistas evidenciou uma concepção de que o trabalho do Memorial corresponde às expectativas do visitante e que possui um conteúdo necessário e enriquecedor. No Memorial, ocorre o processo de comunicação e diálogo com o universo da comunidade polonesa. Para discernir qual o conteúdo de imagem com mais aderência, indagamos, por exemplo, sobre qual o objeto ou imagem que mais simbolizava o imigrante e o que mais lhe chamou a atenção no circuito do Memorial; se conhecia algum polonês entre outras questões.

Desta forma, ao finalizar esta dissertação, alguns itens identificados devem ser relacionados, aqui, em condição de destaque:

1. Constatou-se que a estrutura de promoção da cidade de Curitiba mediante a aplicação dos conceitos de *city marketing* por parte das políticas públicas municipais nas décadas de 1980-1990, foi consolidada através da criação da Agência Curitiba S.A. em 2007. Com isso, queremos dizer que este tema não está esgotado, apenas o nosso recorte não alcançou o período temporal de implantação da agência.

2. No discurso de alguns visitantes, (gráfico 6, item 2) detectamos a amostragem de 20%, no item relativo a identificação do espaço como sendo da etnia polonesa, sendo confundida com casas alemãs, suecas etc. o que nos leva a acreditar na necessidade de aplicação de técnicas expográficas, visando uma qualidade de comunicação com o público mais significativa. De fato, percebemos que o Memorial de Imigração Polonesa possui em suas dependências uma exposição de mobiliário e outra de utensílios agrícolas em casas diferentes. Essas mostras não possuem recurso expográfico como etiquetas, iluminação, textos explicativos etc. o que torna a interpretação dos conteúdos e a didática distante do que poderia ser adequado. O museu é um local de aprendizado, onde ações de dinamização possam favorecer a experiência cultural, proporcionando a aquisição de conhecimentos de forma agradável. A comunicação de um museu apoia-se nos recursos da “Museografia” para a mediação de informações entre a instituição e o público, sendo necessária a aplicação desses conhecimentos na rotina de trabalho daqueles profissionais. Assim, podemos supor que a identificação do imigrante polonês com aquele espaço, segundo a ótica do visitante poderia ser mais positiva contribuindo, por exemplo, para a ampliação dos conhecimentos a

respeito da formação da cidade de Curitiba, e quais as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

3. Percebemos que o fato de não haver um plano de concepção museológica do Memorial, pela ótica do idealizador, estaria pontuado por não considerar o Memorial um museu. Neste aspecto, houve uma valorização do Memorial como exemplar arquitetônico, por parte do poder público, em detrimento às possibilidades daquele espaço como unidade museológica. Porém, na opinião da pesquisadora, o Memorial como uma instituição museal, deve ser caracterizado por uma estrutura orgânica com uma política de procedimentos metodológicos, infraestrutura de pessoal e de materiais, pesquisa e difusão cultural entre outros aspectos, para o desenvolvimento dos processos museais que valorizem e preservem o patrimônio cultural dos imigrantes poloneses. Portanto, o incremento destas técnicas museais dentro do Memorial contribuiria para a qualificação da instituição de forma abrangente.

Assim, o Memorial e suas diversas formas de expressão tem a possibilidade de se constituir como um território aberto a novas narrativas para que as memórias e identidades possam conviver e apresentar seu discurso, em uma rede de saberes e fazeres do cotidiano, ampliando suas estratégias de representação e colocando em movimento suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, L.; SILVA, M. O contemporâneo como representação social: o caso dos museus. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 7.2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2014.
- ABRIC, Jean Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- ALBUQUERQUE, J.A. **Nos bastidores de Curitiba: as arquiteturas do discurso da contradição**. MESA REDONDA nº 35 - **Eixo Temático 6**: Educação, Cidadania e Intercultura. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_cidadania_e_intercultura/Mesa_Redonda/01_11_04_m35-79.pdf acesso em 21 mai.2016
- ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul./dez. 2004.
- ALMEIDA, J. F.; ZANINI, M. C. C. Para além de uma antropologia das perdas: identidades polonesas e memórias. **Revista Antares**: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 158-170, jul./dez. 2013.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 18-43, jan. /mar. 1994.
- ÁREAS VERDES DAS CIDADES (2015). **Bosque João Paulo II**. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/-3ebzWrzwoyo/VVPDxpE_L6I/AAAAAAAAAqhQ/NH5Cwje48Wc/s1600/DSC08490.jpg acesso em 5ago 2016
- BARCELLOS, J. **O Memorial como Instituição no Sistema de Museus**: Conceitos e práticas de um conteúdo. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcellos.pdf> Acesso em: 28.06.2016.
- BE CASTANHEIRA DE PERA. **As Pêssankas**. 2015. Disponível em: <<http://becastanheiradepera.blogs.sapo.pt/uma-tradicao-ortodoxa-ucraniana-as-315868>>. Acesso em: 9 fev. 2016.
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> acesso em out.2015
- BOURDIEU, P. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. O capital social. In Nogueira, M. A.; Catani, A. Pierre Bourdieu. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ. Vozes. 1998.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 6 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política nacional de museus**. Brasília: MINC, 2007. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/politica_nacional_museus.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2015.

BUENO, W. L. **Curitiba, uma cidade bem-amanhecida**: vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BURKE, P. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.

CABRAL, M. Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. **Revista Digital Museus**, Rio de Janeiro, maio 2012. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=32845>>. Acesso em: 20 maio 2015.

CÂNDIDO, M. INTRODUÇÃO. **Cadernos de Sociomuseologia**, América do Norte, 20, Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/373/282>>. Acesso em: 06 de outubro de 2015.

CARVALHO, J. M. **A Formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CAVACO, G. P. A. **Um museu na cidade**: representações sociais de uma unidade museológica em transformação no centro de Lisboa. 2011. 227 f. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

CENTRO_CÍVICO.PDF. Disponível em file:///C:/Users/GI/Downloads/centro_civico.pdf Acesso em 5 jul 2016

CEQUINEL, L. **Memorial da Imigração Polonesa, Bosque do Papa**. Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/360921357617545368/> Acesso em 5 ago 2016

CERÁVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da museologia. In: MUSEU PAULISTA, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2004. p. 237-268.

CHAGAS, M. S. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. 1997. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/36/showToc>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

_____. Memória e poder: focalizando as instituições museais. **Interseções**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 9 jul. 2015.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. 2. ed. Salvador: Secretaria de Cultura: Fundação Pedro Calmon, 2009. Disponível em www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/oqecultura_vol_1_chau_i.pdf acesso em 10 de outubro de 2014

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2001.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2004.

CONCEIÇÃO, M. R. M. Museu da gente sergipana: memórias, imaginários e representações. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS, 5, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FCRB, 2014.

COUSILLAS, A. M. **Los estudios de visitantes a museos**. 2006. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/doc-admin/estudios-visitantes-museos.PDF>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Agência Curitiba de Desenvolvimento S/A. **Informações socioeconômicas: guia do investidor**. 3. ed. Curitiba, 2010.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. **Poloneses e ucranianos celebram a Páscoa nos memoriais**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/poloneses-e-ucranianos-celebram-a-pascoa-nos-memoriais/39229>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. **Domingo de festa polonesa no Bosque do Papa**. 2011. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/domingo-de-festa-polonesa-no-bosque-do-papa/24034>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. **Portal polonês marca história da imigração desse povo a Curitiba**. 2015. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/portal-polones-marca-historia-da-imigracao-desse-povo-a-curitiba/38213>. Acesso em 5 jan. 2016.

CURITIBA. **Agência Curitiba**. Disponível em <http://www.agencia.curitiba.pr.gov.br/publico/conteudo.aspx?codigo=1> Acesso em 20 jan. 2016.

CURITIBA SPACE. **Quem foi:** Nicolau Copérnico. Disponível em: <<http://curitibaspace.com.br/quem-foi-nicolau-copernico/>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

CURY, M. X. Marcos referenciais - museus: pesquisa, acervo, comunicação. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 18, n. 21, 2005.

_____. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EMMUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1. 2010, Portugal. **Actas...** Portugal, 2010.

D'OLIVO, F. M. A política e o político na literatura de cordel. In: POSSENTI, S.; BENITES, A. S. L. **Estudos de texto e do discurso:** materialidades diversas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2001. p. 105-124.

DAVALLON, J.; LE MAREC, J. Exposition, representation et communication. **Revisite Recherches en Communication**, Bélgica, n. 4, 1995. Disponível em <http://sites.uclouvain.be/rec/index.php/rec/article/viewFile/1031/881> acesso em 06/02/2016.

DESVALLÉES, A. **A museologia e os museus:** mudanças de conceitos. Rio de Janeiro: MINC/SPHAN - Pró-Memória, 1989. (Cadernos Museológicos, 1).

DIEHL, Astor Antônio. Cultura historiográfica: memória, etnicidade e representação. **Cultura historiográfica**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

DOUSTDAR, N. M. **Imigração polonesa:** raízes históricas de um preconceito. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.

DURHAN, E. R. Cultura, Patrimônio e Preservação-Texto II. In: ARANTES, A. A. (Org.). **Produzindo o Passado:** Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.p. 23-58.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

ENNES, E.G. **Espaço construído:** o museu e suas exposições. 2008. 196f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FACEBOOK.**Memorial Estadual de Imigração Polonesa Papa João Paulo II**. Disponível em <https://www.facebook.com/1494766254136392/photos/pcb.1689540417992307/1689538894659126/?type=3&theater>. Acesso em 02 set. 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FÉRIAS nowblog. 2014. Disponível em: <https://feriasnowblog.wordpress.com/2014/07/04/bosque-do-papa-um-parque-para-conhecer/> >. Acesso em: 9 fev. 2016.

FIGUNDIO, André. **Bosque do Papa em Curitiba**: um passeio cultural, divertido e gratuito. Disponível em: <<http://euqueroeviajar.blogspot.com.br/2012/04/bosque-do-papa-em-curitiba-um-passeio.html>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. Processos e métodos de planejamento e gerenciamento de exposições In: **3º Fórum Nacional de Museus**. Planejamento e organização de exposições (Parte II). 2008 [Slides em Powerpoint/ PDF, pp.1-31]. www.difusaocultural.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/Planejamentoeorganizaçãodeexposicoes2.pdf Disponível em: 10 jan.2016)

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; MOSCAROLA, J. Modelo de formulário interativo para análise de dados qualitativos. **Revista de Economia e Administração**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 27-48, jan./mar. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2005/2005_177_REA.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

FREITAS, M.F. **MUSEU DE CIDADE: Entrecruzando Patrimônio e Cidades**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/1907> Acesso em 15 jun. 2015

GAO S., SADASHI H., KOBAYASHI H., ANDO K. **A study on the construction and production technology of traditional log cabin of Jinjiang Village in the area of Changbai Mountain, Jilin, China**. Tsukuba, Japão, 2012. Disponível em https://www.jstage.jst.go.jp/article/aija/77/678/77_1853/_pdf Acesso em 09 set. de 2016

GARCIA, F.E.S. Políticas urbanas em renovação: uma leitura dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Campinas, n.1, p.115- 132, 1999.

_____. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 16, p. 31-49, jun. 2001.

_____. O *city marketing* de Curitiba diante das novas realidades mundiais. In: **Encontro Internacional Lugar, Formação Socioespacial, Mundo**, 1994, São Paulo. Resumos... São Paulo: ANPEGE, p. 55-56 set. 1994. Disponível em unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/download/1669/1643 Acesso em 25 jan. 2016

_____. Curitiba Anos 90: Cultura e política na produção da imagem da cidade. **XVIII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambú - MG, 1994. Disponível em [file:///C:/Users/GI/Downloads/FernandaGarcia_Curitiba%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/GI/Downloads/FernandaGarcia_Curitiba%20(1).pdf) Acesso 05 ago 2016.

GARCIA, F.E. S. e MOURA R. **Cidades-modelo: espelhos de virtudes ou reprodução do mesmo?** Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, 1999, p.

95-114. Disponível em file:///C:/Users/GI/Downloads/277-62-PB.pdf acesso em 12 jan. 2016

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GEISSLER, H. J. **Análise de critérios para localização de áreas verdes urbanas de Curitiba-PR**: estudo de caso: Bosque do Papa e Parque Barigüi. Florianópolis. 2004. 274 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101552> acesso em 18.6.2015.

GONÇALVES, J. R. S. Os museus e a representação do Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 254-273, 2005.

GOOGLE MAPS. **2078 R. Mateus Leme. Curitiba, Paraná**. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-25.4092206,-49.2715423,3a,75y,180h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1s8SqmqYEdRiD-C3UIGI0M-g!2e0!7i13312!8i6656!6m1!1e1>. Acesso em 15 jul 2016

GUARNIERI, W. R. C. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.

GUEDES, S. L. C.; BAPTISTA, L. V. Que imigrante é esse? Representações do imigrante em um museu de Joinville/SC. In: CONINTER, 2.2013, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2013.

GUEDES, S. P. L. C. S.; MOUTINHO, M. Representações do Brasil em museus de Portugal. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 5, 2015. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caderno_sociomuseologia/article/view/5213>. Acesso em: 10 out. 2015.

GUIA GEOGRÁFICO. **Cultura polonesa**. Disponível em: <<http://www.cultura-arte.com/curitiba/cultura-polonesa.htm>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1970**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Paraná.Curitiba. Histórico**.

Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=410690&search=parana|curitiba|infograficos:-historico> Acesso em 30 set 2016.

ICOM. Declaração de Caracas, 1992. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 15, p. 243-265, 1999. Disponível em: <<http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-caracas.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

ICOM. **Declaração de Quebec**: princípios de base de uma nova museologia. 1984. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

ICOM. **Declaração de Santiago**: princípios-base do museu integral. 1972. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina/12364/declaracaodesantiago1972principios-basedomuseuintegral>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

ICOM. Estatutos. In: **ASSEMBLEIA GERAL, 22**. Viena, 2007. Anais... Viena, 2007. Disponível em: <http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/código%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf>. Acesso: 15 maio 2015.

ICOM. **Rules of the International Committee of Memorial Museums for the remembrance of victims of public crimes**. 2001. Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icmemo/pdf/rulesIC_MEMO.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2016.

IMC. Temas de museologia. **Plano de conservação preventiva – Bases Orientadoras, normas e procedimentos**, ed. Instituto dos Museus e da Conservação, Lisboa, 2007. Disponível em <https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/02/imc-plano-de-conservacao-preventiva.pdf> Acesso em 30 jun 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília. 2011. Disponível em http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_nordeste.pdf. Acesso em 15 jun. 2016

IPPUC. **Retrato das Regionais- regional Matriz**. Curitiba, 2013. Disponível em file:///C:/Users/GI/Downloads/reg_matriz.pdf acesso em 15 mai.2016.

JEUDY, H. P. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

_____. **Memórias do social**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1990.

JORNAL DO ESTADO. **Tomás Coelho vê seu final com a chegada das águas**. Curitiba. 01.02.87.

JORNAL DO ESTADO. **Tomás Coelho: águas devem expulsar famílias**. Curitiba. 07/02/1987

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P.A. **Textos em representações sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

KAWKA, M. A imigração polonesa ao Paraná completa 140 anos. **Polonicus**: Revista de Reflexão Brasil-Polônia, Curitiba, n. 4, 2011.

KERSCH, D. F.; DELONG S.R. Perfil de descendentes de poloneses residentes no sul do Brasil: a constituição da(s) identidade(s). **Domínios da Linguagem**, [S.l.], v.8, n. 3, p. 65-85, ago. 2014. ISSN 1980 5799 Disponível em https://www.researchgate.net/publication/282442716_Perfil_de_descendentes_de_poloneses_residentes_no_sul_do_Brasil_a_constituicao_das_identicidades Acesso em 01 set. 2016.

KERSTEN, M. S. A. **O colono-polaco**: a recriação do camponês sob o capital. 1983. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1983.

KURETZKI, C. F. **Formas do habitar poético na região da Colônia Tomáz Coelho, Araucária, PR**: intercâmbios entre tradições polonesas e as práticas artísticas de Denise Bandeira e Laura Miranda. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, 3., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/357.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

LAROCCA, J. **Casa Eslavo- Paranaense**. Ponta Grossa. Ed. Larocca. 2008.

LEAL, N.M.P.M. Memória e poder: as representações do poder através de uma exposição de longa duração. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v.18 n.21.p 165-176, 2005.

LERNER, J. **Carta do prefeito municipal endereçada aos proprietários de UIPs**. Arquivo 0035 LLEI. Centro de Documentação da Casa da Memória DPC. Curitiba, 1980

LOPES, J. T. **A cidade e a cultura**: um estudo sobre as práticas culturais urbanas. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Porto, Porto, 1998. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/teixeirajoao_lopescidadecultura.html>. Acesso em: 9 maio 2015.

MAGALHÃES, A. **E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil**. Ed. Nova Fronteira. Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro. 1997.

MARANHÃO, H. P. Museus nas representações sociais ou quais são seus lugares no imaginário coletivo. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6. 2008, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 2008. p. 233.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MCLAREM, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MENESES, U.B. O museu na cidade X a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus da cidade. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.5, n.8/9. p.197-205. Set.1984/ab.1985

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOUTINHO, M. Definição evolutiva de sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 27, n. 41, p. 423-427. 2014.

MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA - MINOM. **Estatutos**: constituição da associação. Lisboa: MINOM, 1984. Disponível em: <<http://www.minom-portugal.org/docs-minom-portugal-estatutos.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2015.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In:**Projeto História**.São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OBRZUT, L. C. **A colônia polonesa de TomásCoelho e a represa do rio Passaúna**: a interface entre tradição e progresso. 2006. Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

OLIVEIRA, D. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

_____. **Imaginário da urbanização brasileira, um estudo de caso: Curitiba, seus parques e bosques**.ANPOCS. 2006.Disponível emhttp://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5363&Itemid=361 acesso em 15 jan. 2016

OLIVEIRA, M. **Os poloneses do Paraná (Brasil) e a questão da nacionalização dos imigrantes (1920-1945)**. In: Simpósio Nacional de História, 25. 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2009.

ORNELLA, M. I. GIRAULD, Y. Priseencompte desrepresentations sociales etdupluriculturalismedanslaconceptiondesexpositionsscientifiques. In: **Journée Internationale l'Education Scientifique**,19.1997, Chamonix. **Actes**.Chamonix-FR, 1997.

PARANÁ. **Relatório do presidente da Província do Paraná José Venâncio de Oliveira na abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1872**. Curitiba: Typ. Lopes, 1872.

PARANÁ. Secretaria de Cultura. **Espirais do tempo: bens tombados do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

PARTIU PELO MUNDO. **Bosque do Papa**: uma linda história polonesa na cidade de Curitiba. 2015. Disponível em:
<<http://www.partiupelomundo.com/parana/2015/7/29/bosque-do-papa-curitiba>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PEDRÓN, M. **A experiência dos turistas nos parques de Curitiba/PR**. Dissertação. Pós-graduação em Geografia.UFPR.Curitiba.2013. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30591/R%20-%20D%20-%20MAIRA%20PEDRON.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 15 mar. 2016

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 15 jun. 2015.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RECHENA, A. Teoria as representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 41, p. 211-244, 2011. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caderno_sociomuseologia/article/view/2651>. Acesso em: 13 jun. 2015.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, A. C. T. A acumulação primitiva do capital simbólico. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (Org.). **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 39-50.

ROTH, M. Collectionner ou accumuler ? **Terrain**, Paris, v. 12, p. 125-137, 1989. Disponível em: <<http://terrain.revues.org/3338>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAMBATI, D. N; GUEDES, S. P. L. C; POLAKOVIČ, P. Museu dos Compatriotas Emigrantes no Brasil - República Tcheca: uma experiência social. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 3, n. 2, p. 72-84, 2014.

SAVICKI, A. **Foto de Bosque do Papa João Paulo II**. Foto de Bosque do Papa João Paulo II por Alexandre Savicki em 29/08/2011. Disponível em http://www.apontador.com.br/local/pr/curitiba/parques/1089544R/bosque_do_papa_joao_paulo_ii.html#photo_tab. Acesso em 16 out 2016.

SEEC/PR. **Histórico**. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=15> Acesso em 05 set 2016

SIKORA, M. A. **As políticas de imigração no Brasil nos séculos XIX e XX e o desenvolvimento de territórios**: estudo de caso da Colônia Dom Pedro II. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Campo Largo, 2014.

SILÉN, S. **Finnish-American Architecture and Architects in Northern and Eastern Parts of the United States of America 1850-1950** - From Rural Tradition to Urban Ideal. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade de Jyväskylä. Finlândia. Disponível em https://jyx.jyu.fi/dspace/bitstream/handle/123456789/19741/URN_NBN_fi_jyu-200903171161.pdf?sequence=1 Acesso em 5 set de 2016.

SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 117-145.

TEMPSKI, E.D. Prefácio. In: VALENTINI, J. **A arquitetura do imigrante polonês na região de Curitiba**. Curitiba: Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Paraná (IHGEP), 1982.

TIMBART, N.; GIRAULT, Y. *Représentations Sociales et pratiques déclarées d'adolescents franciliens sur les musées*. In COLLOQUE ADOLESCENCE: ENTRE DÉFIANCE ET CONFIANCE, 2006, Roubaix. **Actas...** Roubaix, 2006. Disponível em: <http://www.yvesgirault.com/pages/doc-pdf/texte_49.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

TVBRASIL.EBC.COM.BR. **Memorial da Resistência de São Paulo**. Disponível em <http://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/memorial-da-resistencia-de-sao-paulo> Acesso em 05 jun 2016

UNESCO. **Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

TURBANSKI, S.S.W.D. **Murici Nossa Terra**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1978. Disponível em http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_renk.pdf acesso em 5 de maio de 2016

VALENTINI, J. **A arquitetura do imigrante polonês na região de Curitiba**. Curitiba: Editora lítero-técnica, 1982.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VARINE-BOHAN, H. **A nova museologia**: ficção ou realidade in museologia social. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

PAPO DE VIAJANTE (2008). Disponível em: <<https://papodeviajante.wordpress.com/2008/08/10/marco-de-2008-curitiba-pr-parte-12/>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

ULTIMOSEGUNDO. **Reconstrução transformou Hiroshima em 'cidade da paz'**. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/reconstrucao/reconstrucao-transformou-hiroshima-em-cidade-da-paz/n1237592457675.html> Acesso em 05 ago. 2016.

VACANZEPOLONIA. **Tradizioni e usanze natalizie in polonia** - cenone di natale in polonia. Disponível em <http://vacanzepolonia.com/tradizioni-natale-polonia> Acesso em 15 out 2016

VIANA, U. F. **Patrimônio e educação: desafios para o processo de aprendizagem**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

VIEIRA, A. M.C. L. **Os Memoriais são um novo gênero de museu?** Disponível em: revistamuseu.com/18de Maio/artigos.asp?id=28640, acesso em: 5 fev. 2016.

WACHOICZ, R. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002. (Coleção galha azul).

WACHOWICZ, R. C. Por que preservar casas de troncos? **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba, ano 8, n. 55, 1-8, jul. 1981 WILLIAMS, P. **Memorial Museums: The Global Rush to Commemorate Atrocities**. Oxford, UK: Berg, 2007.

WINBERRY, J.J. The log house in Mexico. **Annals of the Association of American Geographers** v. 64, n.1. U.S.A., 1974. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8306.1974.tb00954.x/abstract> acesso em fev. 2016.

WINTER, D. **The 9/11 Story Told at Bedrock, Powerful as a Punch to the Gut**. Disponível em http://www.nytimes.com/2014/05/14/arts/design/sept-11-memorial-museum-at-ground-zero-prepares-for-opening.html?_r=0 Acesso em 3 jul 2016.

WOLNY, A. A polaca: a mulata do avesso? Revista **Românica Cracoviensia**, Universidade de Jagiellońskiego. Cracóvia. Ja n. 12, 338-348. 2012. Disponível em <http://www.wuj.pl/UserFiles/File/Romanica%2012/33-Wolny-RC-12.pdf> Acesso 12.03.2015

WPOLITYCE FORUM. Disponível em <http://wpolityce.pl/spoleczenstwo/202605-urodzila-sie-w-wilnie-byla-w-sowieckim-lagrze-pozniej-w-obozie-koncentracyjnym-dzis-brazylijski-park-jana-pawla-ii-to-cale-jej-zycie-zobacz-wideo.2014>. Acesso em set. 2016

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVILLE / MESTRADO EM PATRIMONIO CULTURAL E SOCIEDADE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa **As Representações no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba**, sob a responsabilidade da pesquisadora Gina Esther Issberner cujo objetivo justifica-se pela análise das representações da etnia polonesa em Curitiba. Esclarecemos que sua participação é voluntária e se dará por meio de um formulário a ser preenchido pela pesquisadora ao final da visita ao circuito expositivo do Memorial de imigração polonesa de Curitiba. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa serão mínimos aos entrevistados, compatíveis com as atividades cotidianas dos seres humanos; se você aceitar participar, estará contribuindo academicamente para a promoção da cidadania e pelo fortalecimento da identidade cultural; se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa; o (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração; os resultados da pesquisa serão analisados e publicados no meio acadêmico; para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço da Univille, pelo telefone 41 3455 2765 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNIVILLE na Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte, Joinville - SC telefone (47) 3461-9000.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: __/ __/ __

 Assinatura do participante Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B - Questionário apresentado aos visitantes do Memorial da Imigração
Polonesa em Curitiba

UNIVILLE

MESTRADO EM PATRIMONIO CULTURAL E SOCIEDADE
ALUNA GINA ESTHER ISSBERNER
ORIENTADORA SANDRA GUEDES
QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS VISITANTES DO MEMORIAL DA
IMIGRAÇÃO POLONESA EM CURITIBA

Sabendo da importância cultural do Memorial da Imigração Polonesa e querendo aprofundar os conhecimentos relativos a cultura e a história, estamos desenvolvendo uma dissertação a respeito da representação social dos imigrantes poloneses em Curitiba. Respondendo a este questionário você estará contribuindo para o desenvolvimento deste projeto.

FORMULÁRIO DE PESQUISA

1) Idade

- 1) 18 a 29 anos 2) 30 a 49 anos 3) Acima de 50

2) Gênero

- 1) Masculino 2) Feminino

3) Natural de?

- 1) Curitiba 2) Outro _____

4) Escolaridade:

- () nenhuma
() 1º grau incompleto
() 1º grau completo
() 2º grau incompleto
() 2º grau completo
() superior incompleto
() superior completo
() pós-graduação

5) Ocupação:

- assalariado
- estudante
- empresário
- aposentado
- dona de casa
- desempregado
- funcionário público
- autônomo
- pescador

6) Você já visitou o Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba?

7) Qual o motivo da visita?

- Lazer
- curiosidade
- estudo
- outro _____

8) Você é ou conhece alguém de origem polonesa em Curitiba?

9) Como você vê o imigrante polonês no cenário do Memorial?

10) Qual o objeto que mais chamou sua atenção? Por quê?

11) Qual o objeto que mais simboliza o imigrante polonês?

12) Se você é ou conhece alguém de origem polonesa, acha que se identificou com o que viu?

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVILLE
MESTRADO EM PATRIMONIO CULTURAL E SOCIEDADE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa **As Representações no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba**, sob a responsabilidade da pesquisadora Gina Esther Issberner. Esclarecemos que sua participação é voluntária e se dará por meio de gravação de voz; os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa serão mínimos aos entrevistados, compatíveis com as atividades cotidianas dos seres humanos; se você aceitar participar, estará contribuindo academicamente para a promoção da cidadania e pelo fortalecimento da identidade cultural; se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa; o (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração; os resultados da pesquisa serão analisados e publicados no meio acadêmico; para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço da Univille, pelo telefone 41 3455 2765 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNIVILLE na Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte, Joinville - SC telefone (47) 3461-9000.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/____

Assinatura do participante Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D - Roteiro das entrevistas com os profissionais envolvidos no processo de implantação e gestão do memorial da imigração polonesa em Curitiba

1-ROTEIRO PARA ENTREVISTA PARA A ADMINISTRADORA DE MEMORIAIS DA FCC-CURITIBA

1. Fale um pouco de você: Qual seu nome? Idade, profissão...?
2. Em que momento surge a ideia de implantação do Memorial?
1. Como foi sua participação no processo de implantação do Memorial? Que cargo ou função você exercia na época e onde?
3. Qual a importância deste projeto para a comunidade de descendência polonesa?
4. O projeto desenvolvido teve algum referencial, algum modelo seguido?
5. Você poderia citar os principais parceiros desse projeto?(prefeituras, instituições, comunidade)
6. Quais as principais dificuldades encontradas no decorrer da implantação até os dias de hoje e como você vê o futuro do Memorial?
7. Como são concebidas as exposições e os eventos no Memorial?
8. O museu do memorial foi criado por ato municipal?
9. O Memorial possui serviço de Mediação, de atendimento ao público nas exposições?
10. O Memorial cumpre com a função e qual é essa função, na sua compreensão?
11. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

2-ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A COORDENADORA DO BOSQUE DO PAPA E REPRESENTANTE DA MISSÃO CATÓLICA POLONESA DANUTA LISICKI DE ABREU

1. Fale um pouco de você: Qual seu nome? Idade, profissão...?
2. Em que momento surge a ideia de implantação do Memorial?
3. Como foi sua participação no processo de implantação do Memorial? Que cargo ou função você exercia na época e onde?
4. Qual a importância deste projeto para a comunidade de descendência polonesa?
5. O projeto desenvolvido teve algum referencial, algum modelo seguido?

6. Você poderia citar os principais parceiros desse projeto?(Prefeituras, instituições, comunidade)
7. Quais as principais dificuldades encontradas no decorrer da implantação até os dias de hoje e como você vê o futuro do Memorial?
8. Como são concebidas as exposições e os eventos no Memorial?
9. O museu do memorial foi criado por ato municipal?
- 10.O Memorial possui serviço de Mediação, de atendimento ao público nas exposições?
- 11.O Memorial cumpre com a função e qual é essa função, na sua compreensão?
- 12.Como você se descreve como polonesa?
- 13.Quais as principais expressões étnicas culturais dos poloneses da região de Curitiba?
- 14.Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

3-ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO EX PREFEITO DE CURITIBA JAIME LERNER

1. Como prefeito, o senhor estimulou a criação de monumentos (parques, portais, museus, praças) exaltando o trabalho das etnias e sua contribuição para a sociedade curitibana. Como foi a implantação do Memorial da Imigração Polonesa?
2. Qual a importância deste projeto para a comunidade de descendência polonesa?
3. O projeto desenvolvido teve algum referencial, algum modelo seguido?
4. Quais as principais dificuldades encontradas no decorrer da implantação do memorial?
5. Como você vê o futuro do Memorial?

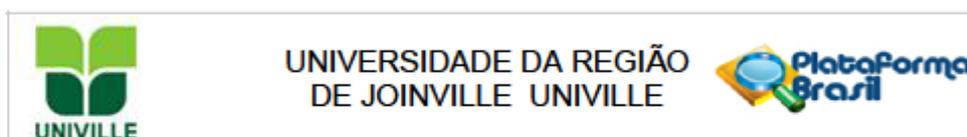
4-ROTEIRO PARA ENTREVISTA DE REPRESENTANTE DA COMUNIDADE POLONESA EM CURITIBA

1. Qual seu nome?
2. Em que momento soube da implantação do Memorial?
3. Como foi sua participação no processo de implantação do Memorial?

4. Qual a importância deste projeto para a comunidade de descendência polonesa?
5. Você poderia citar os principais parceiros desse projeto?(prefeituras, instituições, comunidade)
6. Como você percebe a imagem do polonês no Memorial?
7. Como você se descreve como polonês(a)?
8. Quais as principais expressões étnicas culturais dos poloneses da região de Curitiba?
9. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

ANEXOS

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DE JOINVILLE UNIVILLE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NO MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO POLONESA EM CURITIBA

Pesquisador: gina esther issberner

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 38892114.8.0000.5368

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.047.023

Data da Relatoria: 01/05/2015

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 1.046.988

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 1.046.988

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 1.046.988

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 1.046.988

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O modelo do TCLE solicitado foi enviado.

Recomendações:

Na redação do TCLE no 8º parágrafo retirar a expressão "aos entrevistados" já que o documento está se dirigindo diretamente ao participante. E, também, separar no paragrafo sobre a necessidade de esclarecimento as informações sobre o pesquisador responsável e do Comitê de Ética. Recomenda-se fazer copia do aviso conforme página do CEP.

Endereço: Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 17.

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetic@univille.br

ANEXO B - Carta do Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, aos proprietários de imóveis identificados como Unidade de Interesse de Preservação - UIP.

Prezado Curitibaano

Sua casa foi relacionada no Decreto nº 1547, de 14 de dezembro de 1979, do Poder Público Municipal, como "Unidade Especial de Preservação".

O que significa este novo conceito, já de início confundido com a rigidez de um "tombamento"? Significa que seu imóvel, considerado importante para a história, arquitetura ou memória da cidade, terá sua recuperação, revitalização e preservação incentivadas pelo município.

Mensagem à Câmara neste sentido levará nossa proposta de incentivos fiscais aos proprietários que concordarem em manter suas casas conservadas, e, nelas, só promover alterações físicas ou de uso, com o aconselhamento de Comissão Especial designada pela Prefeitura.

O que se pretende é uma melhoria da paisagem da cidade, com a revitalização de muitos imóveis, e sua destinação a usos sempre importantes, como pontos de encontro, como espaços de serviço de toda a população, como pontos de animação, e, — porque não? —, como lojas e áreas comerciais — sempre lucrativas — e mantidas pelos proprietários.

Sempre será possível a composição entre a construção nova e a edificação antiga. Entre o uso econômico do imóvel e a unidade de preservação. Para isto existe a Comissão.

O rol de casas levantado será estudado com carinho. Os entendimentos com os proprietários são a segunda etapa dos trabalhos. Com isto pretendemos assumir de fato a paisagem da cidade. Ter uma política municipal de preservação. Onde cada casa é um caso.

É lógico que não se vai exigir dos cidadãos que mantenham intatas casas para a Cidade e o Estado — casas de propriedade privada — sem uma contrapartida.

Exemplos muito positivos existentes em Curitiba, e componentes do nosso padrão humano de planejamento, mostram que os imóveis históricos podem ter os usos mais diversos. E nem sempre constituem um peso para os seus proprietários. Podem ser até um bom negócio.

Estão aí, a nos encorajar continuar tentando a preservação da cidade, os casos:

1. Da Casa da Memória da cidade, a ser construída no sobrado nº 135 do Largo da Ordem, onde um comodato conciliou os interesses imobiliários do proprietário e os espaços culturais desejados pela cidade. Ali se vão instalar lojas para aluguel — do senhor Hussein Hamdar —, e arquivos de Curitiba, mais Biblioteca, Pinacoteca, acervos de Andrade Muricy, Romário Martins e Alceu Chichorro.

2. Da Confeitaria e Centro Comercial Schaffer, que se está se construindo e reciclando com a participação da Fundação Cultural de Curitiba, e de um mutirão de Bancos, sem desvantagem para os proprietários.

3. Da Mansão Romani, transformada em Centro Comercial no Batel, com atraentes divididos comerciais, e excelente adaptação arquitetônica.

4. Das livrarias Ghignone; do Banestado — agência da rua XV com Monsenhor Celso; do Banco Nacional da Comendador Araújo; da Galeria Cocaco; dos escritórios do Grupo Romani na praça Euphrásio Correia; das lojas da Mansão Carneiro do Amaral, na rua Pedro II; das lojas da Praça Garibaldi — todas elas bem alugadas —; do próprio prédio do Frischman's, antigo edifício Paulo Hauer; digna e convenientemente usados e restaurados.

É lamentável lembrar o caso da Mansão das Rosas, de dona Mercedes Fontana, onde se perdeu a casa e a paisagem, pela idéia de se construir no local uma ou várias torres de apartamentos. Quando as torres e a casa bem poderiam coexistir, após bom estudo de arquitetura e engenharia. Hoje, a Mansão das Rosas é um monte de ruínas, e as torres não saíram do papel.

Nem sempre a casa velha cai para o melhor uso. Nem sempre o proprietário lucra o máximo com o "negócio" da sua alteração física ou de uso. Na cidade, como na vida, vale o bom senso como medida de todas as coisas.

E onde entra o bom senso entra a imprescindível preocupação com a população e com a comunidade.

A cidade de Curitiba como um todo não pode prescindir da sua dimensão histórica.

Aí entra sua participação. Sua colaboração. Aí entram nossos incentivos.

Nossos serviços de aconselhamento, de projetos, enquanto responsáveis também pela paisagem comum.

Estamos nos empenhando pela melhor qualidade da vida desta Curitiba, e de um número cada vez maior de seus habitantes.

Inclusive o senhor e os seus.

Por isso contamos com o seu apoio.

Respeitosas saudações,

Jaime Lerner
Prefeito Municipal